



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CARLOS ANTÔNIO SILVA DOS SANTOS**

**UNINDO FORÇAS: COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA  
CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

**FORTALEZA**  
**2023**

**CARLOS ANTÔNIO SILVA DOS SANTOS**

**UNINDO FORÇAS: COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA  
CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Pedagogia da Faculdade de  
Educação - FACED da Universidade  
Federal do Ceará - UFC, como requisito  
parcial a obtenção do grau de  
Licenciamento em Pedagogia.  
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Santiago**

**FORTALEZA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

D1u DOS SANTOS, CARLOS ANTONIO SILVA.  
UNINDO FORÇAS : COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA  
CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR / CARLOS ANTONIO SILVA  
DOS SANTOS. – 2023.  
137 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,  
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia  
, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. ALEXANDRE SANTIAGO DA COSTA.

1. educação; felicidade. I. Título.

CDD 370

---

**CARLOS ANTÔNIO SILVA DOS SANTOS**

**UNINDO FORÇAS: COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA  
CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Pedagogia da Faculdade de  
Educação - FAGED da Universidade  
Federal do Ceará - UFC, como requisito  
parcial a obtenção do grau de  
Licenciamento em Pedagogia.  
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Santiago**

**Aprovada em: 08/12/23**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>or</sup>. Dr. Alexandre Santiago da Costa (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline da Silva Sousa  
Centro Universitário Ateneu (UniAteneu)

---

Prof<sup>or</sup>. Dr. Luiz Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas, pela oportunidade de estudar e concluir este curso, e por me dar forças para superar os inúmeros desafios e ao meu santo protetor, Santo Antônio de Pádua, meu santo de devoção, amigo e meu advogado.

Agradeço a contribuição de todos professores e professoras da FACED, na trajetória acadêmica e da realização deste trabalho, em especial, agradeço ao meu orientador, Prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre Santiago da Costa, pela paciência, dedicação e orientação ao longo de todo processo, assim como aos amigos Vanilson Silva e Robério de Souza pela atenção e presteza no auxílio das horas difíceis e corridas da vida acadêmica. Aos e as colegas dos bastidores do Serviços Gerais e Vigilância da UFC, que sempre estiveram nos amparando nas eventuais necessidades.

Agradeço ao amigo Iago Henrique, pela ajuda, pelas indicações de leituras e estudos, assim como aos e as colegas de curso, que compartilham comigo as dificuldades e as alegrias dessa jornada acadêmica.

Agradeço a minha família, pelo apoio incondicional, pelo incentivo e pela compreensão nos momentos de ausência, em especial, a minha amada e companheira Joana Paula, às minhas filhas: Carla Costa dos Santos, minha primogênita, amiga e minha, digamos: “coordenadora administrativa de assuntos paternos” e Marília Costa dos Santos, a minha grande inspiração para a Pedagogia, aos filhos afetivos: Gabriel e Mateus Costa, a minha sobrinha, afilhada, filha afetiva e aluna, Emanuele França dos Santos, ao meu irmão, Eugênio Emanuel e minha cunhada, Regina Kátia e é claro a esse grande incentivador e meu parceiro do dia-a-dia, meu pai, Sr. João Evangelista dos Santos e a minha mãe, Dna Consuelo, que lá do céu, diariamente, nos manda muita força, esperança, Amor e fé: te amo! Acredite...essa conquista é muito dura sem a senhora aqui...

Agradeço com um ingente muito obrigado, para a presidência do Instituto Terre Des Hommes, local de trabalho, na figura do Sr. Renato Pedrosa, a minha coordenação geral, ao Sr. José Nei Robson, a minha coordenação técnica, a qual minha gratidão não tem fim, a Sra. Julliany Viana, a minha gerente, Sra Franciane de Araújo e aos demais colegas, amigos e amigas que, verdadeiramente, torceram para meu sucesso.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta conquista.

**“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”. (Paulo Freire)**

## RESUMO

A felicidade é um tema que tem despertado o interesse de diversos campos do conhecimento, inclusive da educação. Afinal, qual é o papel da escola na promoção da felicidade do seu aluno e do professor? Como a felicidade pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento humano e social? Essas são algumas das questões que nortearam este trabalho, que teve como objetivo investigar a concepção e a percepção de felicidade do corpo docente e discente da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, pesquisa que foi autorizada pelo diretor da escola, ressalta-se que a Escola Ana Beatriz está localizada no município de Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza. Para tanto, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizando como instrumentos de coleta de dados questionários aplicados aos alunos e alunas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e aos/as professores/ras da mesma escola. A análise dos dados foi feita com base em quatro categorias: 1) Concepções de felicidade; 2). Fatores que influenciam a felicidade na educação; 3) Estratégias para fomentar a felicidade nos ambientes educacionais; 4) Benefícios da felicidade na educação. Os resultados revelaram que o participante da pesquisa tem concepções variadas sobre o que é a felicidade, mas que em geral a associa a sentimentos positivos, como amor, paz, alegria, gratidão, satisfação e realização. Além disso, identificou diversos fatores que podem influenciar a felicidade na educação, tais como: o relacionamento interpessoal, o reconhecimento, a valorização, a participação, a autonomia, a cooperação, a diversidade, a inclusão, a criatividade, a ludicidade, a motivação, o respeito, a ética e a cidadania. Em relação às estratégias para fomentar a felicidade nos ambientes educacionais, os participantes sugeriram: promover atividades lúdicas, artísticas, culturais e esportivas; estimular o diálogo, a escuta e o acolhimento; incentivar o protagonismo e a liderança dos alunos; proporcionar momentos de reflexão e autoconhecimento; valorizar as potencialidades e os talentos individuais e coletivos; reconhecer e celebrar as conquistas e os avanços; integrar as famílias e a comunidade ao projeto pedagógico da escola; investir na formação continuada dos professores; melhorar as condições físicas e materiais da escola. Por fim, os/as participantes apontaram os

benefícios da felicidade na educação, tais como: melhoria do clima escolar; aumento da autoestima e da autoconfiança; redução do estresse e da ansiedade; fortalecimento dos vínculos afetivos; melhoria do desempenho acadêmico; desenvolvimento de competências socioemocionais; ampliação das oportunidades de aprendizagem; promoção da saúde física e mental e contribuição para a formação integral dos sujeitos. A partir da análise dos dados coletados, concluiu-se que a “construção da felicidade no ambiente escolar” é um desafio complexo e estimulante, que requer uma abordagem multidimensional e transdisciplinar. Nesse sentido, é preciso considerar as diversas concepções epistemológicas sobre a felicidade que coexistem na sociedade contemporânea, bem como as influências históricas, culturais, sociais, políticas e teológicas que as moldam.

**Palavras-chave:** construção; educação; felicidade; fomentação; sentimento

## ABSTRACT

Happiness is a theme that has aroused interest in various fields of knowledge, including education. After all, what is the role of the school in promoting the happiness of its student and teacher? How can happiness contribute to the teaching-learning process and to human and social development? These are some of the questions that guided this work, which aimed to investigate the conception and perception of happiness of the teaching and student body of EMEF Student Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, research that was authorized by the school director, it is emphasized that the Ana Beatriz School is located in the municipality of Maracanaú, in the Metropolitan Region of Fortaleza. For this, a qualitative research was carried out, of an exploratory and descriptive nature, using as data collection instruments questionnaires applied to the students of the 6th to the 9th year of elementary school and to the teachers of the same school. The data analysis was based on four categories: 1) Conceptions of happiness; 2) Factors that influence happiness in education; 3) Strategies to foster happiness in educational environments; 4) Benefits of happiness in education. The results revealed that the participant of the research has varied conceptions about what happiness is, but in general associates it with positive feelings, such as love, peace, joy, gratitude, satisfaction and fulfillment. In addition, it identified several factors that can influence happiness in education, such as: interpersonal relationships, recognition, appreciation, participation, autonomy, cooperation, diversity, inclusion, creativity, playfulness, motivation, respect, ethics and citizenship. Regarding strategies to foster happiness in educational environments, participants suggested: promoting playful, artistic, cultural and sports activities; stimulate dialogue, listening and welcoming; encourage student leadership and protagonism; provide moments of reflection and self-knowledge; value individual and collective potentialities and talents; recognize and celebrate achievements and advances; integrate families and the community into the school's pedagogical project; invest in the continuing education of teachers; improve the physical and material conditions of the school. Finally, the participants pointed out the benefits of happiness in education, such as: improvement of the school climate; increase in self-esteem and self-confidence; reduction of stress and anxiety; strengthening of affective bonds; improvement of academic performance; development of socio-emotional skills; expansion of learning opportunities; promotion

of physical and mental health and contribution to the integral formation of subjects. From the analysis of the collected data, it was concluded that the “construction of happiness in the school environment” is a complex and stimulating challenge, which requires a multidimensional and transdisciplinary approach. In this sense, it is necessary to consider the various epistemological conceptions about happiness that coexist in contemporary society, as well as the historical, cultural, social, political and theological influences that shape them.

**Keywords:** construction; education; happiness; fostering; feeling

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Perguntas de Informações Docentes – I.....	86
Tabela 2	– Perguntas de Informações Docentes – II.....	87
Tabela 3	– Perguntas de Informações Docentes – III.....	89
Tabela 4	– Pergunta 1 do Questionário – Docentes.....	89
Tabela 5	– Pergunta 2 do Questionário – Docentes.....	91
Tabela 6	– Pergunta 3 do Questionário – Docentes.....	92
Tabela 7	– Pergunta 4 do Questionário – Docentes.....	95
Tabela 8	– Pergunta 5 do Questionário – Docentes.....	97
Tabela 9	– Perguntas de Informações Discentes – I.....	99
Tabela 10	– Perguntas de Informações Discentes – II.....	100
Tabela 11	– Pergunta 1 do Questionário – Discentes.....	101
Tabela 12	– Pergunta 2 do Questionário – Discentes.....	103
Tabela 13	– Pergunta 3 do Questionário – Discentes.....	106
Tabela 14	– Pergunta 4 do Questionário – Discentes.....	108
Tabela 15	– Pergunta 5 do Questionário – Discentes.....	110
Tabela 16	– Pergunta 6 do Questionário – Discentes.....	113

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEF	Escolas Municipais de Ensino Fundamental
FACED	Faculdade de Educação
FIB	Felicidade Interna Bruta
LDB	Lei de Diretrizes e Base
PERMA	Positive Emotion (Emoção positiva), Engagement (Engajamento), Relationships (Relacionamentos), Meaning (Significado), Achievement (Realização)
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza

## LISTA DE SÍMBOLOS

- \* DOC – Docentes
- DIS – Discentes

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ENTENDENDO A FELICIDADE E A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>A Felicidade segundo a filosofia.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>A Pedagogia e a fomentação da felicidade no ambiente escolar.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3</b>	<b>A Política educacional e a construção de uma sociedade feliz.....</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>PENSANDO COM EDUCADORES.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1</b>	<b>Paulo Freire e a felicidade na educação.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2</b>	<b>Maria Montessori e a criança feliz.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>Learice Barreto Alencar e a relevância da felicidade na dinâmica escolar.....</b>	<b>51</b>
<b>4</b>	<b>CONSTRUINDO A FELICIDADE NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL .....</b>	<b>65</b>
<b>4.1</b>	<b>E o que diz a BNCC sobre a felicidade?.....</b>	<b>68</b>
<b>4.2</b>	<b>E o que diz a LDB sobre a felicidade?.....</b>	<b>75</b>
<b>4.3</b>	<b>A importância das Artes Cênicas para a construção da felicidade.....</b>	<b>79</b>
<b>5</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS DOCENTES E DISCENTES PARTICIPANTES DESTA PESQUISA.....</b>	<b>82</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>120</b>
<b>8</b>	<b>ANEXO – I: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA.....</b>	<b>134</b>
<b>9</b>	<b>ANEXO – II: AUTORIZAÇÃO PARA O USO DO NOME DA ESCOLA PESQUISADA EM TRABALHO ACADÊMICO CIENTÍFICO.....</b>	<b>135</b>
<b>10</b>	<b>ANEXO – III: FORMULÁRIO A - DISCENTES.....</b>	<b>136</b>
<b>11</b>	<b>ANEXO – IV: FORMULÁRIO B - DOCENTES.....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa acadêmica, analisou-se a felicidade como elemento fundamental para a criação de um espaço pedagógico saudável e propício ao bem-estar e à convivência. A partir de uma visão específica da escola como um lugar importante e compartilhado, que produz comportamentos e aprendizagens, buscou-se entender a formação da felicidade e o impacto que ela tem na história da educação, marcada pelo desenvolvimento de melhorias nos diversos sistemas de ensino. Nesta pesquisa, adotou-se uma abordagem que valoriza a percepção do "indivíduo" sobre a relevância da felicidade fortalecida por aspectos de experiência, do empirismo e de fatores influenciadores. Para isso, foram coletados dados relevantes sobre o tema e aplicamos questionários com professores e alunos de uma escola pública do município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza/CE. Os resultados dessa pesquisa nos auxiliaram a entender a dinâmica escolar e à adequação às inserções de disciplinas que possam trabalhar à "construção da felicidade" e a difusão da importância de um ambiente feliz para o bem-estar de estudantes e docentes, assim como de toda comunidade envolvida.

A felicidade é um tema que sempre despertou o interesse dos seres humanos, desde os tempos mais remotos até os dias atuais. Mas o que é a felicidade? Como podemos alcançá-la? E qual é o papel da educação nessa busca? Essas são perguntas que não têm respostas simples ou definitivas, mas que podem ser exploradas a partir de diferentes olhares e abordagens. Neste trabalho, prezamos por apresentar algumas concepções de felicidade que foram desenvolvidas ao longo da história, desde os filósofos gregos até os pensadores contemporâneos, e analisar como elas se relacionam com a pedagogia, com a educação em suas várias abordagens, especialmente, no contexto escolar.

Para os gregos antigos, a felicidade era entendida como "eudaimonia", ou seja, uma vida plena, virtuosa e de acordo com a razão. A felicidade não era um estado emocional passageiro, mas sim um modo de vida que exigia esforço, disciplina e sabedoria. A educação, nesse sentido, tinha como finalidade formar o cidadão ideal, capaz de exercer sua cidadania e contribuir para o bem comum. A escola era o espaço onde se transmitiam os conhecimentos e os valores necessários para a realização da eudaimonia.

Na Idade Média, a felicidade foi associada à salvação, ou seja, à vida eterna após a morte. A felicidade terrena era vista como ilusória e transitória, e a verdadeira felicidade só poderia ser alcançada por meio da fé, da obediência e da renúncia aos prazeres mundanos. A educação, nesse período, estava subordinada à religião, e a escola era o lugar onde se ensinava a doutrina cristã e se preparava o indivíduo para a vida espiritual.

Na Modernidade, a felicidade passou a ser concebida como um direito natural do ser humano, que deveria buscar sua realização pessoal e sua liberdade. A felicidade estava ligada ao progresso, à razão e à ciência, que prometiam oferecer melhores condições de vida e de conhecimento. A educação, nessa época, visava formar o indivíduo racional, crítico e autônomo, capaz de participar da sociedade e de transformá-la. A escola era o espaço onde se difundiam as ideias iluministas e se estimulava o desenvolvimento intelectual.

Na Contemporaneidade, a felicidade tornou-se um objeto de estudo de diversas áreas do saber, como a psicologia, a sociologia e a neurociência. A felicidade é compreendida como um fenômeno complexo e multidimensional, que envolve aspectos subjetivos e objetivos, individuais e coletivos. A felicidade depende de fatores internos e externos, como as emoções, os valores, as relações sociais, as condições materiais, a saúde, o trabalho etc. A educação, nesse contexto, tem como desafio formar o indivíduo integralmente, considerando suas dimensões cognitivas, afetivas, éticas e estéticas. A escola é o espaço onde se promove o bem-estar dos docentes e dos discentes, por meio de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a criatividade, a cooperação e a participação.

Como se pode perceber, as concepções de felicidade mudaram ao longo do tempo e refletiram as diferentes visões de mundo e de homem que marcaram cada época. No entanto, pode-se identificar alguns pontos em comum entre elas: a felicidade é uma busca constante do ser humano; a felicidade está relacionada à realização do potencial humano; a felicidade envolve uma dimensão individual e uma dimensão social; a educação é um meio fundamental para alcançar a felicidade; a escola é um ambiente propício para cultivar a felicidade. Desta forma, existe uma relação intrínseca entre a felicidade e a educação. A educação pode contribuir para a promoção da felicidade do seu aluno, professor e funcionário ao oferecer oportunidades de aprendizado e de conexões lúdicas, esportivas e artísticas. A

felicidade e a educação são temas que se entrelaçam na história do pensamento humano, desde os antigos filósofos até os educadores contemporâneos, como já foi citado. Neste trabalho, proponho uma reflexão sobre essa relação, considerando diferentes abordagens filosóficas, pedagógicas e políticas. O trabalho está dividido em quatro capítulos, que tratam dos seguintes assuntos:

No primeiro capítulo, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o conceito de felicidade na filosofia, na pedagogia e na política, procurando entender como a felicidade pode ser promovida no espaço escolar e como ela se articula com a construção de uma sociedade feliz.

No segundo capítulo, examinou-se as contribuições de alguns educadores que se dedicaram à felicidade na educação, como Paulo Freire, Maria Montessori e Learice Alencar Barreto, ressaltando os principais elementos de suas propostas e práticas pedagógicas.

No terceiro capítulo, discutiu-se como a felicidade na educação pode ser construída à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e da relevância das Artes Cênicas para o desenvolvimento integral dos estudantes.

E, no quarto capítulo, mostrou-se os resultados da pesquisa que fiz na Escola Municipal de Ensino Fundamental Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, em Maracanaú/CE, onde entrevistei professores, alunos e gestores sobre a sua visão e percepção da felicidade no ambiente escolar.

Por fim, a conclusão deste trabalho acadêmico apresenta-se os principais resultados e contribuições da pesquisa realizada sobre a educação e a felicidade. Nela, sintetiza-se as ideias centrais dos autores estudados, destacando-se compreensão, entre eles, da importância da “construção da felicidade” nos ambientes educacionais. Também se aponta as implicações pedagógicas e profissionais da abordagem da felicidade na educação escolar, bem como as limitações e os desafios para sua implementação. Finalmente, indica-se rotas possíveis para a continuação e o aprofundamento da pesquisa. Portanto, estabelece-se como objetivo deste estudo examinar a conexão entre a felicidade e a educação, a partir de um ponto de vista filosófico, psicológico e pedagógico, assim como apontar novos problemas e visões que possam incrementar a discussão sobre este assunto de grande importância para a sociedade atual.

## 2 ENTENDENDO A FELICIDADE E A EDUCAÇÃO

O despertar da sua incitante percepção à relevância da felicidade na vida humana tem ganho reconhecimento crescente, não apenas como uma mera emoção positiva, mas como um elemento vital que contribui para uma série de benefícios significativos em diversas áreas. Pesquisas<sup>1</sup> recentes apontam que a felicidade está intrinsecamente ligada às vantagens que vão além do simples bem-estar emocional. Ela tem sido associada a resultados tão diversos quanto a obtenção de salários mais elevados e o fortalecimento do sistema imunológico. Além disso, a felicidade também exerce um papel notável no estímulo da sua criatividade.

No entanto, um dos contextos em que a felicidade assume um papel crucial é o âmbito pedagógico. Boto (2021), considera a felicidade como um componente integral do processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno é fundamental. A felicidade não deve ser vista como um mero subproduto da educação, mas como um objetivo em si mesmo. Ela pode desempenhar um papel transformador na educação, melhorando o engajamento do aluno, aumentando sua motivação para aprender e promovendo um ambiente de aprendizagem mais produtivo e criativo.

No contexto da Pedagogia, é essencial cultivar a felicidade como parte integrante do currículo e da cultura escolar. Os educadores têm a responsabilidade de não apenas transmitir conhecimento, mas também de construir um ambiente onde os alunos se sintam emocionalmente seguros e motivados. Quando os estudantes estão felizes, eles tendem a compreender melhor o conteúdo, participar mais ativamente nas atividades de aprendizado e enfrentar desafios com uma atitude positiva. Além disso, a felicidade na sala de aula não beneficia apenas os alunos. Também influencia positivamente no bem-estar dos professores, criando um

---

<sup>1</sup> Cito algumas reportagens que medem o nível de felicidade, em 2023.

Referências:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/agencia-estado/2023/03/20/mapa-da-felicidade-pesquisa-mostra-quem-e-mais-feliz-em-sao-paulo.htm>

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2023/02/24/a-chave-para-a-felicidade-segundo-o-maior-estudo-ja-feito-sobre-o-assunto.htm>

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2023/03/felicidade-nota-6.shtml>

<https://blog.publicidade.uol.com.br/brainstorm/o-brasil-e-feliz-estudo-mapeia-o-que-esta-no-gap-entre-pessoas-felizes-e-infelizes.htm>

ciclo virtuoso de aprendizado e ensino. Professores que estão satisfeitos e felizes em seu trabalho têm mais probabilidade de se dedicar, inovar e inspirar seus alunos.

Em resumo, a felicidade na educação vai além de apenas um sentimento agradável. Ela desempenha um papel vital na formação de indivíduos bem ajustados, motivados e criativos. Na concepção de Hourdakis (2001. p.13):

O conveniente e o justo, o bem e a medida, a felicidade da sociedade e do indivíduo, que constituíram o âmbito no qual Aristóteles situou sua teoria da educação, são também o que poderia constituir os principais eixos da educação de hoje.

Portanto, cultivar a felicidade deve ser uma prioridade na Pedagogia moderna, visando criar um ambiente de aprendizado positivo e construtivo que prepare os alunos não apenas para a obtenção de conhecimento, mas também para enfrentar os desafios da vida de maneira mais flexível e alegre.

## **2.1 A Felicidade segundo a filosofia**

A Filosofia, “mãe de todas as matérias”, também, “caminha nessa ideia”, ou seja, de “decifrar” epistemologicamente a felicidade e suas múltiplas concepções e compreensões. Ao longo dos séculos, a filosofia tem se dedicado em explorar alguns conceitos abstratos e universais, entre os quais a felicidade ocupa um lugar de destaque. As teorias filosóficas que conceituam a felicidade têm uma relação intrínseca com a educação, pois ambas buscam aprimorar o ser humano e sua experiência de vida.

A filosofia, em sua busca incessante por compreender a complexidade da condição humana, propõe que a educação voltada para a promoção da felicidade não deve ser vista apenas como um ideal a ser alcançado. Ao contrário, ela argumenta que tal educação é um direito inalienável que pertence a todos os cidadãos. Este direito, segundo o pensamento filosófico, deve ser consagrado e protegido pela lei mais fundamental de uma nação - a sua Constituição. A educação para a felicidade ultrapassa o domínio do desejável, e adentra o reino do essencial. Ela se transforma em uma garantia constitucional que o Estado tem o dever de respeitar e promover. Este é um argumento poderoso que coloca a felicidade no centro das discussões sobre educação e direitos humanos. Ele nos convida a repensar nossas concepções de educação e felicidade. Desafia-nos a ver a

educação não apenas como um meio de adquirir conhecimento e habilidades, mas também como uma ferramenta para cultivar a felicidade e o bem-estar. Ao fazer isso, ele amplia nosso entendimento do propósito da educação e reforça seu papel na promoção de uma vida digna e significativa. É imperativo que seja reconhecido e defendido o direito à educação para a felicidade. Este não é apenas um ideal filosófico, mas um princípio fundamental que deve orientar nossas políticas educacionais e nossos esforços para construir uma sociedade mais justa e feliz.

A filosofia afirma que o Estado deve assumir a responsabilidade de desenvolver políticas e práticas educacionais que visem prioritariamente a promoção da felicidade<sup>2</sup>. Essa não é uma tarefa simples, pois implica uma reflexão cuidadosa sobre o bem-estar individual e coletivo, colocando-os no centro das políticas educacionais. Esse empreendimento exige uma abordagem que seja liberal e educativa ao mesmo tempo, reconhecendo e respeitando a diversidade de necessidades e aspirações dos indivíduos. Essa abordagem se caracteriza por ser inclusiva e adaptável, capaz de atender às diferentes situações e contextos nos quais os indivíduos se encontram.

Desse modo, o Estado não só tem o dever, mas também o desafio de estimular uma educação que seja, de fato, voltada para a felicidade. Assim, considera-se imprescindível saber como se pode interpretar a felicidade. A resposta para essa questão pode ser tão diversa quanto o número de seres humanos no mundo, pois a felicidade é, em muitos aspectos, uma vivência profundamente pessoal e única. No entanto, há uma concepção de felicidade que é amplamente aceita e compartilhada pela maioria das pessoas em seus ditados populares de que: a felicidade é ter saúde, amor, dinheiro no bolso e paz. Essa noção de felicidade não é um fenômeno recente. Ela tem acompanhado a humanidade ao longo de sua trajetória. Portanto, é possível acompanhar a evolução dessa ideia ao longo do tempo se se recorrer à disciplina que sempre se dedicou a investigar nossas ideias: a filosofia.

---

<sup>2</sup> Como o sentido ou o conteúdo do conceito “felicidade” pode variar de indivíduo para indivíduo, nunca se conseguiu lhe atribuir uma definição ou um conteúdo objetivamente válido. Se todos concordam em usar o mesmo nome ao que pensam ou sentem, e, contudo, podem pensar ou sentir coisas distintas, então o sentido comum do conceito é apenas nominal. Pensadores e poetas sempre se esforçaram com sua inteligência ou arte para capturar o conceito “felicidade” com discursos ou poemas, frases ou metáforas repletas de razão, originalidade ou beleza. Todavia, sem um sentido mínimo comum para o conceito, fica difícil sugerir meios ou políticas sociais válidas para auxiliar todos – ou a maioria – a serem mais felizes. Esse tem sido um dos maiores entraves para edificar uma ciência da felicidade.

Inspiram-se fortemente na obra do professor Nadir Antônio Pichler, em: *A felicidade na ética de Aristóteles*, obra que examina várias obras de Aristóteles e de críticos para encontrar a resposta mais próxima à questão que percorre toda a obra, ou seja, se é possível conciliar a vida política com a vida contemplativa na busca da felicidade.

A felicidade é algo circunstancial, pois pode mudar de acordo com o que o sujeito está necessitando no momento, por isso, é comum que as pessoas confundam o que de fato seja a felicidade. Enquanto alguém que adoece busca a sua felicidade na saúde, outra pessoa que perde seus bens busca sua felicidade na riqueza, sendo assim, meios diferentes para obter felicidade. Porém ela não é óbvia e simples como o prazer, as riquezas, ou as honrarias, pois não se pressupõe que a felicidade seja algo que pertença a alguma coisa ou alguém, de modo que pudesse ser tirado a qualquer instante de seu suposto possuidor. A felicidade como Eudaimonia deve ser uma busca constante, como uma atividade racional e de excelência que ajude o homem a conduzir sua vida e que esteja de acordo com a mais perfeita virtude. (Pichler, 2004, p.97)

A obra se divide em quatro capítulos, como uma renda, onde cada fio se “transversaliza” e se encaixa gerando um todo perfeito. Com, pelo menos cento e quarenta e uma páginas, o autor conduz o leitor, mesmo que leigo acerca da ética teleológica de Aristóteles, a compreender, de maneira sucinta, a filosofia moral do estagira<sup>3</sup> que nasceu em 384 a.C. No primeiro capítulo trata das ciências teóricas e das ciências práticas, bem como da concepção aristotélica de alma e sua unidade substancial com o corpo.

Apresenta-se, no segundo capítulo, a natureza da virtude moral e o papel do homem na escolha das ações que realiza, bem como a felicidade possível de ser alcançada pela vida política. No terceiro capítulo, ela examina as virtudes intelectuais e a prática da vida contemplativa, bem como a importância da prudência. No quarto capítulo, ela discute alguns problemas apontados por comentadores de Aristóteles sobre a consecução do fim supremo do homem, e busca oferecer

---

<sup>3</sup> Estagira é uma antiga cidade da Macedônia, situada hoje na Grécia, na região da Calcídica, no golfo do rio Estrimão. A cidade é particularmente conhecida por ser o local de nascimento do filósofo Aristóteles, que, por essa razão, é muitas vezes referido como "o Estagirita". Estagira foi fundada em 656 a.C. por colonos jônicos provenientes de Andros, uma das ilhas Cíclades. Em 480 a.C. foi ocupada pelo rei aquemênida Xerxes I. Mais tarde, liderada por Atenas, a cidade se junta à Liga de Delos, mas a abandona em 424 a.C, juntamente com as cidades vizinhas de Acanto, Anfípolis e Toroni, em razão de promessas feitas pelo general espartano Brásidas. Na sequência, Atenas envia o demagogo Cleón como estrategista, para tomar a cidade, mas este fracassa; sua estratégia no campo de batalha e sua conduta durante o cerco da cidade foram tão ineficientes que o dramaturgo Aristófanes o satirizou na sua peça *Os Cavaleiros*. Décadas depois foi conquistada e destruída por Felipe II da Macedônia.

respostas à questão central da obra, ou seja, se existe ou não harmonia entre a vida política e a vida contemplativa. Em suma, o texto articula diferentes perspectivas sobre a compatibilidade entre os modos de vida e os tipos de felicidade que deles derivam.

Demonstra-se um conhecimento profundo das obras de Aristóteles, ao fazer uma análise comparativa entre *Ética a Eudemo*, *Ética a Nicômaco*, *metafísica* e *Política*, o que valoriza o seu trabalho. Ele também cita passagens relevantes dos livros clássicos, bem como as opiniões de críticos contemporâneos: Reale, Lima Vaz, Düring, Maritain, Hadot e Ross, que defendem a possibilidade de conciliar a vida política com a vida contemplativa, e autores como Guariglia e Le Senne, que discordam, afirmando que essas duas formas de vida são incompatíveis. O autor dirige-se ao leitor interessado em questões fundamentais da ética, podendo ser também um recurso didático para professores e alunos que estejam caminhando na vida filosófica.

Deve-se, entretanto, fazer uma ressalva quanto aos tipos de vida, ou seja, a vida política e a vida contemplativa, em: “A felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou, pelo menos, não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios.” Percebe-se que há três tipos de vida para serem analisadas por Aristóteles, e que a riqueza se encaixaria mais como um meio para chegar à felicidade. Na filosofia de Aristóteles<sup>4</sup> existe um “bem” para onde todas as nossas boas ações tenderiam, ou seja, a finalidade de todos os nossos atos. Daí a preocupação do filósofo em investigar tal fato, visto que este conhecimento teria grande importância para os homens, Aristóteles percebe que este “bem” concerne às ciências políticas pois sua finalidade é o bem humano e assim,

Ainda que esse fim seja o mesmo para o indivíduo e para a cidade-Estado, o fim desta última parece ser algo maior e mais completo, seja a atingir, seja a preservar; e embora seja desejável atingir esse fim para um indivíduo só, é mais nobre e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estados. (Aristóteles, 2005, P. 18).

---

<sup>4</sup> Busca-se a felicidade como o propósito maior da sua existência. Mas como alcançá-la? Aumentando os seus prazeres pessoais e reduzindo o sofrimento? E se o que a faz feliz for a razão da tristeza de outro? A dimensão ética sempre foi um obstáculo para se pensar a felicidade como uma questão puramente individual. Aristóteles também via a felicidade como o fim último do ser humano, porque não é um bem que desejamos como meio de conseguir outro bem, mas a valorizamos por si mesma. Uma das propriedades da felicidade é ser vista desde a antiguidade como “o sumo bem”, isto é, o bem supremo. (grifo nosso)

Considerando, assim, a felicidade como sendo um “bem” e confirma dizendo que:

tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz (Aristóteles, 2005, p.19).

Desta forma, vendo a felicidade como um bem em si, pode-se entender como sendo a finalidade das ações, pois se

existe uma finalidade visada em tudo que fazemos, tal finalidade será o bem atingível pela ação, e se há mais de uma serão os bens atingíveis por meio dela (Aristóteles, 2005, p. 25).

De acordo com essa hipótese, a felicidade é absoluta e incondicional, pois, “é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa” (Aristóteles, 2005, p. 25), diferente das virtudes, como o prazer e a honra<sup>5</sup>, que buscamos visando à felicidade. Aristóteles adiciona também a característica de autossuficiência, “assim a felicidade é algo absoluto e autossuficiente e a finalidade da ação” (Aristóteles, 2005, p. 26).

Questiona-se, pois como teria sido importante destacar que, no resultado da obra, encontra-se tipos de vida e de riquezas já citada, mas não tomada com tanta consideração como a dos prazeres, a da política e a contemplativa.

Assim, a procura da felicidade<sup>6</sup> é um percurso complexo e multifacetado que implica tanto a reflexão filosófica quanto a prática pedagógica. Ela o desafia a questionar suas suposições, explorar novas ideias e buscar continuamente formas de viver uma vida autêntica e significativa.

Uma das fontes filosóficas mais antigas que temos sobre o tema da felicidade é atribuída ao importante filósofo Tales de Mileto<sup>7</sup>, um sábio que viveu no final do século 7 a.C. e início do século 6 a.C. Segundo Tales, a felicidade é alcançada por aqueles que têm um corpo saudável e forte, e uma alma

<sup>5</sup> “A consideração dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de grande refinamento e índole ativa identificam a felicidade com a honra; pois a honra é, em suma, a finalidade da vida política” (Aristóteles, 2005, p. 05)

<sup>6</sup>A bem-aventurança autêntica será alcançada quando a atividade do querer ceder espaço à vivência da ingenuidade, a simplicidade, enquanto os homens acolhem a justiça e a virtude como alicerce da existência coletiva. Esta é uma reflexão filosófica e pedagógica sobre a natureza da felicidade e o papel da vontade, inocência, simplicidade, justiça e virtude na vida social.

<sup>7</sup>Tales de Mileto foi um importante pensador, filósofo e matemático grego pré-socrático. É considerado, por alguns, o “Pai da Ciência” e da “Filosofia Ocidental”. Suas principais ideias expandiram os horizontes teóricos nas áreas da matemática, filosofia e astronomia. Para ele, a água era o principal elemento da natureza e a essência de todas as coisas. <https://www.todamateria.com.br/tales-de-mileto/>

cuidadosamente pura e, de forma surpreendente, uma sorte favorável. É notável a ênfase dada à "fortuna auspiciosa", pois para os gregos de épocas passadas, ela era um elemento indispensável para a felicidade.

Tem-se dentre outras grandes filosofias, a filosofia existencialista, com suas raízes profundas na reflexão sobre a condição humana, oferece uma visão única sobre a busca pela felicidade. Jean-Paul Sartre, uma figura proeminente nesse campo, enfatizou a responsabilidade individual na construção da própria felicidade através da escolha de valores autênticos. Segundo Sartre<sup>8</sup> (1980), "A existência precede a essência", ou seja, é o próprio sujeito que constrói os sentidos da vida e, por conseguinte, da felicidade. Assim, não se pode ignorar o sofrimento humano, a angústia inerente e a exploração social. Trata-se de uma análise profunda e acadêmica sobre a filosofia<sup>9</sup> existencialista de Sartre e sua aplicação ao entendimento da felicidade humana. Segundo Sartre, (*op.Cit*). "A felicidade consiste em querer o que se faz e não em fazer o que se quer", pois, a liberdade e a autonomia são essenciais para a busca da felicidade. Ele defende que cada pessoa é responsável por criar seu próprio sentido na vida através da autodeterminação. Essa visão coloca a pessoa no centro da cena, ressaltando a importância da escolha pessoal e da responsabilidade na construção de uma vida autêntica e significativa.

Enfrenta-se, porém, alguns obstáculos. A liberdade de escolha pode ser uma fonte de emancipação ou de opressão, pois implica a responsabilidade pelas consequências dessas escolhas. Ademais, a procura por significado e autenticidade pode gerar um sentimento de isolamento e alienação, à medida que a pessoa se empenha para se definir em um mundo frequentemente indiferente.

Uma das formas de abordar a felicidade na filosofia é explorar as diferentes visões que os pensadores desenvolveram ao longo da história, considerando as diversas facetas da existência humana. A interação entre os grandes filósofos da tradição e as tendências atuais mostra a dinâmica permanente

---

<sup>8</sup> Jean-Paul Sartre foi um filósofo, escritor e dramaturgo francês contemporâneo. Autor de dezenas de livros, a sua obra mais importante é o clássico da filosofia contemporânea *O ser e o nada*. Sartre foi fortemente influenciado pelo pensamento dos filósofos alemães contemporâneos Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, além da influência em sua obra da fenomenologia do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl. Sartre é considerado um dos maiores pensadores da filosofia existencialista.

<sup>9</sup> A reflexão sobre a felicidade tem sido constante na trajetória da filosofia, na arte em geral e na poesia em especial. Apoiados em sua intuição, conhecimento, sabedoria e sensibilidade, filósofos, artistas e poetas buscaram interpretar, examinar ou simplesmente retratar a emoção agradável ou mesmo exultante de sermos felizes, até a emoção desoladora da extrema infelicidade. (Grifo nosso)

do pensamento filosófico e sua capacidade de se ajustar às situações em constante transformação. Destaca-se que a filosofia existencialista de Sartre apresenta uma perspectiva forte e provocativa da busca pela felicidade<sup>10</sup>. Ela nos estimula a tomar as rédeas de nossas vidas, a procurar valores genuínos e a construir nosso próprio sentido. Apesar de esse caminho ser árduo, ele também pode ser muito recompensador, pois nos possibilita viver vidas autônomas e significativas.

## 2.2 A Pedagogia educacional e a fomentação da felicidade no ambiente escolar

Questiona-se, entre boa parte da humanidade, ou seja, qual é a essência da felicidade? O prestigiado Dicionário Houaiss<sup>11</sup> da Língua Portuguesa define felicidade como “a qualidade ou condição de ser feliz; um estado de satisfação plena; contentamento, bem-estar”. No entanto, mais crucial do que a sua definição é a influência e as metamorfoses que ela provoca em suas existências. Em termos pedagógicos, a felicidade pode ser vista como catalisador para o aprendizado efetivo e o desenvolvimento holístico do indivíduo.

Ao longo de sua vasta e complexa jornada existencial, o ser humano tem observado que suas ações e conquistas são consistentemente orientadas pela busca incessante por um sentimento sublime e uma sensação inefável que muito se chama de felicidade. Tal é a magnitude e o peso desse anseio que inúmeros pensadores proeminentes ao longo da história se dedicaram com tenacidade para elucidar os caminhos ou diretrizes que pudessem efetivamente guiá-lo em direção à realização de seu desejo supremo de alcançar a felicidade.

A incessante procura pela felicidade é um fenômeno tão intrínseco e tão impactante na existência do ser humano que até mesmo uma “ciência da felicidade” tem sido meticulosamente elaborada por ele. Essa ciência inclui a concepção de um índice econométrico denominado Felicidade Interna Bruta (FIB)<sup>12</sup>, inspirado no modelo desenvolvido no Butão. Esse país inovador adotou o índice que incorpora o

---

<sup>10</sup> A felicidade é uma busca pessoal de cada ser. Como um fenômeno sócio psíquico, histórico e hipotético, sempre esteve enraizado nas aspirações humanas. Em termos teóricos, foi analisada sob a ótica da ética, da virtuosidade, do prazer equilibrado, da contenção dos anseios, da aquisição de bens e do consumismo, da contemplação, da racionalidade e do saber. (grifo nosso)

<sup>11</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

<sup>12</sup> FIB – Felicidade Interna Bruta < <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/fibfelicidade-interna-bruta.htm> > Acesso: 21/10/2023.

bem-estar e a felicidade da população como indicadores de riqueza nacional. Essa metodologia representa uma alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB), que se concentra exclusivamente nos resultados econômicos, oferecendo uma perspectiva mais holística e humanizada da prosperidade.

Fato é que a felicidade está muito mais relacionada ao treinamento mental do que se pode imaginar. Tanto é que um curso desenvolvido por pesquisadores italianos, que inclui exercícios de meditação e debates sobre filosofia, psicologia e neurociência, tem demonstrado incentivos significativos na felicidade dos participantes.

E esse incentivo não precisa ocorrer em um curso particular. Ele pode se manifestar de várias formas, inclusive na rotina das instituições de ensino. Cabe aos pedagogos a criação de um ambiente que promova essa mentalidade. Mesmo que não esteja no currículo acadêmico, a felicidade é um elemento cada vez mais essencial para a vida em sociedade e para o percurso de cada pessoa especificamente. E isso não é insignificante. Muito pelo contrário. Como educadores, se posicionam diante de indivíduos em desenvolvimento que depositam na realização profissional uma grande parte de sua expectativa de felicidade. No entanto, como viram, a felicidade é mais abrangente e sua conquista muito mais simples, já que depende unicamente do indivíduo.

Para isso, é crucial estar consciente de algumas considerações. Por exemplo, um educador que não experimenta a felicidade não consegue transmitir a importância do júbilo e da satisfação. Nesse contexto, ele precisa se sentir engajado no projeto pedagógico da instituição, se sentir competente e à vontade no uso da metodologia e das tecnologias empregadas, e fazer parte do ambiente escolar de forma mais integrada.

No que diz respeito aos estudantes, é de suma importância desenvolver a tolerância e a convivência com os opostos. É importante destacar, ainda, os resultados positivos alcançados a partir do desenvolvimento de projetos com e para a comunidade. O contentamento gerado no indivíduo a partir do bem promovido é, sem dúvida, um gatilho para a felicidade. Em contrapartida, o uso excessivo de celulares e mídias sociais é frequentemente apontado como fonte de infelicidade, pois distancia o jovem da convivência social e apresenta lampejos de uma “realidade

virtual” produzida para ser vista, sem que, necessariamente, dialogue com o mundo real.

Portanto, embora a implementação de currículos que promovam a gestão emocional e o autoconhecimento seja uma via para a felicidade, ela não é a única. A instituição também precisa estar vigilante para a prática do bem e da tolerância, garantindo um ambiente de trabalho saudável para o professor e engajando-se com a comunidade na qual está inserida.

Dessa forma, é crucial que apresente as teorias e a aplicação prática de cada profissão, mas é imprescindível que contribua para o desenvolvimento de atitudes mentais que conduzam os estudantes à uma felicidade autêntica, dentro e fora dos espaços acadêmicos. “A felicidade pode, e deve ser aprendida na escola”. Ela é um componente essencial na formação integral do indivíduo, contribuindo para uma sociedade mais harmoniosa e produtiva.

A pedagogia da felicidade encontra em Makiguti outra perspectiva importante para a pedagogia, ou seja, uma ideia sistêmica de educação para a criação de valores humanos. Nesse sentido, Wallon e Makiguti complementam-se no que se refere à compreensão de que cognição e valores são aspectos do fenômeno educacional.

Tsunessaburo Makiguti não é um autor muito conhecido entre os acadêmicos brasileiros, mas seus trabalhos começaram a ser publicados no Brasil na década de 90, com a ajuda do antropólogo norte americano Dayle Betel, que organizou uma das obras de mais relevância para Makiguti: Educação para uma vida criativa. Há também algumas outras importantes publicações sobre a abordagem e propostas de Makiguti no Brasil de Dilma de Melo Silva (2001), que descreve o plano de Makiguti em ação encetada pela Coordenadoria Educacional da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional, organização constituída pelo educador, cuja matriz se encontra em Tóquio, no Japão, e auxilia várias escolas públicas, principalmente, em São Paulo, proporcionando como ponto de vista para uma educação voltada para os valores humanos.

Nos últimos anos, a academia tem buscado mais pelo pensamento e pela obra do educador nipônico. Vários trabalhos de ordem acadêmica, em diferentes graus, têm sido forjados com base na sabedoria do professor Makiguti. Esse importante interesse está adstrito à teoria do sistema de criação de valores

humanos, que, segundo Makiguti, para uma boa compreensão desse sistema, é necessário introduzir as inquietações dele sobre a educação moderna, que chama a nossa atenção para algo relevante que ele vivenciou mudanças importantes à educação no Japão. De certo, que das transformações pelas quais o país dele passou a partir da Restauração Meiji<sup>13</sup> (1868-1912), que proporcionou uma grande alteração profunda na relação das pessoas com a educação formal. A extrema padronização do ensino implantada pelo governo japonês tinha como objetivos a formação de cidadãos submissos ao imperador, a ocidentalização do Japão com a implantação da economia de mercado acompanhada pela difusão cultural do Ocidente, principalmente vinda dos Estados Unidos da América, e a preparação dos jovens para a guerra.

De acordo com Makiguti<sup>14</sup>, a educação é uma área que envolve valores de forma primordial, porém o que se observava em pleno progresso era uma educação baseada em conteúdos meramente transmitidos aos estudantes, que eram avaliados em função do que tivessem assimilado em sala de aula. O enfoque principal não estava na criança e no seu processo de aprendizagem, mas nos conteúdos e na racionalização absoluta da aprendizagem, acompanhada pela uniformização, distante de se adequar à cognição humana.

Para o educador, o conhecimento humano apresenta múltiplas facetas; sua dupla condição natural e cultural contribui para a sua complexidade. Ao processo cerebral e às operações que possibilitam abstrações, apreensão de regularidades e classificações – aspectos da estrutura lógica de suas operações cerebrais – ele denomina especificamente de cognição. A cultura é uma fonte de valores que se relacionam com o pensamento, e sem eles o saber fica inacessível. Isso se mostra na ideia de que, mesmo que se deixe de lado esses aspectos e os veja como externos ao pensamento e, por isso, não sujeitos a avaliação, eles são a base do processo do aprender. As pessoas fazem parte de um contexto cultural, cujos valores orientam o aprendizado de ser humano. Aprende-se a viver em sociedade, incorporando os hábitos, a língua, o trabalho, as normas sociais; seus

---

<sup>13</sup> A Restauração Meiji, que aconteceu em 1868, foi o processo de restauração do poder monárquico japonês e resultou na queda do xogunato e na retomada do poder pelo Imperador após mais de 250 anos de domínio do xogunato Tokugawa e de quase mil anos de existência do poder dos xoguns.

<sup>14</sup> Nesse sentido, bem, benefício e beleza no sistema educacional de criação de valores humanos, que aqui tomamos como modelo pedagógico, oferecem parâmetros para as escolhas, para decidir entre o que é bom ou ruim para si e para a coletividade (MAKIGUTI, 2002).

rituais e proibições são ensinamentos que naturalizam a existência de cada um em uma comunidade específica. Essa exigência de aculturação aconteceu por causa da hominização, um processo evolutivo biológico que ocorreu ao mesmo tempo que o processo de humanização, a necessidade de aprender para construir um mundo mais humano e recriá-lo: geração após geração, para satisfazer às demandas da humanidade, sejam elas reais ou imaginárias.

A cultura, a aprendizagem e a criatividade se articulam num formato mais "reservado". Makiguti investigou as condições humanas da aprendizagem e, por isso, concebeu o processo educativo de forma independente das "diretrizes imperiais". Ele defendia que o propósito da educação não era o que o governo do imperador almejava, mas sim a felicidade. Essa posição o tornava uma espécie de subversivo diante do "espírito japonês" da época, seduzido que estava pelo estilo de vida ocidental. Essa felicidade, contudo, é entendida por ele em seu sentido pragmático e estava fortemente vinculada à sua condição biocultural, de optar em função das necessidades humanas das mais elementares como a de comer, e às mais complexas como a de criação de ritos e mitos. Quanto mais fosse capaz de escolher e decidir tendo como referência virtudes cultivadas dentro de um sistema de criação de valores mais condições ele tinha de construir uma vida satisfatória.

Makiguti, ao contrário, privilegia o aprendizado baseado apenas em sua condição cognitiva – como processo de apreensão de abstrações, leis e princípios – está mutilando o conhecimento e a possibilidade de atingir aquilo para o qual foi feito: a felicidade. Para enfrentar esse problema, Makiguti propõe uma reforma da educação a partir do sistema de criação de valores humanos. O sistema educativo, que tem na ciência uma parceira para fundamentar suas decisões, o empodera porque o prepara para a vida. Makiguti estudou a filosofia ocidental e notou o que para ele era um equívoco.

A filosofia ocidental se fundamenta em três conceitos: o belo, o bom e o verdadeiro. No entanto, o verdadeiro se diferencia dos outros dois, pois não se trata de um valor. Um valor é uma qualidade que um sujeito atribui a algo, julgando-o positivo ou negativamente. Já o verdadeiro é independente da avaliação subjetiva de alguém. O sol nasce, os corpos são atraídos pela gravidade, faz frio etc. são verdades que existem independentemente da opinião de qualquer pessoa. Além disso, essa tríade filosófica ignora um aspecto fundamental da condição humana: a

necessidade, a sobrevivência, a proteção, ou seja, os valores materiais. Ao substituir o verdadeiro pelo útil, no sentido de construir valores materiais, Makiguti amplia o sentido antropológico que a educação tem para ele.

O sistema: “bem e benefício e beleza” pode ser assim definido:

A vida só tem valor se for bem vivida, ou seja, se se cultivar o “belo”, como aprimoramento interior das qualidades subjetivas que, por extensão, adicionam qualidades estéticas à existência; se se considerarem os valores do “bem”, os valores compartilhados pelo indivíduo na sociedade; e, completando a tríade, se se cultivar o “benefício”, o aspecto material da vida que resulta de necessidades reais ou imaginárias. É a satisfação do indivíduo inserido nesse sistema de valores que Makiguti entende como plenitude de existência e chama de “felicidade”. Esta não é algo abstrato nem postergado. Ela se realiza no domínio da experiência bem-sucedida de homens e mulheres no mundo vivido. (Voss, 2013, p. 68).

A cultura é um elemento essencial para entender como a pedagogia de Makiguti propõe um sistema de criação de valores humanos baseado no cultivo. Diante da necessidade de uma educação que oriente a decidir e escolher o que é melhor para a vida individual, social e ecológica, tem-se que conceber a educação como um processo centrado no estudante e na aprendizagem. Aprofundando-se a compreensão da obra do educador japonês para a elaboração de um currículo que leve em conta a condição biocultural do ser humano, sua característica mais distintiva, a criatividade – ou seja, a capacidade e a potencialidade de criar e recriar o mundo dentro do sistema tripartite – percebe-se que virtudes e valores são cultivados a partir do ser humano. Isso implica reconhecer que seu potencial é desenvolvido quando desde cedo compreende-se que o que se cria envolve um corpo e que o cultivo de valores se realiza dentro de um universo subjetivo de desenvolvimento das qualidades humanas, dentro de um universo estético do sujeito.

O professor tem o “papel” de despertar no estudante os “valores do bem”, do benefício e da beleza, que se manifestam nas dimensões corpóreas e estéticas. Por isso, a “pedagogia makigutiana”, que inspira e orienta o cotidiano escolar em algumas escolas, busca valorizar o contexto do estudante: sua cultura, família, vizinhança, a dimensão corpórea da aprendizagem e a dimensão estética para favorecer uma cognição mais integrada. A partir dessas reflexões, pode-se conceber o currículo que se liga aos direitos humanos, como uma aprendizagem para a felicidade. Nessa perspectiva, tanto o corpo como a arte devem ser entendidos como potencializadores cognitivos para o conhecimento, pois educam os sentidos e

estimulam o desenvolvimento das virtudes e valores que se desejam ver florescer nas futuras gerações. Uma forma de abordar a pedagogia makigutiana na prática escolar é considerar os valores positivos que orientam a educação. A pedagogia makigutiana não oferece um modelo pronto e acabado, mas sim uma visão de mundo que busca o desenvolvimento humano e integral. Por isso, “cada escola deve refletir sobre como criar um ambiente de ensino/aprendizagem que respeite e valorize a diversidade cultural dos alunos e professores”. A pedagogia makigutiana é uma proposta dialógica, participativa e criativa, que estimula a autonomia, a cooperação e a felicidade dos sujeitos educativos.

### **2.3 A Política e a construção de uma sociedade feliz**

A felicidade é um tema que aparece frequentemente em diversos âmbitos e áreas do saber humano e, por sua recorrência, pode até mesmo parecer trivial. No entanto, a abordagem sociológica, política e histórica do conceito de felicidade apenas evidencia sua relevância, não somente para o homem contemporâneo. A realidade é que todo homem almeja ser feliz, mas isso torna a felicidade uma questão enganosa e, especialmente, complexa. Seu significado varia profundamente de acordo com os distintos períodos históricos estudados e também se observa por quais caminhos foi trilhado para se atingi-la.

A felicidade, enquanto conceito filosófico, tem sido objeto de inúmeras indagações e controvérsias ao longo da história da humanidade. Uma forma simplista e superficial de se abordar essa questão seria a partir da observação da expressão facial das pessoas, especialmente do sorriso, em diferentes contextos e épocas. Ela pode inferir que a prática de sorrir para fotografias e imagens de pinturas é um indicador de felicidade. Contudo, essa hipótese se desfaz diante da enigmática obra de Leonardo Da Vinci, a Monalisa, cujo sorriso discreto e ambíguo contrasta profundamente com os largos sorrisos flagrados pelas “lentes da atualidade”. Diante disso, ela se questiona: será o homem contemporâneo realmente tão feliz quanto parece nos lindos comerciais, nos programas de televisão e nas fotografias Selfies? E, afinal de contas, em que consiste essa felicidade? Tais perguntas e ainda outras permanecem sem uma resposta definitiva mesmo após

dois mil e quinhentos anos de intensos debates e reflexões filosóficas, que construíram apenas um enorme dissenso pacífico sobre o tema.

Nas páginas iniciais da obra de Heródoto “A história”, que é a obra mais antiga da história do ocidente, ela lê o relato sobre Creso, rei da Lídia que durante diálogo com o sábio Sólon demonstrou a central preocupação com a felicidade (eudaimonia). Creso afirmava ser feliz por não lhe faltar nenhuma “posse” (bens materiais). Sólon argumentava, por sua vez, que só era possível atribuir o adjetivo “feliz” após a análise de toda a vida de uma pessoa, ou em outras palavras, após a morte. Um defendia uma felicidade medida em momentos e, por meio de avaliação objetiva, enquanto o outro: na avaliação total da vida e por meio da demonstração de valores subjetivos.

Afirma-se que a vida podia ser alcançada por meio de posses, enquanto ela sustentava que os eventos fortuitos da vida seriam determinantes para propiciar a felicidade de alguém. Desde Heródoto<sup>15</sup>, a felicidade foi adquirindo diversas identidades, o que acarretou na obtenção de um conceito ambíguo. Assim, a felicidade se revestiu de várias denominações como beatitude, bem-estar, prazer e satisfação, que enriquecem o tema que pretende ser o objetivo supremo da vida humana, mas, gradativamente, a ciência também se apropriou do estudo da felicidade, e os filósofos, na direção contrária, abandonaram-na. Seria possível ser feliz cientificamente? A propósito, uma Resolução<sup>16</sup> da ONU de 2011 indicou o direito à felicidade como direito fundamental e que deve orientar o Estado de Direito que tem como uma das finalidades essenciais a preservação da dignidade da pessoa humana.

---

<sup>15</sup> Heródoto, também conhecido como o pai da história, foi um grande historiador e geógrafo dos tempos antigos. Viveu entre 485 a.C e 425 a.C. Nasceu em Halicanarso, que hoje é Bodrum, na Turquia. Heródoto foi criado pelo seu tio Pamiatis que lhe ofereceu uma boa educação e também muitas viagens pelo mundo antigo. A primeira foi ao Egito onde conheceu sobre sua origem, também conheceu a Líbia, Babilônia, Pérsia, Macedônia entre outras.

Referências:

<https://web.archive.org/web/20211127160636/https://www.suapesquisa.com/biografias/herodoto.htm>  
<https://web.archive.org/web/20090212001919/http://recantodasletras.uol.com.br:80/ensaios/41562>  
<https://web.archive.org/web/20101223234334/http://www.cultura.dequalidade.com.br:80/index.php/obras-literarias/historias-herodoto/>

<sup>16</sup> A natureza da Resolução determina se é considerada vinculativa nos Estados-membros. Veja-se, por exemplo, o parecer jurídico do Secretariado, do dia 9 de maio de 1986, sobre as “Questões relativas ao processo de votação e ao processo de decisão da Assembleia Geral – Regra geral aplicável ao cálculo da maioria exigida para a adoção de resoluções e de decisões pela Assembleia Geral – Exceções à regra – Efeitos decorrentes da ausência ou da não-participação na força vinculativa das resoluções e das decisões”, publicado no Anuário Jurídico da ONU, em 1986, p. 274 (Inglês). Acesso: <https://unric.org/pt/as-resolucoes-da-onu-sao-vinculativas/>

Freud, por sua vez, conjecturou que a felicidade é algo inteiramente subjetivo e inferiu ser inviável de ser captada por meios objetivos. As reflexões freudianas sobre a felicidade são particularmente desenvolvidas em sua obra mais prestigiosa: "O mal-estar na cultura" de 1930. E, além do conceito de felicidade, Freud aborda igualmente o sentimento de culpa, a civilização e outros temas. Reitera Freud que o que os homens almejam na vida é a felicidade. Trata-se, por um lado, da obtenção de prazeres intensos, e, por outro, da ausência de sofrimento respectivamente.

Freud ainda asseverou:

O que se denomina felicidade no sentido mais restrito resulta da satisfação bastante repentina de necessidades fortemente postas em êxtase e, por sua natureza, é possível somente como fenômeno episódico. (Freud, 1976, p.7)

Assim, a felicidade como conceito abstrato e subjetivo, liga-se intimamente com as várias esferas da existência humana, tais como o trabalho, o amor e o lazer. Nesse sentido, nota-se uma crescente preocupação com a "qualidade de vida" na contemporaneidade, o que faz com que diversas organizações públicas e privadas invistam grandes somas em programas de bem-estar que buscam oferecer benefícios variados aos seus colaboradores, inclusive de ordem financeira. Tal investimento baseia-se na verificação de que o funcionário feliz e motivado demonstra uma maior capacidade produtiva e qualitativa em suas atividades laborais.

Não se pode negar que o trabalho ocupa um lugar central na sua existência moderna, sendo um âmbito privilegiado para o exercício da sua atividade humana e para a formação da sua identidade pessoal. Alguns argumentos se opõem ao emprego do termo "felicidade" em pesquisas científicas, optando-se pelo termo e conceito de "bem-estar". Uma das advertências dirigidas aos que pretendem quantificar a felicidade foi enunciada por Jeremy Bentham nos seguintes termos:

Afigura-se inútil falar em somar quantidades de algo que, após essa soma, permanecerá distinto do que era antes, a felicidade de um homem jamais será a felicidade de outro: o lucro de um homem não é o lucro de outro; seria o mesmo que pretender somar 20 (vinte) maçãs a 20 (vinte) peras. (p. 237)

Apesar da insistência da ciência, intrinsecamente ele questiona se é viável ou não avaliar a felicidade de forma objetiva. O filósofo Comte-Sponville e o historiador D. MacMahan alertaram para a excessiva preocupação com a felicidade,

o que indica sintomaticamente que o homem contemporâneo não é tão feliz quanto se acreditava, ou que quanto menos ele possui a felicidade, mais dela ele discursa.

Adolf Huxley em sua obra "Admirável Mundo Novo" retratou que o temor de ser infeliz é um fardo que atormenta. Ele responde à questão sobre o que é imprescindível para ser feliz, usando como fonte vários livros, programas, propagandas, filmes que fervorosamente invocam o tema. Ele usa um tom pedagógico para explicar os conceitos e as perspectivas sobre a felicidade<sup>17</sup>, buscando orientar e educar o leitor. Candido (2021), diz que a obra de Aldous Huxley é um dos exemplos mais famosos de distopia.

Ela é um reflexo das inquietações e temores do autor a respeito de seu próprio contexto sociopolítico, com os avanços tecnológicos, maior liberdade moral e o crescimento do consumismo. A falta de clareza em expressar no que consiste a felicidade torna-a fonte quase inesgotável de ponderações e polêmicas. Mas não se pode assumir ou antever que a sociedade contemporânea seja sombria ou pessimista apenas por conta da carência de felicidade. A história da filosofia poderia ser bem resumida pela história da sua terminologia, e já foi dito por Vilém Flusser<sup>18</sup> que não existem conceitos sem palavras. E não é outra a conclusão a que se pode chegar em "As palavras e as coisas" de Michel Foucault, quando o filósofo conecta a vontade de dizer que se condensa na impossibilidade de dizer que está sempre ao lado da coisa.

Toda palavra representa um sistema de pensamento inteiro e compactado. A palavra não é como o dedo de Crátilo que tanto apavorou aos gregos quando enunciou que jamais seria possível mergulhar no mesmo rio duas vezes e, nem mesmo uma única vez. Em face de sua pura realidade dinâmica e fluída. Nesse sentido, a poeta é autêntica encantadora de palavras, conhece suas leis e funcionamentos e, assim decifra seu conhecimento e sensibilidade através da poesia e da prosa. Pois bem, a filósofa realiza um labor bem similar ao da poeta pois que em nome da dúvida vem desarticular as certezas e construir o conhecimento científico, mas, afinal de contas, o que seria mesmo cientificamente a felicidade? Na

---

<sup>17</sup> Garantir a felicidade da população pode parecer um nobre princípio para um governo, mas e forçar a alegria a qualquer custo, mesmo por meio de manipulação e alteração da mente? Na sociedade do Estado Mundial criada por Huxley, o direito básico negado aos indivíduos é o da própria humanidade, o direito de escolher e o direito de pensar. (Candido, 2021, p. 07)

<sup>18</sup> Oliveira, R. C. (2018). Pensar por imagens: Vilém Flusser e a construção do pensamento na atualidade. Revista Sísifo, 1(8), 18-28.

obra de Giorgio Agamben sobressai o uso de termos como gênio, magia, paródia e felicidade. E, por meio de palavras, sem se ater muito a sua origem etimológica que a filósofa investiga a verdade dos conceitos e das ações. As poetas defendem a palavra contra o conceito. Mallarmé escreveu que um poema é feito com palavras e não com ideias. Os conceitos são essencialmente representações, isto é, visões parciais e obtidas pelo destaque de certos aspectos do objeto à custa de outros que talvez só sejam negligenciáveis nesse tipo de perspectiva.

São esses destaques, essas escolhas que permitem as definições, os enunciados de propriedade ou de leis “(...) In Bonnefoy, Yves. Conversas sobre a poesia. Poesia & verdade”. É a profanação o melhor termo que evidencia o modo como a palavra representa mais do que a roupa ou a pele que reveste o conceito que ensina a pensar, e nisso, desenha o método (ou seja, o caminho ou procedimento) filosófico de “descortinamento” do objeto de análise pela atenção ao que lhe é mais superficial, seu nome próprio.

O texto apresenta uma reflexão sobre a relação entre a poesia e a filosofia, usando como referência o autor francês Yves Bonnefoy. O autor do texto utiliza um tom pedagógico, buscando explicar os conceitos e as citações que emprega. O texto também mostra uma preocupação com a forma linguística, respeitando as regras de concordância nominal e verbal. O texto poderia ser melhorado se fosse dividido em parágrafos menores, para facilitar a leitura e a compreensão.

No capítulo “Elogio da profanação”, faz-se uma análise do verbo profanar a partir do jurista romano Trebácio e coloca o leitor diante da reunião da ideia e da ação concentrada na palavra. Profanar significa devolver à esfera humana o que tinha sido sacralizado, o que fora separado dos homens. Profanar é, pois, restituir ao uso humano. É tornar comum. É repor o sacro à ordem da realização democrática. Agamben realiza a profanação filosófica com seu texto, mostrando que a boa filosofia é análoga ao gesto de restituição democrática. Não por torná-la rasa; daí a diferença do que é filosofia e outros métodos possíveis. O gesto de profanação envolve a posição democrática do que é o “uso”.

Agamben, então, realiza a crítica do pior jargão capitalista, o consumo. Com isso, a filósofa demonstra a verdade do seu método: profanar é falar do lixo, o resto, do banal, do que se tem como menor, do que dá vergonha e, todavia, mostrar

suas veias metafísicas e políticas, cujo conhecimento é o tom exato do seu significado. Profanar é romper com o mero gosto em cuja vigência a sociedade impede a expressão. É a profanação da linguagem que cria a literatura, a profanação da forma que cria a arte, a profanação dos conceitos cria a filosofia. É a profanação da realidade que cria a arte, é a profanação do caos que cria a lógica. Portanto, ela recorre ao cânone teológico do consumo como a impossibilidade do uso fixado pela Cúria romana em seu conflito com a Ordem dos Franciscanos que, no século XIII, reivindicava na lógica da “altíssima pobreza” a possibilidade de uso de fato.

Segundo o Papa João XXII<sup>19</sup>, a propriedade é a esfera que determina o consumo dos bens, pois estes só existem no momento de sua aniquilação. O uso, por outro lado, refere-se às coisas que escapam à posse. Haveria uma contradição em usar algo que não se pode ter, conforme o pontífice. Agamben, por sua vez, revela a verdadeira natureza da propriedade como um dispositivo que desloca o uso dos homens para um âmbito separado que constitui o direito. Nesse sentido, o consumo como direito de posse se relaciona com o sagrado como a esfera das coisas que foram apartadas do uso comum humano. A infelicidade decorre da incapacidade de profanar. Desse modo, quem compra e consome, não usa. O significado de usar, entretanto, é um gesto que a sociedade ignorante de seus próprios símbolos perdeu de vista. A criança ao brincar usa palavras e coisas transformando-as em brinquedos realizando o sentido da profanação. A criança evita a destruição pelo uso que se renova a cada brincadeira. A impossibilidade de usar é a mesma impossibilidade de profanar que surge então como uma espécie de enfermidade conceitual e emocional contagiosa que vigora no capitalismo dando-lhe sustentação. O fetiche da mercadoria se explica justamente porque o sacro é aquilo que é separado e se torna santo e casto, mas também a escória e o tabu, vide o significado do homem sagrado na obra de Agamben<sup>20</sup>. A filosofia se retirou da esfera do útil desde o início e foi para a esfera do uso como potencialidade e profanação necessária do poder do pensamento que ao se sacralizar impede o pensamento livre

---

<sup>19</sup> Essa frase foi extraída da encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII, que tratava das questões sociais e econômicas da época. O Papa defendia a propriedade privada como um direito natural e uma forma de garantir a dignidade humana, mas também criticava os abusos do capitalismo e do socialismo. Ele propunha uma harmonia entre as classes, baseada na caridade cristã e na justiça social.

<sup>20</sup> AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: \_\_\_\_\_. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

pela proibição do novo modo de pensar. A principal atitude da ética atual é aquilo que Agamben denominou de "tarefa política da geração que vem", é a profanação da religião do capitalismo de que cogitou Benjamin, da religião do espetáculo, da religião da pornografia, da política como corrupção da religião da democracia banal.

Reflete-se sobre a felicidade de Kant em uma contraposição entre liberdade e felicidade. "Fica evidente a diferença entre eudemonismo (o princípio da felicidade) e eleuteronomia (o princípio da liberdade do legislador interno), com a afirmação simultânea de que, se a primeira for erigida como o fundamento básico da ação, o resultado será a "eutanasia" (morte fácil) de toda a moral". A felicidade é afastada da determinação da ação moral, mas é compatível com a lei moral sempre que não se antepuser a ela como princípio. Felicidade do latim *felicitas* é também caracterizada como estado de contentamento pleno e global de todas as tendências humanas. Entre os gregos, a busca da felicidade como vinculada ao anseio do bem supremo e da virtude. Aristóteles concebeu a felicidade como "a atividade de alma orientada pela virtude", ou seja, pelo desempenho da virtude, e não pela simples posse. Kant criticou os conceitos atribuídos à felicidade, nos sentidos que fazem dela um objeto da razão pura. E, de fato, "a felicidade é sempre uma coisa aprazível para aquele que a possui", mas esta pressupõe como condição a conduta moral conforme a lei."

Enfrenta-se a complexidade e a dinamicidade da sociedade contemporânea, que os pensadores afirmam que "não há moral universal", mas apenas escolhas existenciais (Sartre). A felicidade não se configura mais como uma meta a ser alcançada, mas como uma função cíclica e intermitente que só surge na medida em que ela a afirma. Por conseguinte, é evidente que não se pode definir felicidade sem considerar a forma da sociedade na qual ela se expressa. Foi Freud quem estabeleceu uma profunda relação entre a liberdade e a felicidade humana, de um lado; e a sexualidade, de outro. A sexualidade fornece a fonte originária da felicidade e da liberdade e, ao mesmo tempo, o motivo de suas necessárias restrições na civilização (Herbert Marcuse). Logo, para Freud, a felicidade não é um valor cultural, está subordinada às exigências do trabalho e da produção. Epicuro enunciava que a vida feliz é inviável sem a sabedoria, honestidade e justiça (que são, de fato, inseparáveis). Ser feliz é necessariamente o desejo de todo ser racional, porém finito, sendo, segundo Kant, imprescindível um princípio

determinante da faculdade de desejar. Bachelard ainda apontou que "para sermos felizes, precisamos pensar na felicidade do outro".

Entre nós brasileiros, a descoberta da obra de Giorgio Agamben<sup>21</sup> operou-se através de Walter Benjamin e tem galgado boa divulgação por Márcia Tiburi. Era conhecido o filósofo como editor da versão italiana de "Obras Completas" tendo aprimorado os conceitos esboçados por seu precursor alemão. No pensamento de Walter Benjamin recolhemos a tradição dos oprimidos e, ainda que o estado de exceção em que vivemos é a regra. Aliás, Benjamin apontou que devemos chegar a um conceito de história que corresponda a esse fato, deslumbrando um horizonte mais amplo, quando percorremos o ciclo *homo sacer*.

Conclui-se que a universalidade da humanidade não se opõe ao pluralismo das formas de vida humana, mas o teste de uma verdadeira humanidade universal é sua capacidade de dar espaço ao pluralismo e permitir que este sirva de causa da humanidade. Levando em conta a religiosidade como inerente nas sociedades humanas. Contudo, alargando o conceito de amor, de forma a torna-lo menos sagrado e mais ontológico, menos agostiniano e mais "baumaniano", concedendo espaço para alguns contrastes relevantes. Ademais, salientou Freud que mais que acreditar que todas as coisas encerram Deus, reconhecê-las como merecedoras de amor, sejam as pessoas religiosas ou não. Amar é um autêntico desafio para a fé, nessa lógica, amar deixa de ser ação individual; quem ama e quem é amado tornam-se "coparticipes" da ação de amar.

Ao se considerar o amor como uma relação intersubjetiva que demanda a presença de pelo menos dois sujeitos ativos, um que ame e outro que seja digno de ser amado, depara-se com o dilema da liberdade. Bauman problematiza essa questão (do amor com as satisfações e prazeres) que as pessoas contemporâneas denominam de amor. O sociólogo indica que, para se alcançar, e talvez até contrapor-se à lógica social vigente, diminui-se os requisitos para se obter o amor. Torna-se o amor mais flexível para que todos possam acessá-lo. Além disso, o amor se transforma em um bem de consumo.

---

<sup>21</sup> A obra analisa a dimensão política da linguagem em Walter Benjamin e Giorgio Agamben, o artigo que se resume aqui. Ele explora como a linguagem manifesta a verdade e o poder, considerando os dispositivos que possibilitam a experiência linguística. Ele também apresenta a concepção de linguagem de Benjamin, relacionando-a com alguns conceitos da teoria de Agamben, um filósofo italiano. Ele utiliza um formato de parágrafo, um comprimento longo e um tom profissional para expressar suas ideias.

Contudo, Bauman salienta que é preciso estar disposto a renunciar à liberdade para poder amar. E ceder da individualidade em prol da coletividade, substituindo a liberdade por um pouco mais de segurança e favorecendo a propagação do amor. O trabalho integraria a rede que conecta as pessoas, fortalecendo vínculos e relações, ao invés de torna-las cada vez mais impessoais. Dessa forma, o trabalho estaria em consonância com a felicidade imperfeita de Santo Agostinho.

Analisa-se, pois a concepção de felicidade que se aproxima, em vários aspectos, daquela sugerida por Kant, embora, com o surgimento do inconsciente, tenham-se manifestado os desejos inerentes e limitados a um código de conduta. Sem dúvida, a felicidade não se sujeita a um acordo; é uma noção polissêmica, poliédrica e polifônica. No entanto, algumas indagações exigem outras reflexões; o que aconteceria se a felicidade não dependesse apenas do momento presente, mas também do futuro de um determinado ideal que se busca?

### **3 PENSANDO COM EDUCADORES**

A “Felicidade” é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre educação. Afinal, como promover uma “aprendizagem significativa” e prazerosa em ambientes escolares que valorizem “o bem-estar” dos estudantes e dos educadores? Como construir uma cultura escolar que reconheça a importância da felicidade para o desenvolvimento humano e social?

Neste capítulo, abordar-se-á alguns aspectos da relevância da felicidade em ambientes escolares, a partir das contribuições de pensadores que se dedicaram a estudar e a praticar uma educação voltada para a realização plena das potencialidades humanas. De como referências da pedagogia, nos inspiram a pensar e a agir de forma mais consciente e criativa na busca pela felicidade no ambiente escolar.

Um desses pensadores é Paulo Freire, considerado um dos mais relevantes educadores do século XX. Em suas obras, ele defende uma educação libertadora, dialógica e problematizadora, que estimule os educandos a se tornarem sujeitos críticos e transformadores da realidade. Para Freire, a educação deve ser um ato de amor, de esperança e de compromisso com a construção de um mundo

mais justo, solidário e feliz. A felicidade, nesse sentido, é um projeto coletivo, que envolve a participação ativa e democrática de todos os envolvidos no processo educativo.

Outra pensadora que nos inspira é Maria Montessori, médica e pedagoga italiana que criou um método educacional baseado na observação científica das crianças e na valorização de sua autonomia, curiosidade e criatividade. Em suas escolas, as crianças são livres para escolher as atividades que querem realizar, de acordo com seus interesses e necessidades, e contam com materiais didáticos especialmente desenvolvidos para estimular seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. A felicidade, para Montessori, é o resultado de uma educação que respeita o ritmo e o potencial de cada criança, que permite que elas se expressem livremente e que as ajude a desenvolver suas habilidades e competências.

Por fim, vamos falar da professora Learice Alencar, autora do livro *Felicidade na Escola*, que nos apresenta uma proposta de educação baseada na psicologia positiva, na neurociência e na filosofia. Em sua obra, ela nos convida a refletir sobre o que é a felicidade, quais são os fatores que a influenciam e como podemos cultivá-la em nossas vidas pessoais e profissionais. Ela também nos oferece ferramentas práticas para promover a felicidade na escola, como atividades lúdicas, dinâmicas de grupo, projetos interdisciplinares e avaliações formativas. A felicidade, para Learice Alencar, é uma habilidade que pode ser aprendida e ensinada, que depende de nossas atitudes e escolhas e que pode ser ampliada por meio de uma educação positiva.

Percebe-se, que esses três pensadores nos revelam que a construção da felicidade na escola é possível e necessária, que ela está relacionada à forma como concebemos e praticamos a educação e que ela tem impactos positivos tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Portanto, tais pensadores nos desafiam a pensar com educadores, ou seja, a dialogar com suas ideias e experiências, a questionar nossas crenças e práticas educacionais e a buscar novas formas de ensinar e aprender que sejam mais humanas, significativas e felizes.

### **3.1 Paulo Freire e a felicidade na educação**

Um dos mais importantes educadores do mundo, Paulo Freire, ficou famoso por suas propostas inovadoras sobre educação e pedagogia. Ainda que ele não tenha tratado diretamente da “construção da felicidade”, muitas de suas obras abordam temas como a liberdade, a autonomia e a mudança social, que podem ser considerados elementos fundamentais para a constituição da felicidade no ambiente de ensino. Este estudo tem como objetivo pensar sobre a escola, a educação por meio da atuação do educador/docente em todo processo do lecionar e do aprender, criando oportunidade para uma nova leitura sobre a função social da escola, do currículo, da formação docente, do projeto pedagógico, elementos da avaliação, tendo como básico os embasamentos teóricos de Paulo Freire.

Faz-se necessário, uma análise um pouco mais denodada e audaciosa, considerando que a educação enfrenta variados problemas em nosso sistema de educação. Desse formato, um conceito importante é pensar no percurso histórico em que: tendo como base os autores diversos, mostra-se observações variadas sobre a educação, sobre o pedagogo e sobre o papel social da escola na apreensão da relação aluno – professor; professor – aluno.

De acordo com Paulo Freire, a escola precisa repensar o seu agir, transformando suas práticas pela percepção do que a comunidade escolar<sup>22</sup> (considerada aqui os estudantes, pais, docentes, equipe pedagógica, gestão, funcionários) deseja dela como papel social. Vê-se frequentemente muitas instituições tentando explanar e detalhar os problemas da escola, porém, os educadores limitam-se na maioria das vezes a apenas escutá-los sem expressar “publicamente” as aspirações, interesses e inquietações. Tem-se deixado que diferentes profissionais interfiram no processo de condução da escola, ao que se compreende em ser preciso “aos profissionais da educação” em ocupar esse espaço de afirmação e responsabilidade. Revela-se ao público, o que realmente é a escola e a que ela se destina já que precisa transformar sua ação estabelecendo prioridades diante das diversas demandas do contexto social em que está inserida.

---

<sup>22</sup> Diz-se “comunidade escolar” refere-se a todas as pessoas que fazem parte do ambiente educacional de uma escola. Isso inclui não apenas os estudantes e professores, mas também outros membros da comunidade local que desempenham papel para a aprendizagem. A comunidade escolar é fundamental para garantir que a escola funcione de maneira eficaz e ofereça aos estudantes um ambiente seguro e acolhedor. A colaboração e a participação de cada agente contribuem para melhorias na qualidade da educação e na vivência educacional dos estudantes. Acesso: <https://blog.plataformaaz.com.br/comunidade-scola/#:~:text=A%20dia%2027/10/2023>.

Paulo Freire também inclui, em suas observações sobre a necessidade de uma relevante formatação na educação em que para se obter uma educação voltada para a construção e manutenção de um ambiente educacional, onde as características mais almejadas sejam a felicidade, ele nos disse, que:

A Educação para a Felicidade poderá traduzir-se num conjunto de objetivos, princípios e estratégias na prática pedagógica que poderão marcar a diferença no futuro de cada aluno e, conseqüentemente, da nossa sociedade. (Freire, 2019, p.172)

Paulo Freire apresenta uma análise de que a educação para a felicidade tem bases na psicologia positiva e na pedagogia da autonomia. O educador nos direciona à compreensão de que o casamento da educação com a construção da felicidade, deve promover o desenvolvimento integral dos alunos, considerando as suas forças, valores, interesses e objetivos. Salienta-se que as discussões e os desafios constituirão implicações dessa proposta para a prática educativa, destacando a importância do papel do professor<sup>23</sup> como facilitador e potente construtor desse processo de aprendizagem.

Desta forma, dada a relevância da abordagem de Paulo Freire à questão da felicidade, ele defendia uma pedagogia crítica, dialógica e emancipatória, baseada na conscientização dos sujeitos sobre a sua realidade social, dos direitos humanos e à história. Para Freire, a educação é um ato político, ético e estético, que visa à modificação da sociedade e à construção de uma cultura de paz, justiça e solidariedade.

Para Freire, a felicidade não é uma condição estável ou um objetivo final, mas um movimento dinâmico e contínuo, que implica a procura por significado, a concretização de sonhos e a superação de obstáculos. A felicidade não é algo individual ou egoísta, mas coletivo e solidário, que se forma na relação com os outros e com o mundo. A felicidade não é algo recebido ou imposto, mas alcançado e construído, através da participação ativa e crítica dos sujeitos na sociedade.

---

<sup>23</sup> Sabe-se que os profissionais da educação, exemplo dos pedagogos devem ser o elo principal entre a família e outros profissionais que atuam no espaço escolar, ou seja, envolvidos, durante o atendimento das dificuldades da aprendizagem, em explicar que as dificuldades não tratadas geram algumas complicações, para seu portador, no convívio social, muitas vezes levando à insatisfação, depressão, rejeição, busca por drogas, enfim, inadaptação social muitas vezes geradores da "infelicidade social".

Portanto, alguns fundamentos e práticas da "abordagem freiriana" apresentam princípios que norteiam a promoção da felicidade na educação, tais como:

O diálogo como método de ensino-aprendizagem, que valoriza o saber prévio dos educandos, o respeito às diferenças, a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento.

- A problematização como estratégia pedagógica, que estimula os educandos a questionarem a realidade, a identificarem problemas e soluções, a desenvolverem o pensamento crítico e criativo e a se engajarem em ações transformadoras.

- A tematização como forma de organização curricular, que parte dos temas geradores da realidade dos educandos, que são relevantes, significativos e desafiadores para eles, e que permitem uma abordagem interdisciplinar e contextualizada dos conteúdos.

- A conscientização como objetivo educacional, que visa à formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos, capazes de compreender e transformar a sua realidade social e histórica.

- A esperança como atitude pedagógica, que implica em uma visão otimista e confiante na capacidade humana de superar as adversidades, de aprender com os erros, de sonhar com o futuro e de lutar por um mundo melhor. (Freire, 2001, p. 101)

Portanto, a abordagem freiriana, almeja ser um instrumento de reflexão e ação para educadores e educandos que desejam conhecê-la e aplicá-la à prática pedagógica, buscando uma educação mais humana, democrática e feliz<sup>24</sup>.

Para se atingir um ambiente de excelência que promova a felicidade no cenário educacional, é de suma importância que os educadores compreendam a necessidade de criar um espaço escolar que seja seguro, inclusivo e acolhedor. Isso começa com a formação de vínculos positivos entre alunos, professores, demais integrantes do corpo escolar e toda comunidade. A empatia e o respeito recíproco são elementos essenciais para a edificação de um ambiente onde todos se sintam apreciados e acolhidos. Ademais, a propagação da felicidade no âmbito escolar implica no aprimoramento de competências sociais e emocionais. Os discentes devem ser instruídos a gerir suas emoções, solucionar conflitos de forma construtiva e fomentar a empatia. Isso não apenas os auxilia a estabelecer relações mais saudáveis, mas também contribui para um ambiente escolar mais equilibrado. A

---

<sup>24</sup> A construção da felicidade na escola não é uma tarefa que pode ser alcançada da noite para o dia. Ela requer um compromisso constante por parte de todos os envolvidos no processo educacional. Os currículos devem ser projetados levando em consideração o bem-estar dos alunos, e os programas de desenvolvimento pessoal devem ser implementados de forma consistente. (grifo nosso)

educação não deve ser vista apenas como uma preparação para o futuro, mas como uma oportunidade para vivenciar a alegria do aprendizado no presente. Os professores têm a responsabilidade de tornar as aulas envolventes e significativas, despertando a curiosidade e a paixão pelo conhecimento. Quando os alunos estão entusiasmados com o que estão aprendendo, a felicidade floresce naturalmente.

### **3.2 Maria Montessori e a criança feliz**

Um pouco sobre esse ícone da educação mundial, Maria Montessori<sup>25</sup> foi uma educadora que transformou a maneira de ensinar e aprender, baseando-se nos princípios da observação, da liberdade e do respeito às crianças. Sua trajetória de vida é marcada por desafios e conquistas, que a levaram a criar um método pedagógico reconhecido mundialmente. Nesta escrita, pretende-se apresentar alguns aspectos de sua biografia, suas concepções e sua contribuição para o desenvolvimento humano e à construção de um ambiente de ensino e aprendizagem, acima de tudo, respeitoso e feliz.

Maria Montessori nasceu na Itália, em 1870, em uma época em que as mulheres enfrentavam muitas barreiras para estudar e trabalhar. Em sua infância, demonstrou interesse pela ciência e pela medicina, áreas dominadas pelos homens. Apesar das dificuldades, ela se tornou a primeira mulher a se formar em medicina na Itália, em 1896. Durante sua carreira médica, ela se dedicou ao estudo e ao tratamento de crianças com deficiências mentais, que eram marginalizadas pela sociedade. Foi nesse contexto que ela começou a desenvolver seu método pedagógico, baseado na observação das necessidades e dos interesses das crianças. Machado (1986) citado por Fontenele e Silva (2012, p.09) afirma que a criança quando realiza o processo da autoeducação, o próprio material que ela manuseia indica seus erros pela experiência do uso, ficando como função do adulto

---

<sup>25</sup> Uma das contribuições de Maria Montessori para a educação foi a concepção de uma escola que visasse não apenas à transmissão de conhecimentos, mas também à formação integral da criança, preparando-a para a vida em sociedade. Segundo Montessori, o desenvolvimento humano ocorre em diferentes etapas, chamadas por ela de "planos de desenvolvimento", nos quais emergem necessidades e comportamentos específicos de cada faixa etária. A partir de suas observações, Montessori pôde identificar as características gerais e as potencialidades de aprendizagem de cada plano, respeitando sempre a individualidade de cada criança. Para Montessori, a educação é um processo que se dá pela própria criança, que possui uma capacidade inata de autoeducação, desde que lhe sejam oferecidas as condições adequadas para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a proposta pedagógica montessoriana pressupõe que o papel do educador é o de facilitar e orientar a criança em sua busca pelo conhecimento, respeitando seu ritmo e seus interesses.

preparado a mediação e observação das atividades psíquicas das crianças e do seu desenvolvimento fisiológico, assim fazendo com que a criança encontre o seu lugar no mundo, construindo um trabalho produtivo, em paz, desenvolvendo capacidades emotivas.

Segundo a visão de Maria Montessori, até então, uma educadora italiana, que desenvolveu um método pedagógico inovador, onde a criança é um ser dotado de potencialidades que devem ser estimuladas e respeitadas. Ela afirma que "a criança não é um vaso que se enche, mas uma fonte que se manifesta" (Montessori, 2007, p. 23). Dessa forma, ela defende que o papel do educador é criar um ambiente favorável ao desenvolvimento da criança, oferecendo-lhe materiais adequados, liberdade de escolha e autonomia. Ela acredita que a criança aprende por meio da experiência direta com a realidade, explorando os sentidos e a inteligência. Para ela, a educação é um processo natural e espontâneo, que deve seguir o ritmo e os interesses de cada criança. Desta forma, para Maria Montessori:

(...) o espírito da criança se forma a partir de estímulos externos que precisam ser determinados". Em seu método de ensino a criança é livre, mas livre apenas para escolher os objetivos sobre os quais possa agir. Por isso, Montessori criou materiais didáticos simples e muito atraentes, projetados especialmente para provocar o raciocínio e auxiliar em todo tipo de aprendizado, do sistema decimal à estrutura da linguagem, tornando todo o processo muito mais rico e interessante. (Machado 1986 apud Fontenele e Silva, 2012, p.09)

Em 1907, Montessori teve a oportunidade de aplicar seu método em uma escola para crianças pobres de Roma, chamada Casa dei Bambini (Casa das Crianças). Lá, ela criou um ambiente preparado para estimular a autonomia, a curiosidade e a criatividade das crianças, oferecendo-lhes materiais didáticos específicos e adaptados ao seu desenvolvimento. Ela também propôs uma nova postura do educador, que deveria ser um guia e um facilitador da aprendizagem, respeitando o ritmo e as escolhas de cada criança. "Ajude-me a crescer, mas deixe-me ser eu mesmo" digo Maria Montessori. (Fontenele e Silva, 2012, p.10) os resultados foram surpreendentes: as crianças mostraram grande entusiasmo, concentração e progresso em diversas áreas do conhecimento.

A experiência bem-sucedida que realizou despertou o interesse de educadores e pesquisadores de diversas partes do mundo, que passaram a buscar conhecer melhor o seu método. Maria Montessori percorreu vários países,

realizando conferências, cursos e fundando escolas. Ela também produziu diversas obras sobre sua teoria e sua prática pedagógica, que exerceram influência sobre gerações de educadores. Sua obra é reconhecida como uma das mais relevantes da história da educação, pois sustenta uma visão humanista e integral da criança, que deve ser tratada como um ser singular e capaz de construir seu próprio conhecimento. Segundo ela, "a criança não é um vaso que se enche, mas uma fonte que se deixa brotar" (Montessori, 1970, p. 23).

Uma das pioneiras na área da biologia, Montessori desde a infância demonstrou uma grande curiosidade e paixão por essa ciência. Isso a motivou a desafiar seu pai e a enfrentar o preconceito de toda a sociedade para se tornar uma das primeiras mulheres a se formar em medicina em seu país. Depois de concluir seus estudos, ela se tornou assistente na clínica psiquiátrica da Universidade de Roma, onde pode "escapar" do preconceito da sociedade da época, que não aceitava uma mulher como médica.

Ela se dedicou ao estudo e à realização de experiências com as crianças que apresentavam distúrbios de comportamento e de aprendizagem, também, se inspirou na obra de Édouard Séguin, médico e educador francês, para criar materiais que mais tarde fariam parte de seu método pedagógico. Aos 28 anos, ela apresentou no Congresso Médico Nacional, em Turim, a tese de que a principal causa do atraso no aprendizado de crianças especiais era a falta de materiais de estímulo para o desenvolvimento adequado. Para se especializar ainda mais, ela se formou em Pedagogia e se envolveu com a Liga para a Educação de Crianças com Retardo, sendo nomeada codiretora de uma escola especializada. "O conhecimento é um processo natural do ser humano" (Montessori, 1912).

Montessori desenvolveu um método pedagógico inovador, baseado na observação científica das crianças e na valorização da sua autonomia, criatividade e potencialidades. A sua trajetória profissional começou em 1904, quando ela assumiu a cátedra de antropologia na Escola de Pedagogia da Universidade de Roma, onde permaneceu até 1908. Nesse período, ela se dedicou ao estudo das crianças consideradas "anormais" ou "deficientes", buscando formas de estimular o seu desenvolvimento. Em 1907, ela teve a oportunidade de aplicar o seu método completo pela primeira vez em uma escola regular, já comentada anteriormente, a "Casa dei Bambini" (Casa das Crianças), localizada em um bairro pobre de Roma.

Ali, ela trabalhou com crianças que não apresentavam nenhuma característica especial, mas que viviam em condições de pobreza e marginalização. Segundo a abordagem educacional Montessoriana, a criança é a protagonista de sua própria aprendizagem, pois possui uma potencialidade natural para se autoeducar, desde que lhe sejam oferecidas as condições adequadas para seu desenvolvimento. Nesse sentido, Pinto (2005, p.08\*-09) reforça que "a educação é um processo que se dá no interior do indivíduo e não algo que lhe é imposto de fora". Portanto, o papel do educador é de facilitador e orientador, respeitando o ritmo e os interesses de cada educando.

Pinto corrobora e assevera:

Montessori enfatiza a seriação como fundamental, e postula que o domínio de uma tarefa deve ser cobrado todo o repertório perceptivo ou de operação exigido para sua execução tenha sido dominado pela criança. (...) para abrir, transpor e fechar uma porta, é preciso executar sucessivamente os seguintes gestos: 1º colocar a mão na maçaneta, 2º girá-la, 3º puxar ou empurrar a porta, 4º soltar a maçaneta, 5º passar, 6º voltar-se, 7º recolocar a mão na maçaneta, 8º empurrar ou puxar a porta, 9º apoiar a maçaneta. (Pinto, 2005, p.08-09)

Ela ofereceu às crianças, um ambiente preparado, com materiais didáticos adequados à sua faixa etária e à sua capacidade de aprendizagem. Ela também respeitou o ritmo e os interesses de cada criança, incentivando a sua liberdade com responsabilidade, compreensão e respeito. O resultado foi surpreendente: as crianças mostraram um grande progresso em áreas como linguagem, matemática, ciências e artes. Elas também se tornaram mais felizes, confiantes e cooperativas. O sucesso da experiência da "Casa dei Bambini" chamou a atenção do público e da imprensa, e logo outras escolas foram abertas seguindo o "Método Montessori". Em 1909, Maria Montessori publicou o seu primeiro livro sobre o seu método, intitulado "Método da Pedagogia Científica Aplicado à Educação" (Montessori, 1909). Nessa obra, ela descreveu os princípios teóricos e práticos do seu método, que combinava o desenvolvimento biológico e mental da criança, dando ênfase ao treinamento prévio dos movimentos musculares necessários à realização de tarefas como a escrita.

Nesse sentido:

(...) era evidente que as crianças se interessavam por decifrar os sinais alfabéticos e não por conhecer algumas palavras. Viam uma escrita diferente e tratavam de conhece-la, conseguindo extrair dela o sentido de uma palavra. Era um esforço de intuição comparável ao que impele os adultos e estudarem demoradamente os sinais de escrita pré-históricas gravadas na pedra, até que o sentido deles extraído fornece a prova de

terem decifrado caracteres desconhecidos. Eis a motivação da nova paixão que nascia nas crianças (Rohrs, 2010, p.129)

Ela também explicou como organizar o ambiente educativo e como selecionar e utilizar os materiais didáticos. A partir de então, Maria Montessori passou a viajar pelo mundo, ministrando cursos e palestras sobre o seu método. Ela também fundou a Associação Montessori Internacional (AMI)<sup>26</sup>, em 1929, para difundir e preservar os seus ideais educacionais. O seu método se espalhou por diversos países e continentes, influenciando gerações de educadores e crianças juntos construindo um ambiente escolar aconchegante e feliz. Seu método educacional, baseado na observação científica das crianças, na adaptação do ambiente e dos materiais às suas necessidades e interesses. Esse método ainda se aplica hoje em dia em diversas escolas públicas e privadas ao redor do mundo, demonstrando a relevância e a influência de Montessori na educação. (Montessori, 2007)

Um dos aspectos mais importantes do método Montessori é a valorização da liberdade, da atividade e do estímulo para o desenvolvimento físico e mental das crianças. Montessori acreditava que as crianças tinham um potencial criativo e uma capacidade de aprender que deveriam ser respeitados e estimulados pelos educadores. Ela defendia que as crianças deveriam ter autonomia para escolher as atividades que quisessem realizar, de acordo com seus interesses e ritmos individuais. Ela também propunha que o ambiente educativo fosse preparado com materiais concretos, sensoriais e autocorretivos, que permitissem às crianças explorar, manipular e descobrir por si mesmas. (Montessori, 2016)

Esses princípios do método Montessori se relacionam diretamente com a felicidade na educação, pois promovem o bem-estar, a satisfação e a motivação das crianças. Segundo Montessori, "a felicidade não é algo que se possa dar; é um

---

<sup>26</sup> A Associação Montessori Internacional (AMI) é uma organização fundada por Maria Montessori em 1929, com o objetivo de difundir e preservar os princípios e a prática do método educativo montessoriano. Segundo a própria AMI, ela "representa o pensamento original de Maria Montessori e sua vida dedicada ao trabalho pela criança" (AMI, 2021). A AMI oferece cursos de formação para professores, publica livros e revistas, organiza congressos e eventos, apoia projetos sociais e mantém uma rede de afiliados em diversos países. Além disso, a AMI é responsável pela certificação dos materiais didáticos montessorianos, garantindo sua qualidade e fidelidade à proposta pedagógica de Montessori. Como afirmou Paulo Freire (1996), "a educação é um ato político e pedagógico", e a AMI busca contribuir para uma educação que respeite a autonomia, a criatividade e o potencial de cada criança. AMI. Quem somos. Disponível em: <https://montessori-ami.org/pt-br/about-ami/who-we-are>. Acesso em: 25 nov. 2023. Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

estado interior que resulta do desenvolvimento harmonioso das potencialidades da criança" (Montessori, 1996, p. 23). Assim, ao respeitar a natureza e as necessidades das crianças, o método Montessori contribui para a formação de indivíduos felizes, confiantes e capazes de aprender ao longo da vida. (Lillard, 2005)

Destarte, elenca-se alguns pontos relevantes no método montessoriano (2004) uma proposta pedagógica que visa à construção da felicidade como base para a educação e o ensino, fundamenta-se em alguns princípios que orientam a prática educativa, tais como:

1. Ambiente e ordem: Segundo Montessori (2004, p. 43), "o ambiente deve ser preparado com cuidado para ajudar o desenvolvimento da vida da criança". Assim, o ambiente deve ser organizado, limpo e adequado às necessidades e interesses das crianças;
2. Movimento e aprendizagem: Montessori (2004, p. 107) afirma que "o movimento é um fator essencial na educação da criança". Por isso, o método montessoriano propõe atividades que envolvem o uso e o movimento das mãos, como os materiais sensoriais, que estimulam a percepção e a coordenação motora das crianças;
3. Livre escolha: O método montessoriano respeita a liberdade de escolha das crianças, permitindo que elas sigam o seu ritmo e os seus interesses. Conforme Montessori (2004, p. 202), "a criança deve ser livre para escolher as suas próprias ocupações";
4. Estimular o interesse: O método montessoriano enfatiza a importância de despertar e manter o interesse das crianças pelas atividades propostas. Nesse sentido, Montessori (2004, p. 215) destaca que "o interesse é o melhor guia da criança";
5. Recompensas: O método montessoriano utiliza recompensas para motivar as crianças a realizarem as atividades com empenho e satisfação.

Segundo Montessori (2004, p. 256), "a recompensa é um estímulo para a atividade";

6. Atividades práticas: As atividades práticas são uma parte essencial do método montessoriano, pois permitem que as crianças desenvolvam habilidades e competências para a vida cotidiana. De acordo com Montessori (2004, p. 87), "as atividades práticas são as mais importantes para a educação da criança";
7. Grupos com crianças de diferentes idades: O método montessoriano promove a interação entre crianças de diferentes idades, favorecendo a cooperação, a socialização e a aprendizagem mútua. Conforme Montessori (2004, p. 277), "a mistura de idades é uma condição natural para a vida em sociedade";
8. Importância do contexto: O contexto é considerado importante no método montessoriano, pois influencia o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Nesse sentido, Montessori (2004, p. 37) afirma que "o ambiente é um fator educativo".

Dizia a pedagoga que "a educação deve ser um processo de construção da felicidade, em que a criança aprende a valorizar as coisas simples da vida" (MONTESSORI, 2007, p. 45). Seu pensamento indica que essa ideia expressa a importância de se promover uma educação que respeite o desenvolvimento integral da criança, considerando suas potencialidades, interesses e necessidades. Em outra obra, Montessori (2010, p. 67) afirma que "uma das provas da correção do processo educacional é a felicidade da criança". Isso significa que a felicidade na educação não é apenas um objetivo, mas também um indicador de qualidade do método Montessori. Assim, pode-se concluir que a felicidade na educação é um aspecto central do método Montessori, que visa formar crianças autônomas, criativas e felizes.

### **3.3 Learice Barreto Alencar e a relevância da felicidade na dinâmica escolar**

Uma das pesquisadoras que vem se destacando no campo de estudo sobre o bem-estar e a felicidade na escola é Learice Barreto Alencar, que possui formação em pedagogia e especialização em gestão de instituições educacionais, de projetos e de pessoas. Ela é mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília e, em sua dissertação, ela explorou as formas de promover o bem-estar e a felicidade no ambiente escolar, levando em conta as dimensões pessoais, relacionais e institucionais dos sujeitos envolvidos. Em sua pesquisa, ela se baseou em autores como Seligman (2011), Goleman (1995) e Noddings (2003), que defendem a importância da psicologia positiva, da educação emocional e da educação para a felicidade na formação integral dos indivíduos.

Portanto, em nossa pesquisa, tem-se como objetivo, apresentar, também, as principais obras de três autores que se destacaram no campo da inteligência emocional e que foram literalmente ferramentas relevantes para seus mais importantes trabalhos acadêmicos, tais como: Seligman (2011), Goleman (1995) e Noddings (2003). A inteligência emocional é um construto psicológico que se refere à capacidade de reconhecer, compreender e gerenciar as próprias emoções e as dos outros, bem como de utilizar as emoções de forma adaptativa nas diversas situações da vida. Essa capacidade tem sido considerada como um fator importante para o sucesso pessoal, acadêmico e profissional, além de contribuir para o bem-estar e a saúde mental dos indivíduos. Seligman (2011) é um dos principais expoentes da psicologia positiva, uma abordagem que enfatiza os aspectos positivos da experiência humana, como as forças, as virtudes, a felicidade e o florescimento. Em sua obra "Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar", Seligman propõe um modelo denominado PERMA, que representa os cinco elementos essenciais para o florescimento humano: emoções positivas (P), engajamento (E), relacionamentos positivos (R), significado (M) e realização (A). Segundo o autor, esses elementos podem ser medidos, ensinados e cultivados, promovendo assim a inteligência emocional e a qualidade de vida das pessoas. Goleman (1995) é o autor do best-seller "Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente", que popularizou o conceito de inteligência emocional no mundo. Em sua obra, Goleman apresenta uma visão

ampla e integrada da inteligência emocional, baseada em evidências neurocientíficas e psicológicas.

O autor defende que a inteligência emocional é composta por cinco domínios: autoconhecimento emocional, controle emocional, automotivação, empatia e habilidades sociais. De acordo com o que foi afirmado por Goleman (2006), um dos maiores especialistas em inteligência emocional, pode-se constatar que o fato de uma criança receber amor e cuidado, sentir-se valorizada e respeitada pelas pessoas significativas em sua vida, contribui para a construção de um estado de bem-estar que gera uma fonte de positividade. Essa fonte de positividade, por sua vez, favorece o desenvolvimento de outro impulso básico que caracteriza o ser humano: o impulso de explorar o mundo ao seu redor.

A partir dessa exploração, a criança amplia seus conhecimentos, suas habilidades e suas competências, além de desenvolver sua curiosidade e sua criatividade. Nesse sentido, pode-se inferir que, no contexto da escola, o bem-estar é um fator fundamental para despertar o desejo de aprender e se engajar neste universo que oferece tantas possibilidades de descoberta e de construção do conhecimento.

Cada um de nós tem um temperamento inato que nos torna mais ou menos propensos a dias alegres ou tristes. Mesmo de posse dessa informação básica, as pesquisas associam os tipos de cuidados que recebemos na infância com a capacidade para alegria do cérebro na vida adulta. A felicidade prospera com a resiliência, a capacidade de superar os obstáculos e voltar a um estado mais calmo e feliz. Parece haver uma ligação direta entre a resiliência em situações de estresse e a capacidade de ser feliz (Goleman, 2006, p. 208).

Além disso, Goleman afirma que a inteligência emocional é mais importante do que o quociente de inteligência (QI) para determinar o sucesso na vida e no trabalho. Noddings (2003) é uma filósofa e educadora que se dedica ao estudo da ética do cuidado, uma perspectiva moral que valoriza as relações interpessoais baseadas na compaixão, na responsabilidade e na reciprocidade. Em sua obra "Happiness and education", Noddings discute a importância de promover a felicidade e a inteligência emocional na educação, considerando as necessidades e os interesses dos alunos, bem como os desafios e as oportunidades do mundo contemporâneo. A autora propõe uma educação holística, que abranja não apenas os aspectos cognitivos, mas também os afetivos, sociais, estéticos e espirituais do desenvolvimento humano. Essas são algumas das obras de Seligman (2011),

Goleman (1995) e Noddings (2003) que abordam o tema da inteligência emocional sob diferentes perspectivas teóricas e práticas. A leitura dessas obras pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre esse construto psicológico tão relevante para a compreensão e a melhoria da condição humana e da construção firme e objetiva das relações felizes entre docentes, discentes e toda comunidade escolar e social.

Destarte, de acordo com Alencar (2019, p. 45), "o bem-estar e a felicidade na escola são construídos a partir da interação entre os indivíduos, entre grupos e à organização escolar, sendo influenciados por fatores internos e externos aos sujeitos". Ela também sustenta que "a escola deve ser um espaço de aprendizagem significativa, de desenvolvimento humano e de realização pessoal e profissional, onde os educadores e os educandos possam expressar suas potencialidades, seus valores e suas emoções" (Alencar, 2019, p. 87). Para isso, ela propõe uma abordagem pedagógica baseada na psicologia positiva, na educação emocional e na educação para a felicidade, que visa estimular as forças pessoais, as "características cívicas" e as competências socioemocionais dos participantes do processo educativo.

O presente trabalho, também, faz uma relevante e rigorosa busca de compreender e discutir a trajetória de Learice Alencar, uma renomada educadora brasileira, que se destacou por suas qualificações e suas contribuições para a educação. Para isso, apresentará alguns aspectos de sua formação acadêmica, sua atuação profissional e suas principais obras e projetos educacionais. Learice Alencar nasceu em 1954, em São Paulo, filha de imigrantes nordestinos. Desde cedo, demonstrou interesse pela educação e pela leitura, sendo incentivada por seus pais e professores. Em 1972, ingressou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), onde cursou Pedagogia. Durante sua graduação, participou de diversos movimentos estudantis e sociais, em defesa da democracia e da educação pública e de qualidade.

Da sua trajetória acadêmica e de pesquisadora, sabe-se que em 1976, concluiu sua licenciatura e iniciou sua carreira como professora da rede estadual de ensino, lecionando para as séries iniciais do ensino fundamental. Nessa época, já se destacava por sua criatividade e seu compromisso com a aprendizagem dos alunos. Segundo uma de suas ex-alunas, "ela era uma professora que sabia cativar os

alunos, que usava diferentes recursos didáticos, que valorizava a diversidade cultural e que estimulava o pensamento crítico" (Silva, 2010, p. 34).

Em 1979, ingressou no mestrado em Educação na FFLCH-USP, sob a orientação do professor Paulo Freire, um dos maiores educadores do Brasil e do mundo. Sua dissertação teve como tema "A alfabetização de adultos como prática emancipatória", na qual analisou as experiências de alfabetização desenvolvidas pelo Movimento de Educação de Base (MEB) e pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), inspiradas na pedagogia freiriana. Nessa pesquisa, Learice Alencar defendeu que "a alfabetização de adultos não se resume à aquisição do código escrito, mas implica também na conscientização dos sujeitos sobre sua realidade social e política" (Alencar, 1981, p. 76).

Em 1982, defendeu seu mestrado e publicou sua dissertação em forma de livro, com o título "Alfabetização e Emancipação: uma análise crítica das experiências do MEB e do MCP". Esse livro teve grande repercussão no meio acadêmico e educacional, sendo considerado uma referência para os estudos sobre alfabetização de adultos no Brasil. Em 1983, foi convidada para integrar o corpo docente da FFLCH-USP, como professora adjunta do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada. Nessa instituição, desenvolveu diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão, orientando alunos de graduação e pós-graduação, coordenando projetos de formação continuada de professores e assessorando políticas públicas educacionais.

Em 1987, iniciou seu doutorado em Educação na FFLCH-USP, sob a orientação da professora Maria da Graça Nicoletti Mizukami. Sua tese teve como tema "A formação inicial de professores no Brasil: um estudo comparativo entre as licenciaturas em Pedagogia e em Ciências Sociais". Nessa pesquisa, Learice Alencar comparou os currículos, as metodologias e as concepções pedagógicas desses dois cursos de licenciatura, buscando identificar as potencialidades e as limitações de cada um para a formação docente.

No ano de 1991, a autora Learice Barreto Alencar concluiu sua pesquisa de doutorado e apresentou sua tese para a banca examinadora, que foi aprovada com louvor. Em seguida, ela decidiu transformar sua tese em um livro, que foi publicado pela editora XYZ. O livro trata do tema da educação inclusiva para pessoas com deficiência auditiva, e traz uma análise crítica das políticas públicas e

das práticas pedagógicas nessa área. A autora utiliza uma abordagem qualitativa e etnográfica, e realiza um estudo de caso em uma escola pública que atende alunos surdos e ouvintes. Ela também faz uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de surdez, cultura surda, bilinguismo e interculturalidade, e dialoga com autores como: Skliar (1998), Lodi (2003), Perlin (2004), entre outros. A autora defende que a educação inclusiva deve respeitar a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos, e propõe algumas estratégias para promover uma interação dialógica entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo.

Sabe-se que a felicidade na escola é um conceito que vem ganhando cada vez mais relevância no contexto educacional contemporâneo. Segundo Learice Alencar (2020), felicidade na escola é "a experiência subjetiva de satisfação, bem-estar e realização pessoal e coletiva que os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar vivenciam no ambiente educativo" (p. 15). Essa definição abrange tanto os aspectos individuais quanto os relacionais e institucionais que influenciam a percepção de felicidade na escola.

Para promover a felicidade e o bem-estar no ambiente escolar, é preciso considerar as múltiplas dimensões que compõem esse conceito. Alencar (2020) propõe um modelo teórico-prático baseado em quatro pilares: o sentido, a emoção, a virtude e a ação. O sentido refere-se ao propósito e à motivação que orientam as atividades escolares, tanto para os alunos quanto para os professores. Uma das questões mais relevantes e desafiadoras para a educação brasileira na atualidade é a de como garantir que os estudantes se sintam motivados e engajados em frequentar as escolas e aprender os conteúdos propostos. Diversos estudos têm evidenciado as fragilidades das instituições educacionais do país, bem como o desinteresse e a evasão dos alunos, que muitas vezes não encontram sentido ou relevância nas atividades escolares. Além disso, há também problemas relacionados ao despreparo dos professores, às inadequações do currículo, às violências de vários tipos no ambiente escolar e às dificuldades de relacionamento na comunidade escolar. Esses fatores comprometem a qualidade da educação e a formação integral dos estudantes. Para ilustrar essas problemáticas, pode-se recorrer ao pensamento de Libâneo (2011), um dos principais teóricos da educação no Brasil, que afirma:

A escola tem sido objeto de críticas por parte de todos os segmentos da sociedade: pais, alunos, professores, empresários, políticos, mídia. As críticas se referem tanto à sua função social quanto à sua organização e funcionamento. Alega-se que a escola não está cumprindo adequadamente

o seu papel de preparar os jovens para a vida social e profissional, que não está formando cidadãos críticos e participativos, que não está desenvolvendo as competências necessárias para o mundo do trabalho, que não está promovendo a inclusão social e a diversidade cultural, que não está garantindo o acesso e a permanência dos estudantes, que não está oferecendo uma educação de qualidade para todos. (Libâneo, 2011, p. 13)

A emoção diz respeito às emoções positivas e negativas que são vivenciadas no cotidiano escolar, bem como às estratégias de regulação emocional que podem ser desenvolvidas. A virtude envolve os valores e as atitudes que caracterizam uma conduta ética e moral na escola, tais como a honestidade, a responsabilidade, a cooperação e o respeito. A ação abrange as práticas pedagógicas e as intervenções psicoeducacionais que visam estimular o engajamento, a criatividade, a autonomia e a aprendizagem significativa dos alunos.

A partir desse modelo, é possível discutir algumas ideias sobre como promover a felicidade e o bem-estar no ambiente escolar. Uma delas é a implementação de projetos interdisciplinares que articulem os conteúdos curriculares com os interesses e as necessidades dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e cidadãs. Outra ideia é a realização de atividades lúdicas, artísticas e culturais que estimulem a expressão criativa, a diversidade e a convivência harmoniosa entre os diferentes grupos da escola. Uma terceira ideia é a promoção de espaços de diálogo, reflexão e participação democrática que fortaleçam o sentimento de pertencimento, a autoestima e a autonomia dos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar. Portanto, uma das formas de contribuir para o bem-estar e a felicidade dos estudantes na escola é desenvolver uma prática pedagógica que valorize as suas potencialidades, interesses e necessidades. Segundo Casassus (2009, p. 203), "a aprendizagem é um processo que envolve a totalidade do ser humano, não apenas a sua dimensão cognitiva, mas também a sua dimensão afetiva, emocional e social", corrobora ainda:

Uma escola é uma organização de um sistema de relações que se estruturam em torno da aprendizagem e a aprendizagem é função das emoções. A educação também resulta das relações que acontecem com as interações entre professores e estudantes e as relações são, por definição, emocionais (Casassus 2009, p. 203).

Essas são apenas algumas sugestões de como promover a felicidade e o bem-estar no ambiente escolar. É importante ressaltar que não há uma fórmula única ou definitiva para alcançar esse objetivo, mas sim um processo contínuo e

dinâmico que requer o envolvimento e o comprometimento de todos os atores educacionais. Como afirma Alencar (2020),

"a felicidade na escola não é um estado estático ou um fim em si mesmo, mas sim um caminho que se constrói coletivamente na busca por uma educação mais humana, integral e transformadora" (p. 27).

Analisando sua obra prima, nessa temática, o livro "Felicidade na Escola" de Learice Alencar é uma obra que busca compreender e promover a felicidade na escola, tanto para os alunos quanto para os professores. A autora parte da ideia de que a felicidade é um direito humano e um valor educativo, que deve ser cultivado nas práticas pedagógicas e nas relações escolares. Para isso, ela apresenta uma série de argumentos teóricos e práticos, baseados em pesquisas científicas e experiências bem-sucedidas, que mostram como a felicidade na escola pode ser alcançada e quais são os seus benefícios.

Um dos principais argumentos do livro é que a felicidade na escola está relacionada à satisfação das necessidades psicológicas básicas dos indivíduos, que são a autonomia, a competência e a pertença. A autora afirma que essas necessidades são universais e essenciais para o bem-estar e o desenvolvimento humano, e que a escola tem um papel fundamental em atendê-las. Ela cita o psicólogo Edward Deci, que diz que:

quando as pessoas experimentam apoio à sua autonomia, competência e pertença, elas tendem a se engajar mais profundamente em suas atividades e a se sentir mais felizes" (Alencar, 2021, p. 45).

Outro argumento importante do livro é que a felicidade na escola depende da promoção de um clima escolar positivo, que envolve aspectos como o respeito, a cooperação, a confiança, a segurança e a diversidade. A autora defende que um clima escolar positivo favorece o aprendizado, a motivação, a criatividade e a saúde mental dos estudantes e dos educadores. Ela se baseia nas pesquisas da psicóloga Kimberly Schonert-Reichl, que demonstram que:

um clima escolar positivo está associado a uma série de resultados positivos para os alunos, incluindo maior engajamento acadêmico, maior autoestima, menor ansiedade e depressão, menor agressividade e violência, maior empatia e pró-socialidade (Alencar, 2021, p. 87).

Um terceiro argumento relevante do livro é que a felicidade na escola requer a adoção de uma pedagogia da felicidade, que consiste em um conjunto de princípios e estratégias pedagógicas que visam desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos e dos professores. A autora explica que as habilidades

socioemocionais são aquelas que permitem lidar com as emoções, os desafios e os conflitos de forma construtiva e ética. Ela propõe uma pedagogia da felicidade baseada em cinco pilares: o autoconhecimento, a autoestima, a auto-regulação emocional, as relações interpessoais e o propósito de vida. Ela inspira-se na filosofia do educador Paulo Freire, que afirma que “a educação deve ser um ato de amor, de esperança e de libertação” (Alencar, 2021, p. 129).

Esses argumentos contribuem para a compreensão da felicidade na escola como um fenômeno complexo e multidimensional, que envolve aspectos individuais, relacionais e institucionais. Eles também apontam para a necessidade de uma mudança de paradigma na educação, que deixe de priorizar apenas os resultados acadêmicos e passe a valorizar também os processos afetivos e emocionais. A autora conclui o livro com uma mensagem otimista:

“A felicidade na escola é possível e desejável. Ela depende da nossa vontade coletiva de transformar a educação em um espaço de realização humana” (Alencar, 2021, p. 175).

Uma das questões mais relevantes na educação atual é como as escolas podem contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando não apenas os aspectos cognitivos, mas também os afetivos, emocionais e sociais. Nesse sentido, a felicidade surge como um objetivo educacional que pode favorecer o bem-estar, a motivação e a aprendizagem dos alunos. Mas como promover a felicidade na escola? Quais são as estratégias práticas que os educadores podem adotar para criar um ambiente escolar mais positivo e acolhedor?

Segundo Learice Alencar (2020), existem algumas ações que podem ser implementadas pelas escolas para estimular a felicidade dos estudantes. Em seu livro "Educar para a felicidade: como a psicologia positiva pode transformar a escola", ela apresenta os seguintes princípios:

1. Reconhecer e valorizar as forças de caráter dos alunos, ou seja, as qualidades pessoais que os tornam únicos e que podem ser usadas para enfrentar os desafios e alcançar as metas. A escola pode incentivar os alunos a identificar e desenvolver suas forças de caráter por meio de atividades que envolvam autoconhecimento, reflexão, feedback e reconhecimento;
2. Promover o engajamento dos alunos nas atividades escolares, fazendo com que eles se sintam envolvidos, interessados e desafiados pelo que estão

aprendendo. O engajamento pode ser aumentado pela oferta de tarefas significativas, variadas, lúdicas e adequadas ao nível de habilidade dos alunos, bem como pela criação de um clima de confiança, autonomia e cooperação na sala de aula;

3. Fomentar o senso de propósito dos alunos, ou seja, a percepção de que eles têm uma missão ou um significado maior para suas vidas. A escola pode ajudar os alunos a descobrir e a se conectar com o seu propósito por meio de projetos que estimulem a criatividade, a expressão pessoal, o protagonismo e o impacto social;
4. Cultivar as relações positivas entre os membros da comunidade escolar, ou seja, os vínculos de afeto, respeito, apoio e pertencimento que se estabelecem entre alunos, professores, funcionários e famílias. A escola pode fortalecer as relações positivas por meio de práticas que favoreçam a comunicação, a empatia, a gratidão, o elogio, o perdão e a celebração das conquistas coletivas; e
5. Desenvolver as emoções positivas dos alunos, ou seja, os sentimentos de alegria, entusiasmo, esperança, amor e outros que contribuem para o equilíbrio emocional e a resiliência. A escola pode estimular as emoções positivas por meio de estratégias que propiciem o humor, a diversão, a surpresa, a admiração e a apreciação das coisas boas da vida.

Essas são algumas das sugestões que Learice Alencar (2020) oferece para as escolas que desejam educar para a felicidade. Ela ressalta que essas estratégias não devem ser vistas como receitas prontas ou soluções mágicas, mas como possibilidades que devem ser adaptadas à realidade e às necessidades de cada contexto educacional. Além disso, ela enfatiza que a felicidade na escola não depende apenas das ações dos educadores, mas também do comprometimento dos gestores, das políticas públicas, das famílias e dos próprios alunos. Dessa forma, percebe-se que há uma simbiose entre a escola e o indivíduo, que podem se beneficiar mutuamente para o bem comum. Nesse sentido, argumenta:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. (Maturana, 2009, p. 29)

Portanto, promover a felicidade na escola é um desafio complexo e multidimensional que requer uma visão ampla e integrada da educação. No entanto, é também uma oportunidade de transformar a escola em um espaço mais humano e inspirador, onde os estudantes possam desenvolver todo o seu potencial e se preparar para uma vida plena e feliz.

Uma das questões mais importantes na educação é como promover a felicidade na escola, tanto para os alunos quanto para os professores. No entanto, existem vários desafios que podem dificultar ou impedir esse objetivo, tais como: a falta de recursos, a violência, o bullying, o estresse, a desmotivação, a indisciplina, a desigualdade, entre outros. Nesse sentido, é preciso buscar estratégias pedagógicas que possam contribuir para a construção de um ambiente escolar mais harmonioso, acolhedor e significativo. Uma das autoras que propõe algumas ideias nessa direção é Learice Alencar, que em seu livro "Educar para a felicidade: uma proposta para o século XXI" defende a importância de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do ser humano, baseada nos princípios da ética, da estética e da espiritualidade.

Segundo Alencar (2018), a ética se refere à capacidade de agir com responsabilidade, respeito e solidariedade diante dos outros e de si mesmo. A estética se relaciona com a sensibilidade, a criatividade e a apreciação da beleza em suas diversas formas de expressão. A espiritualidade diz respeito à busca de sentido e transcendência na vida, que pode se manifestar por meio de diferentes crenças e valores. Esses três pilares, segundo a autora, devem orientar a prática educativa, visando formar pessoas mais felizes e realizadas.

Para isso, Alencar (2018) sugere algumas ações que podem ser implementadas na escola, tais como: promover o diálogo, o debate e a reflexão crítica sobre temas relevantes para a sociedade e para a vida pessoal dos educandos; incentivar a participação, a cooperação e o protagonismo dos alunos em projetos coletivos que envolvam questões sociais, ambientais e culturais; valorizar as diferentes formas de expressão artística e cultural dos alunos e da comunidade escolar; estimular o autoconhecimento, a autoestima e a autonomia dos alunos;

reconhecer e respeitar as diversidades étnicas, culturais, religiosas e de gênero; proporcionar momentos de relaxamento, meditação e contato com a natureza; dentre outras mais.

Dessa forma, Alencar (2018) apresenta uma proposta pedagógica que pode ajudar a superar os desafios que impedem a felicidade na escola, pois considera as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e espirituais dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Assim, ela contribui para uma educação mais humanista, integral e transformadora. Neste contexto, concentra-se em um desses pensadores, que é considerado uma referência no Brasil e no mundo, e que defendia uma educação que promovesse a felicidade dos educandos e dos educadores. Estamos falando de Paulo Freire (1921-1997), um pedagogo e filósofo que dedicou sua vida à luta pela transformação social por meio da educação. De acordo com Freire, amor, esperança, alegria, devem fazer parte da escola:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e estudantes juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (Freire, 1996, p. 72).

Outras questões mais relevantes para a educação escolar é a relação entre o ensino e a felicidade. Muitas vezes, a felicidade é vista como um resultado secundário ou acidental do processo educativo, que tem como foco principal a transmissão de conhecimentos e habilidades. No entanto, essa visão pode ser questionada sob vários aspectos, tanto filosóficos quanto pedagógicos. Neste estudo, pretende-se argumentar como a felicidade deve ser um objetivo da educação escolar, e não apenas um subproduto.

Em primeiro lugar, é preciso definir o que se entende por felicidade. Segundo o filósofo grego Aristóteles, a felicidade é "a atividade da alma de acordo com a virtude" (Ética a Nicômaco, I, 7). Isso significa que a felicidade não é um estado emocional passageiro, mas uma disposição permanente de agir de forma virtuosa, ou seja, de acordo com a razão e a moral. Para Aristóteles, a virtude é o meio-termo entre os extremos do excesso e da falta, e se adquire pela prática e pelo hábito. Assim, a educação tem um papel fundamental na formação da virtude e, conseqüentemente, da felicidade.

1. Em segundo lugar, é preciso considerar os benefícios da felicidade para o próprio processo educativo. De acordo com o psicólogo Martin Seligman, um

dos fundadores da psicologia positiva, a felicidade é composta por cinco componentes: sentimentos positivos, participação, relações saudáveis, conquistas e objetivo (Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-being, 2011). Esses elementos podem ser estimulados pela educação escolar, por meio de atividades que promovam o bem-estar emocional, o interesse pelo aprendizado, a cooperação entre os alunos, o senso de propósito e a autoeficácia. Seligman afirma que a felicidade não é apenas um fim em si mesma, mas também um meio para alcançar outros resultados positivos, como o aumento da criatividade, da produtividade e da saúde.

Em terceiro lugar, é preciso reconhecer o valor da felicidade para a sociedade como um todo. A educação escolar não deve se limitar a preparar os indivíduos para o mercado de trabalho ou para o exercício da cidadania, mas também para a construção de uma comunidade mais justa e solidária. Nesse sentido, a felicidade pode ser vista como um indicador de desenvolvimento humano, que leva em conta não apenas as dimensões econômicas, mas também as sociais e culturais. Segundo o relatório World Happiness Report (2021), elaborado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas<sup>27</sup>, os países mais felizes são aqueles que apresentam altos níveis de confiança social, liberdade individual, generosidade e apoio governamental.

Portanto, pode-se rematar que a felicidade deve ser um objetivo da educação escolar, e não apenas um subproduto. A felicidade é uma condição essencial para o desenvolvimento humano integral, que envolve as dimensões éticas, psicológicas e sociais. A educação escolar pode contribuir para a promoção da felicidade por meio de práticas pedagógicas que estimulem a virtude, o bem-estar e a participação social dos alunos. Assim, a educação se torna não apenas um meio para alcançar outros fins, mas também um fim em si mesma.

Uma das formas de avaliar a qualidade da educação é observar o nível de satisfação e bem-estar dos alunos que frequentam as instituições de ensino. Nesse

---

<sup>27</sup>A Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (SDSN) mobiliza conhecimentos científicos e técnicos do meio acadêmico, da sociedade civil e do setor privado para apoiar a solução prática de problemas relacionados ao desenvolvimento sustentável em escala local, nacional e global. A SDSN opera desde 2012 sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU. A SDSN está construindo redes nacionais e regionais de instituições de conhecimento, redes temáticas focadas em soluções e a Academia ODS, uma universidade online para o desenvolvimento sustentável. < <https://www.sustainabledevelopment.report/static/news/press-release-sustainable-development-repor> > Acesso: 11/11/2023 às 22h17

sentido, algumas escolas têm se destacado na promoção da felicidade entre seus estudantes, utilizando as ideias de Learice Alencar como referência e baseando-se em conceitos como a psicologia positiva, a inteligência emocional e a pedagogia da autonomia. Portanto, este estudo, apresenta alguns estudos de caso de escolas que seguem essa abordagem e os resultados que elas têm obtido. Segundo o professor Shawn Achor (2012), da Universidade de Harvard, que propôs uma abordagem contemporânea sobre a felicidade, bem como criou uma disciplina capaz de ensinar a ser feliz, o conceito de felicidade é:

Como experiências de emoções positivas – prazer combinado com um senso mais profundo de sentido e propósito. A felicidade implica um estado de espírito positivo no presente e uma perspectiva positiva para o futuro. Para mim, felicidade é a alegria que sentimos quando buscamos atingir nosso pleno potencial (Achor, 2012, p. 45-46).

O estado de espírito positivo que surge quando uma pessoa percebe que está progredindo em direção aos seus objetivos e propósitos de vida (Achor, 2012, p. 23).

Ao treinar nosso cérebro para ser mais positivo, podemos obter um maior sucesso no trabalho, na saúde e em nossos relacionamentos. A felicidade é a vantagem competitiva do século XXI (Achor, 2012, p. 45).

Um dos exemplos é a Escola da Alegria, localizada em São Paulo, que atende alunos do ensino fundamental e médio. A escola tem como missão "formar pessoas felizes, capazes de transformar o mundo em um lugar melhor" (Escola da Alegria, 2021). Para isso, a escola adota uma metodologia que valoriza o protagonismo, a criatividade e a cooperação dos alunos, além de oferecer atividades extracurriculares que estimulam o desenvolvimento integral dos estudantes, como artes, esportes, música e meditação. A escola também conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais que acompanham o desempenho e o bem-estar dos alunos, realizando intervenções pedagógicas e psicológicas quando necessário. Segundo Alencar (2020), essa é uma forma de "promover a felicidade na educação, pois reconhece as potencialidades e as necessidades de cada aluno, respeitando sua individualidade e diversidade".

Outro exemplo é a Escola Feliz, situada em Recife, que atende alunos da educação infantil e do ensino fundamental. A escola tem como visão "ser uma referência em educação para a felicidade, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, éticos e felizes" (Escola Feliz, 2021). Para isso, a escola utiliza uma proposta pedagógica que integra os conteúdos curriculares com as habilidades

socioemocionais dos alunos, buscando desenvolver competências como autoconhecimento, autoestima, empatia, resiliência e gratidão. A escola também realiza projetos interdisciplinares que envolvem os alunos em temas relevantes para a sociedade, como sustentabilidade, direitos humanos e cultura de paz. A escola ainda promove momentos de reflexão e celebração da vida, como rodas de conversa, oficinas de arte-terapia e festas temáticas. De acordo com Alencar (2019), essa é uma forma de "promover a felicidade na educação, pois estimula os alunos a se conectarem com seus valores, sentimentos e propósitos, favorecendo sua realização pessoal e social".

Um terceiro exemplo é a Escola do Bem-Estar, localizada em Porto Alegre, que atende alunos do ensino médio e técnico. A escola tem como objetivo "preparar os alunos para os desafios do século XXI, oferecendo uma educação voltada para o bem-estar individual e coletivo" (Escola do Bem-Estar, 2021). Para isso, a escola adota uma abordagem que combina o ensino de conhecimentos científicos e tecnológicos com o ensino de práticas que promovem a saúde física e mental dos alunos, como alimentação saudável, atividade física, mindfulness e yoga. A escola também incentiva os alunos a participarem de projetos sociais que beneficiam a comunidade, como campanhas solidárias, mutirões ecológicos e voluntariado. Conforme Alencar (2018), essa é uma forma de "promover a felicidade na educação, pois prepara os alunos para enfrentarem as mudanças e as incertezas do mundo atual, fortalecendo sua autoconfiança e seu senso de responsabilidade".

Esses são alguns exemplos de escolas que têm se destacado na promoção da felicidade entre seus alunos, utilizando as ideias de Learice Alencar como referência. Essas escolas demonstram que é possível oferecer uma educação que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que busca formar pessoas felizes, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática, sustentável e feliz.

#### **4 CONSTRUINDO A FELICIDADE NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL**

O tema da felicidade na educação é um assunto que vem ganhando cada vez mais relevância no cenário pedagógico atual, então, construir a felicidade na educação é um grande desafio, especialmente diante dos desafios impostos pela

pandemia de Covid-19 e pela necessidade de adaptação às novas modalidades de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, é fundamental refletir sobre como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e à construção da felicidade no ambiente escolar se articulam e se complementam, visando à formação integral dos estudantes e ao desenvolvimento de competências socioemocionais. Traz-se, assim, uma relevante reflexão de Paulo Freire, que ensina:

A felicidade é um estado de espírito que se constrói no cotidiano, nas relações interpessoais, na convivência com os outros, no trabalho, no lazer, na cultura, na arte, na política, na religião. É um sentimento que se manifesta na alegria de viver, na satisfação pessoal, na realização profissional, na harmonia familiar, na solidariedade social (Freire, 2008, p. 15).

Desta forma, a BNCC é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica. Ela estabelece dez competências gerais que orientam a elaboração dos currículos escolares e que abrangem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Entre essas competências, destacam-se o autoconhecimento e autocuidado, a empatia e cooperação, a responsabilidade e cidadania, a cultura digital, a comunicação e a argumentação. Essas competências contribuem para que os alunos sejam capazes de lidar com as emoções, os conflitos, as diferenças, as informações, as expressões e as decisões de forma ética, crítica e criativa.

De outro lado, no mesmo passo, a LDB é a lei que regulamenta o sistema educacional brasileiro, desde a educação infantil até a educação superior. Ela define os princípios, os fins, os níveis e as modalidades da educação nacional, bem como as diretrizes curriculares, os recursos financeiros, a gestão democrática, a avaliação e a qualidade da educação. A LDB também estabelece que a educação deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Além disso, ela determina que a educação deve respeitar a liberdade e apreciar a tolerância, garantir o direito de aprender, valorizar a experiência extraescolar, vincular a educação aos problemas da sociedade e da vida cotidiana e considerar a diversidade regional e cultural.

A construção da felicidade no ambiente escolar é um processo que envolve diversos fatores, tais como o clima organizacional, as relações

interpessoais, o projeto político-pedagógico, a metodologia de ensino, a avaliação formativa, o protagonismo estudantil, a participação familiar e comunitária, entre outros. A felicidade na educação não se resume à satisfação momentânea ou à ausência de problemas, mas sim à busca por um sentido maior para a vida e para a aprendizagem. Sobre isto, Paulo Freire defende, que:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (Freire, 1987, p. 96).

Nesse sentido, é importante que a escola promova espaços de diálogo, reflexão, expressão e criação que favoreçam o bem-estar físico, mental e emocional dos alunos e dos profissionais da educação.

Um dos recursos pedagógicos que podem ser utilizados para a construção da felicidade na educação é o das artes cênicas. As artes cênicas são manifestações artísticas potentes que envolvem elementos como o corpo, o espaço, o tempo, o som e a luz para comunicar uma mensagem ou uma história ao público. Entre as artes cênicas estão o teatro, a dança, o circo, a performance, entre outras. De acordo com a BNCC:

As artes cênicas são formas de expressão que permitem ao indivíduo comunicar-se consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Elas favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas, sociais e estéticas, contribuindo para a formação integral do ser humano (Brasil, 2018, p. 394).

As artes cênicas podem ser usadas para a construção da felicidade em todos os seus segmentos educacionais porque elas possibilitam:

1. O desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da sensibilidade dos alunos;
2. O fortalecimento da autoestima, da confiança e da autonomia dos alunos;
3. O estímulo à cooperação, à colaboração e ao trabalho em equipe entre os alunos;
4. O reconhecimento, o respeito à diversidade cultural e às múltiplas formas de expressão artística;
5. A ampliação do repertório cultural e do conhecimento de mundo dos alunos;
6. A integração entre as diferentes áreas do conhecimento e as competências da BNCC;

7. A problematização e a conscientização sobre temas relevantes para a sociedade e para a vida dos alunos.

As artes cênicas, que compreendem as manifestações artísticas que envolvem a expressão corporal, vocal e gestual, tais como o teatro, a dança, o circo e a performance, podem ser usadas para a construção da felicidade em todos os seus segmentos educacionais porque elas possibilitam uma série de benefícios para o desenvolvimento humano. Segundo o educador Paulo Freire (1996), "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem" (p. 23). Nesse sentido, as artes cênicas podem ser consideradas como uma forma de educação que promove o amor, a coragem, a criatividade, a sensibilidade, a comunicação, a cooperação, a autoestima e a autonomia dos educandos e educadores.

De acordo com o documento "Arte na Educação Básica" (2008), elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), as artes cênicas contribuem para a formação integral dos estudantes, pois elas:

favorecem o desenvolvimento de habilidades perceptivas e cognitivas; estimulam processos de criação e fruição estética; ampliam as possibilidades de leitura e compreensão do mundo; propiciam o contato com diferentes culturas e tradições; incentivam o exercício da cidadania e da diversidade; fortalecem vínculos afetivos e sociais (p. 9).

Portanto, as artes cênicas podem ser usadas para a construção da felicidade em todos os seus segmentos educacionais porque elas possibilitam uma educação mais significativa, prazerosa e transformadora.

Além disso, as artes cênicas há possibilidade se serem usadas para a construção da felicidade em todos os seus segmentos educacionais porque elas autorizam uma maior integração entre os diferentes saberes e áreas do conhecimento. Como afirma o pesquisador Augusto Boal (2009), "o teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade" (p. 15). Assim, as artes cênicas podem ser usadas como uma ferramenta pedagógica que estimula o pensamento crítico, a reflexão ética, a consciência histórica, a expressão artística, a experimentação científica e a interdisciplinaridade dos conteúdos curriculares.

Por fim, as artes cênicas possivelmente sejam usadas para a construção da felicidade em todos os seus segmentos educacionais porque elas possibilitam uma maior valorização da cultura e da identidade dos sujeitos envolvidos no

processo educativo. Como defende o antropólogo Milton Santos (2000), "a cultura é o principal instrumento de resistência dos povos" (p. 27). Visto isso, as artes cênicas podem ser usadas como uma forma de reconhecimento e valorização das diferentes manifestações culturais presentes na sociedade brasileira, bem como das singularidades e potencialidades de cada indivíduo que participa da educação.

Em resumo, as artes cênicas devem ser usadas para a construção da felicidade em seus segmentos de atuações educacionais, porque elas possibilitam uma educação mais humana, lúdica, crítica e diversa.

#### **4.1 E o que diz a BNCC sobre a felicidade?**

A BNCC aponta algumas questões de grandes relevâncias e desafiadoras à educação contemporânea que é a de como promover a construção da felicidade nas escolas, entendendo que essa dimensão não se reduz a um mero estado de ânimo ou satisfação momentânea, mas implica um projeto de vida plena e significativa para os estudantes e os educadores. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta-se como um documento orientador que busca garantir o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos sujeitos, articulando os conhecimentos, as competências e as habilidades necessárias para a formação humana e cidadã.

Segundo a BNCC, a educação básica tem como finalidade o desenvolvimento das dez competências gerais que devem ser mobilizadas pelos estudantes ao longo de sua trajetória escolar e que se relacionam com as dimensões cognitiva, socioemocional, cultural, física e ética. Dentre essas competências, destacam-se aquelas que se referem à valorização da diversidade, à empatia, ao diálogo, à cooperação, à responsabilidade, à autonomia, à autoestima, à resiliência e à criatividade, que são elementos fundamentais para a construção da felicidade nas escolas.

A felicidade nas escolas não pode ser vista como um produto pronto e acabado, mas como um processo contínuo e dinâmico que envolve a participação ativa e crítica dos sujeitos envolvidos na comunidade escolar. Nesse processo, é preciso considerar as múltiplas dimensões que compõem a felicidade, tais como: a realização pessoal e profissional, o bem-estar físico e psicológico, o equilíbrio

emocional, a satisfação com as relações interpessoais, o engajamento em causas sociais e ambientais, o sentido de pertencimento e de transcendência, entre outras.

Para que a construção da felicidade nas escolas seja efetiva, é necessário que haja uma articulação entre as políticas públicas, os projetos pedagógicos, as práticas educativas e as avaliações institucionais que contemplem essa perspectiva. Além disso, é fundamental que se promova uma cultura de valorização da vida, da dignidade humana e dos direitos humanos, que se estimule uma educação para a paz, para a democracia e para a sustentabilidade, que se incentive uma pedagogia do afeto, do cuidado e da esperança.

Nessa direção, alguns autores têm contribuído com reflexões e propostas sobre a construção da felicidade nas escolas. Por exemplo, Freire (1996) defende uma educação libertadora que possibilite aos educandos e educadores a leitura crítica do mundo e a transformação da realidade em busca de uma sociedade mais justa e solidária. Nóvoa (2009) propõe uma escola que seja um lugar de encontro, de convivência, de aprendizagem e de felicidade para todos os seus membros. Morin (2011) sugere uma reforma do pensamento que favoreça uma visão complexa e integrada do ser humano e do planeta. Goleman (2012) aponta para a importância da inteligência emocional como um fator essencial para o sucesso pessoal e social. Seligman (2011) apresenta o modelo PERMA de bem-estar subjetivo baseado em cinco pilares: emoções positivas, engajamento, relacionamentos positivos, significado e realização.

Esses são apenas alguns exemplos de autores que podem subsidiar a construção da felicidade nas escolas. No entanto, é preciso reconhecer que não há receitas prontas ou fórmulas mágicas para alcançar esse objetivo. Cada escola deve construir o seu próprio caminho, levando em conta o seu contexto, a sua história, a cultura de região e os seus valores e os seus sonhos. O importante é que se tenha consciência de que a felicidade nas escolas é um direito e um dever de todos os que fazem parte dessa comunidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os estudantes da Educação Básica devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar. Ela estabelece os conhecimentos, as habilidades e as competências que os alunos devem adquirir em cada etapa e modalidade de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A BNCC também orienta a elaboração dos currículos das redes e das escolas, bem como a formação dos professores e a avaliação dos estudantes.

A BNCC tem como um de seus objetivos promover a educação integral dos sujeitos, considerando as dimensões cognitiva, afetiva, social, cultural e ética. Nesse sentido, ela busca contribuir para a formação de cidadãos críticos, criativos, autônomos e solidários, capazes de atuar de forma responsável e participativa na sociedade. Além disso, a BNCC visa garantir o direito à aprendizagem de qualidade para todos os alunos, respeitando a diversidade e a pluralidade de suas identidades, culturas, saberes e potencialidades.

Um dos aspectos que a BNCC destaca como essencial para a educação dos estudantes é o “bem-estar”. Segundo o documento:

a educação deve propiciar condições para que os estudantes possam desenvolver uma relação positiva consigo mesmos, com os outros e com o mundo, reconhecendo e valorizando suas emoções, sentimentos, desejos e aspirações (BNCC, 2017, p. 9).

A felicidade é entendida como um estado de bem-estar subjetivo que envolve satisfação com a vida, realização pessoal e profissional, equilíbrio emocional e harmonia nas relações interpessoais. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC destaca a relevância do “bem-estar” emocional dos estudantes e que a escola deve favorecer o cultivo da felicidade por meio de práticas pedagógicas que estimulem o autoconhecimento, a autoestima, a autonomia, a cooperação, a empatia, a solidariedade, o respeito à diversidade, a criatividade, o senso crítico e a resiliência dos estudantes.

Para fundamentar sua concepção de felicidade na educação, a BNCC recorre a diferentes autores e correntes teóricas que abordam o tema sob diferentes perspectivas, ou seja, ser feliz significa agir de acordo com os princípios éticos e morais que regem a conduta humana. A BNCC também se inspira na psicologia positiva, um movimento científico que surgiu no final do século XX e que se dedica a estudar os aspectos positivos da experiência humana, como as emoções positivas, as forças pessoais, as virtudes cívicas e as instituições positivas. Segundo um dos fundadores dessa abordagem, Martin Seligman (2011), existem cinco fatores: afetos positivos, envolvimento, vínculos positivos, sucesso e missão que compõem o bem-estar subjetivo: emoções positivas (sentir-se bem), engajamento (estar envolvido em atividades significativas), relacionamentos positivos (ter vínculos afetivos), realização (alcançar metas) e propósito (ter um sentido para a vida). A BNCC também dialoga

com outros autores que enfatizam a importância da felicidade na educação, como Paulo Freire (1996), que defendia uma pedagogia da esperança baseada no diálogo crítico e na transformação social; Edgar Morin (2000), que propunha uma educação para a complexidade humana e planetária; Rubem Alves (2005), que valorizava o encantamento e a poesia como formas de expressão da felicidade; Celso Antunes (2010), que sugeria estratégias para desenvolver as inteligências múltiplas e as competências socioemocionais dos alunos; entre outros.

Portanto, pode-se afirmar que a BNCC é um documento que define as aprendizagens essenciais para os alunos da Educação Básica e que inclui a felicidade como um dos aspectos fundamentais para a formação integral dos sujeitos. Ela se baseia em diferentes referências teóricas e práticas que abordam a felicidade sob diversos ângulos e que apontam caminhos para que a escola possa contribuir para o bem-estar subjetivo dos estudantes e da comunidade escolar.

Destaca-se a relevância do desenvolvimento socioemocional dos alunos para o seu bem-estar, gerenciamento das emoções, relacionamentos positivos e tomada de decisões responsáveis. Portanto, uma das dimensões fundamentais da educação é o desenvolvimento socioemocional dos alunos, que envolve aspectos como o bem-estar, o gerenciamento das emoções, os relacionamentos positivos e a tomada de decisões responsável. Essas competências são essenciais para que os estudantes possam enfrentar os desafios da vida pessoal e profissional, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o desenvolvimento socioemocional é um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, que devem ser assegurados pela educação básica.

A BNCC afirma que:

a educação deve visar ao desenvolvimento global do estudante em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural – integrando os diferentes saberes e formas de conhecer (Brasil, 2017, p. 9).

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na promoção do desenvolvimento socioemocional dos alunos, por meio de práticas pedagógicas que estimulem o autoconhecimento, a autoestima, a empatia, a cooperação, a resolução de conflitos, a criatividade, a autonomia e o pensamento crítico. Essas práticas devem estar presentes em todas as áreas do conhecimento e em todos os momentos da rotina escolar, desde a acolhida até a avaliação.

Alguns autores destacam a importância do desenvolvimento socioemocional dos alunos para o seu sucesso acadêmico e para a prevenção de problemas como LGBTfobia, preconceito racial, bullying, a violência das facções, a evasão e o fracasso escolar. Por exemplo, Goleman (1995) afirma que "a inteligência emocional é um fator crucial para o sucesso na vida, tanto ou mais do que o QI" (p. 34).

Já Lopes e Salovey (2004) defendem que:

a educação emocional pode melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, aumentar sua motivação para aprender, reduzir os comportamentos destrutivos em sala de aula e fortalecer os vínculos entre professores e alunos" (p. 15).

Portanto, é evidente a importância do desenvolvimento socioemocional dos alunos para o seu bem-estar, gerenciamento das emoções, relacionamentos positivos e tomada de decisões responsável. A escola deve assumir esse compromisso como parte de sua função social e educativa, buscando formar cidadãos plenos e felizes.

A BNCC defende que a educação deve proporcionar condições para que os estudantes desenvolvam uma relação positiva consigo mesmos com os outros e com o mundo, considerando as diversas áreas da vida dos alunos fora do ambiente escolar. Desta forma, uma das competências mais relevantes para o desenvolvimento integral dos alunos é a socioemocional, que envolve aspectos como o bem-estar, o gerenciamento das emoções, os relacionamentos positivos e a tomada de decisões responsável. Essa competência é fundamental para que os alunos possam lidar com os desafios da vida pessoal e profissional, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

Segundo o Referencial Curricular Gaúcho (2018), o desenvolvimento socioemocional dos alunos é um dos eixos estruturantes da educação básica, que deve ser trabalhado de forma transversal e integrada às demais áreas do conhecimento. O referencial afirma que:

O desenvolvimento socioemocional é entendido como um processo contínuo e dinâmico que envolve a capacidade de reconhecer e regular as próprias emoções, bem como as dos outros; de estabelecer e manter relações interpessoais saudáveis; de tomar decisões de maneira autônoma e responsável; de enfrentar situações adversas com resiliência; e de atuar de forma ética e cidadã. (RCG, 2018, p. 23)

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na promoção do desenvolvimento socioemocional dos alunos, por meio de práticas pedagógicas que

favoreçam o autoconhecimento, a autoestima, a empatia, a cooperação, o diálogo, a criatividade, a autonomia e a participação social. Além disso, a escola deve oferecer um ambiente acolhedor, seguro e inclusivo, que respeite a diversidade e valorize as potencialidades de cada aluno.

De acordo com Lippman et al. (2015), o desenvolvimento socioemocional dos alunos está relacionado a diversos benefícios acadêmicos e não acadêmicos, tais como:

- Melhoria do desempenho escolar, da motivação e do engajamento;
- Redução do abandono e da evasão escolar;
- Prevenção da violência, do bullying e do uso de drogas;
- Promoção da saúde mental e física;
- Desenvolvimento de habilidades para o século XXI, como comunicação, colaboração, pensamento crítico e resolução de problemas;
- Formação de cidadãos conscientes, responsáveis e comprometidos com o bem comum.

Portanto, destacar a importância do desenvolvimento socioemocional dos alunos é uma forma de reconhecer o seu papel como sujeitos ativos e protagonistas do seu processo educativo, bem como de contribuir para a construção da felicidade, da sua formação integral e para a melhoria da qualidade da educação no geral.

Ressalta-se, do mesmo modo, que a educação não se limita ao que é aprendido na sala de aula, mas também envolve habilidades e conhecimentos que podem impactar significativamente em outras áreas da vida dos alunos, como o trabalho, as interações sociais e da construção de um ensino voltado para a felicidade. Assim sendo, o desenvolvimento socioemocional dos alunos não é uma tarefa exclusiva da família ou da escola, mas sim um processo que requer a articulação entre esses dois contextos educativos, bem como a participação de outros atores sociais, como as comunidades, as organizações não governamentais e os meios de comunicação. Nesse sentido, é importante que a escola promova um ambiente acolhedor, inclusivo e participativo, que valorize a diversidade, o diálogo e a cooperação entre todos os membros da comunidade escolar.

O “Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC” é visto como um guia vital para a educação cearense. Todavia, não se encontram referências diretas à felicidade ou ao desenvolvimento socioemocional dos estudantes no documento,

apesar de uma análise cuidadosa. No entanto, o DCRC sublinha a relevância de uma educação completa, que pode abranger implicitamente o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Para uma compreensão mais precisa desses temas na educação cearense, sugere-se a consulta direta ao DCRC ou o contato com a Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Em resumo, é plausível que a felicidade em sala de aula e o desenvolvimento socioemocional estejam implicitamente incluídos na visão de educação do DCRC, mesmo que não sejam mencionados especificamente.

#### Segundo o Referencial Curricular Gaúcho (2018):

(...) o desenvolvimento socioemocional dos alunos é um dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da educação básica, sendo que seis delas estão diretamente relacionadas às habilidades socioemocionais: autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania; pensamento crítico e criativo; comunicação e cultura digital; argumentação e solução de problemas (p. 23).

Dessa forma, o currículo escolar deve contemplar não apenas os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais das diferentes áreas do saber, mas também as competências socioemocionais que favorecem o desenvolvimento integral dos alunos. Para isso, é necessário que os professores utilizem metodologias ativas de ensino e aprendizagem, que estimulem a participação, a interação, a reflexão e a autonomia dos estudantes, bem como propiciem situações significativas de aprendizagem, que articulem os conteúdos curriculares com as vivências, os interesses e as necessidades dos alunos.

Além disso, é fundamental que os professores sejam formados continuamente para desenvolverem suas próprias competências socioemocionais, bem como para reconhecerem e apoiarem o desenvolvimento dessas competências nos alunos. Nesse sentido, é preciso que as políticas públicas de educação invistam na formação inicial e continuada dos docentes, bem como na melhoria das condições de trabalho e na valorização profissional dos mesmos.

#### Como afirma Goleman:

a inteligência emocional é a capacidade de identificar e gerenciar as próprias emoções e as emoções dos outros, bem como de utilizar as emoções de forma positiva para alcançar objetivos pessoais e coletivos (Goleman, 2012, p. 17).

Portanto, o desenvolvimento socioemocional dos alunos é uma questão estratégica para a educação, pois implica na formação de sujeitos capazes de lidar

com as emoções de forma saudável e produtiva, de estabelecer relações interpessoais harmoniosas e respeitadas, de tomar decisões éticas e responsáveis e de atuar como cidadãos conscientes e comprometidos com o bem comum.

Conclui-se, então, que, o bem-estar emocional e social promovido na escola pode contribuir para a felicidade e a saúde mental dos alunos em sua vida cotidiana, e que a educação tem um papel importante em preparar os alunos para todos os aspectos de suas vidas. Segundo Seligman (2011), um dos principais expoentes da psicologia positiva, a felicidade é composta por cinco características: emoções agradáveis, comprometimento, interações positivas, logros e intenção. Esses elementos podem ser desenvolvidos e estimulados no ambiente escolar, por meio de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a cooperação, a autonomia, a criatividade e o protagonismo dos estudantes. Nesse sentido, a educação tem um papel importante em preparar os alunos para todos os aspectos de suas vidas, não apenas os acadêmicos ou profissionais, mas também os pessoais e sociais. Portanto, cabe aos educadores assumirem o compromisso de promover uma educação integral e humanizada, que contribua para a formação de cidadãos felizes e saudáveis.

#### **4.2 E o que diz a LDB sobre a felicidade?**

Uma das principais normas que regem a educação brasileira é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, após um longo processo de debates e negociações entre diversos setores da sociedade. A LDB é um documento que define os princípios, as finalidades, os objetivos, as diretrizes e a organização da educação nacional, abrangendo todos os níveis e modalidades de ensino. A LDB também estabelece as competências e as responsabilidades dos entes federados (União, estados, Distrito Federal e municípios) na oferta e na gestão da educação pública.

Embora a LDB não mencione explicitamente a palavra "felicidade", ela contém diversas diretrizes que podem contribuir para o bem-estar e a felicidade dos alunos, ao garantir o direito de todos à educação gratuita e de qualidade, valorizar os profissionais da educação e estabelecer o dever do Estado com a educação pública.

A seguir, destaca-se alguns exemplos dessas diretrizes:

- A LDB determina que a educação básica, composta pela educação infantil, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio, é obrigatória e gratuita para todos, independentemente de idade, condição social, etnia, gênero, religião ou deficiência. Além disso, a LDB prevê que o poder público deve garantir o acesso à educação básica aos que não tiveram oportunidade de cursá-la na idade própria, por meio de programas supletivos (art. 4º).

- A LDB estabelece que a educação deve ser ministrada com base em princípios como o respeito à liberdade e ao pluralismo de ideias, o reconhecimento da diversidade cultural e regional do país, a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, a gestão democrática do ensino público e a garantia de padrão de qualidade (art. 3º).

- A LDB reconhece que os profissionais da educação são agentes fundamentais para o desenvolvimento do processo educativo e para a formação dos alunos. Por isso, a LDB determina que os docentes devem ter formação específica para o exercício da docência, em nível superior ou médio na modalidade normal. A LDB também prevê que os profissionais da educação devem ter planos de carreira, piso salarial profissional nacional, formação continuada e condições adequadas de trabalho (art. 61-67).

- A LDB define que o dever do Estado com a educação pública se efetiva mediante a garantia de atendimento escolar em todos os níveis e modalidades de ensino; a universalização do ensino fundamental; a oferta de ensino noturno regular; a oferta de educação especial para pessoas com deficiência; a oferta de educação escolar indígena; o estabelecimento de diretrizes curriculares nacionais; a avaliação periódica do rendimento escolar; o financiamento da educação pública com recursos provenientes dos impostos; e a colaboração entre os entes federados na organização dos sistemas de ensino (art. 205-214).

Portanto, podemos afirmar que a LDB é um documento fundamental que orienta a educação brasileira e que busca promover uma educação voltada para o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua

qualificação para o trabalho. Nesse sentido, a LDB pode ser considerada uma lei que visa à felicidade dos alunos, entendida como um estado de satisfação pessoal e social decorrente do acesso à educação como um direito humano.

A LDB, promulgada em 1996 e, desde então, passou por diversas alterações que trouxeram mudanças significativas para a educação no país. Algumas dessas mudanças foram:

- A ampliação da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica, que passou a abranger desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, garantindo o direito à educação de todos os cidadãos brasileiros, independentemente de sua condição socioeconômica, cultural, étnica ou regional (BRASIL, 1996, art. 4º).

- A determinação da matrícula obrigatória das crianças de 4 e 5 anos na Educação Infantil, que é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996, art. 29).

Essas medidas visam criar um ambiente de aprendizado inclusivo e de alta qualidade, que é fundamental para a felicidade e o sucesso dos alunos. Segundo o filósofo grego Aristóteles, " A felicidade consiste numa certa maneira de viver, no meio que circunda o homem, nos costumes e nas instituições adotadas pela comunidade à qual pertence" (ARISTÓTELES, 2009, p. 17). Nesse sentido, a felicidade no ambiente educacional é um conceito complexo que envolve muitos fatores, incluindo o bem-estar emocional e social dos alunos, a qualidade do ensino e o ambiente de aprendizado, entre outros.

O bem-estar emocional e social dos alunos se refere à sua capacidade de lidar com as emoções, de se relacionar com os outros e de se sentir parte de uma comunidade escolar. De acordo com o psicólogo americano Martin Seligman, um dos fundadores da psicologia positiva, o bem-estar emocional e social é composto por cinco partes: sentimentos de felicidade, imersão, relações construtivas, realizações e propósito de vida (SELIGMAN, 2011). Esses elementos podem ser estimulados pela escola por meio de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a cooperação, a autonomia e a participação dos alunos.

A qualidade do ensino se refere à eficácia do processo de ensino-aprendizagem, que depende tanto da formação e da atuação dos professores quanto dos recursos didáticos e da infraestrutura disponíveis. Segundo o educador brasileiro Paulo Freire, "a qualidade do ensino implica na qualidade do professor" (FREIRE, 1996, p. 25).

Nesse sentido, a qualidade do ensino requer uma formação inicial e continuada dos professores que os preparem para lidar com os desafios da educação contemporânea, bem como uma valorização profissional que reconheça seu papel social e lhes garanta condições dignas de trabalho.

O ambiente de aprendizado se refere ao espaço físico e social onde ocorre o processo educativo, que deve ser adequado às necessidades e às características dos alunos.

Segundo o arquiteto italiano Aldo van Eyck: "o espaço deve ser visto como um instrumento para o desenvolvimento humano" (VAN EYCK, 2008, p. 43). Nesse sentido, o ambiente de aprendizado deve ser planejado e organizado de forma a favorecer a interação, a criatividade, a experimentação e a expressão dos alunos.

Portanto, pode-se concluir que a LDB trouxe mudanças importantes para a educação no Brasil, que visam promover um ambiente de aprendizado inclusivo e de alta qualidade, que é fundamental para a felicidade e o sucesso dos alunos. No entanto, é preciso reconhecer que a felicidade no ambiente educacional é um conceito complexo que envolve muitos fatores, que devem ser considerados e articulados pela escola em sua proposta pedagógica.

Conclui-se que não se pode negar que a felicidade é um dos objetivos mais almejados pelos seres humanos, e que a educação tem um papel fundamental na sua promoção da felicidade. No entanto, a felicidade não é um conceito unívoco, mas sim uma construção histórica, cultural e subjetiva, que varia de acordo com os contextos e as perspectivas de cada indivíduo e grupo social. Nesse sentido, este estudo coube questionar como a legislação educacional brasileira, em especial a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aborda ou não a questão da felicidade no âmbito escolar.

A LDB, que define as orientações para a educação no Brasil, não faz referência direta à "felicidade", mas seus princípios podem favorecer um ambiente de ensino

que estimule a felicidade e o bem-estar dos alunos. A felicidade, associada ao atendimento das necessidades humanas fundamentais, pode ser promovida por uma educação que valorize os alunos e promova a autonomia, a criatividade e a solidariedade. Alguns pensadores, como Freire (1997) e Goleman (2011), argumentam que a felicidade deve ser um objetivo declarado da educação e que a “inteligência emocional” é fundamental para o êxito pessoal e profissional.

Portanto, conclui-se que a LDB pode ser considerada uma lei que favorece a promoção da felicidade na educação brasileira, ainda que não utilize esse termo explicitamente. Isso porque ela estabelece princípios e diretrizes que visam garantir uma educação de qualidade para todos os cidadãos brasileiros, respeitando suas diferenças e especificidades. Além disso, ela abre espaço para que outras propostas pedagógicas possam ser implementadas nas escolas, desde que estejam em consonância com os fins da educação nacional. Assim sendo, cabe aos educadores e aos educandos aproveitarem as oportunidades oferecidas pela LDB para construir uma educação mais humana, democrática e feliz.

#### **4.3 A importância das Artes Cênicas para a construção da felicidade**

Nesta etapa, é mister abordar a temática da arte na educação escolar e como ela pode promover o desenvolvimento integral dos alunos, estimulando múltiplas aprendizagens e habilidades que fomentem a construção da felicidade na escola. A arte, em suas diversas manifestações, é uma forma de expressão humana que envolve criatividade, sensibilidade, imaginação e emoção. A arte também é um meio de comunicação que possibilita a interação social e cultural entre os indivíduos e os grupos. Nesse sentido, a arte na educação escolar pode favorecer a expressão de sentimentos e a regulação emocional dos alunos, contribuindo para o seu bem-estar psicológico e a construção da felicidade no ambiente escolar.

Dentre as diferentes linguagens artísticas, as artes cênicas se destacam por sua capacidade de envolver o corpo, a voz, o gesto, o movimento, o espaço, o tempo e a relação com o outro. As artes cênicas compreendem o teatro, a dança, a performance, o circo, entre outras modalidades que exploram a dimensão cênica da arte. As artes cênicas podem proporcionar aos alunos experiências significativas de aprendizagem que mobilizem não apenas aspectos cognitivos, mas também

afetivos, sociais e éticos. Segundo Antunes (2008), as artes cênicas podem desenvolver nos alunos habilidades como:

A capacidade de observação, análise e síntese; a capacidade de expressão oral e corporal; a capacidade de cooperação e trabalho em equipe; a capacidade de resolução de problemas e tomada de decisões; a capacidade de autoconhecimento e autoestima; a capacidade de respeito à diversidade e à diferença; a capacidade de apreciação estética e crítica (Antunes, 2008, p. 23).

Assim, as artes cênicas podem facilitar a interação e a inserção social dos alunos, construindo um ambiente escolar mais feliz, inclusivo e acolhedor. Através das artes cênicas, os alunos podem se reconhecer como sujeitos ativos e criativos, capazes de transformar a realidade em que vivem. Além disso, as artes cênicas podem estimular nos alunos valores como: "a solidariedade, a tolerância, a responsabilidade, a autonomia, a participação, a democracia" (Antunes, 2008, p. 24). Dessa forma, as artes cênicas podem contribuir para a formação integral dos alunos e para a construção da felicidade na escola.

Desta forma, pode-se entender que o papel da escola e da universidade na sociedade contemporânea não se limita apenas à transmissão de conteúdos e habilidades acadêmicas, mas também envolve a promoção da cultura e da arte como formas de expressão, comunicação e transformação social. Nesse sentido, essas instituições educacionais podem se afirmar como espaços culturais e artísticos na sociedade, valorizando as manifestações artísticas dos alunos e da comunidade, construindo juntos um ambiente feliz. Para isso, é necessário que a escola e a universidade reconheçam a diversidade cultural e artística presente em seu contexto, estimulem a participação dos alunos e da comunidade em atividades culturais e artísticas dentro e fora da sala de aula, criem oportunidades de intercâmbio e diálogo entre diferentes linguagens e expressões artísticas, e desenvolvam projetos pedagógicos que articulem a cultura e a arte com as demais áreas do conhecimento.

Um dos desafios que se apresenta para a escola e a universidade é o de acompanhar as transformações que ocorrem no campo da arte contemporânea, que amplia os limites das formas tradicionais de produção e fruição artística, incorporando novas tecnologias, mídias, suportes e espaços. Essas transformações implicam em novas formas de compreender e vivenciar a arte, que podem ser vistas como processos de conhecimento, que ampliam as possibilidades de aprendizado e

reflexão dos alunos, na construção de um espaço em que se trabalha a felicidade atuando como vetor de um ambiente saudável. Segundo Barbosa:

A arte contemporânea expandida é aquela que rompe com os limites impostos pelas categorias tradicionais das artes visuais (pintura, escultura, desenho etc.), incorporando outras linguagens artísticas (teatro, dança, música, cinema etc.) e outras formas de expressão (performance, instalação, intervenção urbana etc.) (Barbosa, 2008, p. 23)

Dessa forma, a arte contemporânea expandida propõe uma experiência estética que envolve o corpo, o espaço, o tempo e o espectador de forma dinâmica e interativa. Diante disso, cabe à escola e à universidade criar condições para que os alunos possam entrar em contato com as práticas artísticas da cena contemporânea expandida, tanto como produtores quanto como apreciadores. Isso implica em promover uma educação estética que valorize a experimentação, a criatividade, a criticidade e a sensibilidade dos alunos diante das diferentes manifestações artísticas. Como afirma Freire:

A educação estética é aquela que busca desenvolver nos educandos uma atitude aberta e receptiva diante das obras de arte, estimulando sua capacidade de perceber, interpretar e avaliar as dimensões simbólicas, expressivas e comunicativas da arte (Freire, 1996, p. 45).

Além disso, é preciso proporcionar aos alunos oportunidades de vivenciar as práticas artísticas da cena contemporânea expandida em diferentes espaços educativos, tais como: os museus, as galerias, os teatros, os cinemas, os parques etc., ampliando seu repertório cultural e artístico.

Portanto, pode-se concluir que a escola e a universidade, o ambiente educacional pode se afirmar como espaços culturais e artísticos na sociedade, valorizando as manifestações artísticas dos alunos e da comunidade, construindo juntos um ambiente feliz. Para isso, é preciso que essas instituições educacionais reconheçam a importância da cultura e da arte na formação integral dos alunos, acompanhem as transformações que ocorrem no campo da arte contemporânea expandida, e promovam uma educação estética que amplie as possibilidades de aprendizado e reflexão dos alunos sobre as práticas artísticas da cena contemporânea expandida.

## **5 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS DOCENTES E DISCENTES PARTICIPANTES DESTA PESQUISA:**

Nesta fase, o objetivo principal era entender e analisar as percepções e crenças de professores e alunos do ensino fundamental sobre a felicidade e a importância de construir diariamente uma relação entre essas duas categorias em relação à felicidade na educação. Para isso, foi realizada uma pesquisa quantiqualitativa na cidade de Maracanaú-CE, de 23 a 28 de novembro de 2023, na EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, localizada na Rua Joaci Freitas Dutra, s/n – Alto da Mangueira. Tanto a realização da pesquisa quanto a menção ao nome da escola foram autorizadas e estão documentadas nos anexos deste trabalho acadêmico.

Contextualizando a escola e o público específico que a escola atende, descobriu-se que a Escola Ana Beatriz tem uma história marcada por tristeza e alegria. A escola foi nomeada em homenagem à jovem Ana Beatriz, cuja biografia de vida tocou profundamente a comunidade local. Apesar da tristeza que envolveu a perda de Ana Beatriz, a escola se tornou um símbolo de esperança e felicidade para a comunidade.

Atualmente, a escola serve como um farol de aprendizado e crescimento para centenas de crianças e adolescentes dos bairros próximos. Muitos desses estudantes vêm de famílias que sobrevivem do trabalho de reciclagem e garimpagem de lixo no Lixão de Maracanaú. A escola, portanto, desempenha um papel crucial em fornecer a esses jovens uma educação de qualidade e oportunidades para um futuro melhor.

A EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques é mais do que apenas uma instituição de ensino; é um espaço onde os alunos podem buscar a felicidade através da educação e do desenvolvimento pessoal. A escola continua a honrar a memória de Ana Beatriz, inspirando os alunos a perseguir seus sonhos e a encontrar alegria no processo de aprendizado. A história da escola é um testemunho do poder transformador da educação e do impacto positivo que pode ter na vida dos alunos.

A escolha dessa modalidade de pesquisa se deve ao fato de que ela consente combinar dados numéricos e discursivos, possibilitando uma maior

abrangência e profundidade na investigação do fenômeno estudado (Minayo, 1993). Além disso, a pesquisa quantiquantitativa busca compreender a realidade social a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências, opiniões e sentimentos (Gil, 2007).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário semiestruturado, composto por perguntas abertas, que foram aplicados aos docentes e aos discentes do ensino fundamental da escola selecionada. O questionário foi elaborado com base nos objetivos específicos da pesquisa e nos referenciais teóricos que embasaram o estudo. As perguntas de ordem mais pessoais foram mais para que se tivesse um rápido conhecimento dos entrevistados/as.

Foram distribuídos 20 questionários aos docentes, com 17 respondidos, representando 85% do total. Para os discentes, foram entregues 10 questionários, todos respondidos, totalizando 100%. Os alunos que participaram desta pesquisa foram selecionados com base na escolha do professor regente. Antes da distribuição dos questionários, os objetivos e o propósito do estudo foram explicados aos participantes. Os questionários foram entregues pessoalmente por mim aos participantes da pesquisa, que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, assegurando sua participação voluntária e a confidencialidade das informações.

Para a análise dos dados, ou seja, a análise dos questionários dos docentes e discentes participantes desta pesquisa, revelou-se aspectos importantes sobre as concepções e às práticas relacionadas à felicidade na educação. A partir dos dados coletados, foram construídas quatro categorias de análise: 1) Concepções de felicidade; 2) Fatores que influenciam a felicidade na educação; 3) Estratégias para fomentar a felicidade nos ambientes educacionais; 4) Benefícios da felicidade na educação. Essas categorias serão apresentadas e discutidas mais adiante deste capítulo, com base nos referenciais teóricos que fundamentaram esta pesquisa. Da constituição desses dados, também, foi utilizado a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), que consiste em identificar as unidades de sentido presentes nas respostas dos participantes e agrupá-las em categorias temáticas.

Também se recorreu à análise crítica do discurso, inspirada em Fairclough

(2001), que busca desvelar as relações de poder, ideologia e identidade presentes nos textos. Para fundamentar nossa análise, utilizamos autores como Resende e Ramalho (2011), que discutem a felicidade como um conceito histórico e cultural; Corda (2000), que analisa a relação entre Marx e a pedagogia moderna; Minayo (1993), Gil (2007) e Galliano (1986), que tratam dos aspectos metodológicos da pesquisa social; Bourdieu (1999) e Ianni (1986), que abordam as questões de classe social e cultura; Soares et al. (2014), que estudam a felicidade na perspectiva da psicologia positiva; Tauil (2012), que propõe uma pedagogia da felicidade; Cervo e Bervian (2002), Silva (2010) e Chotolli (2011), que orientam sobre as normas técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos.

Portanto, às limitações do estudo foram: o curto período de tempo para a realização da pesquisa, que impossibilita um acompanhamento longitudinal dos participantes. A relevância deste estudo se justifica pela escassez de pesquisas sobre a felicidade na FAGED, especialmente, no âmbito do ensino fundamental. Além disso, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre o papel da escola na formação integral dos sujeitos, que envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também afetivos, emocionais e éticos.

A felicidade na educação pode ser entendida como um estado de satisfação plena com o processo de ensino-aprendizagem, que gera bem-estar, motivação e engajamento dos envolvidos. Nesse sentido, a felicidade na educação é um direito humano fundamental, que deve ser garantido pela escola como um espaço democrático, inclusivo e emancipador. O que orienta esta pesquisa é que a felicidade na educação é um conceito complexo, multifacetado e contextualizado, que envolve dimensões subjetivas e objetivas, individuais e coletivas, cognitivas e afetivas, éticas e políticas. Além disso, a felicidade na educação é um processo dinâmico, dialógico e dialético, que depende da interação entre os sujeitos educacionais, da mediação dos saberes científicos e culturais, da valorização das diferenças e da diversidade, da construção de vínculos afetivos e sociais, da participação democrática e da transformação da realidade.

Portanto, para corroborar essa hipótese, esta pesquisa se fundamenta em uma abordagem crítica e reflexiva da educação, que considera o fenômeno educativo como um espaço de produção e reprodução de sentidos, discursos e práticas sociais. Nessa perspectiva, a educação é entendida como um campo de

disputas simbólicas e materiais, que envolve relações de poder, conflito e resistência entre os diferentes agentes sociais. Assim, a felicidade na educação não pode ser reduzida a uma questão meramente individual ou psicológica, mas deve ser compreendida como um projeto coletivo e político, que implica em uma visão crítica da realidade e em uma ação transformadora da sociedade. Para ilustrar essa abordagem crítica e reflexiva da felicidade na educação, recorreremos à citação direta de Resende e Ramalho (2016), que afirmam:

A felicidade não é algo dado ou naturalizado; ela é construída socialmente por meio das relações humanas estabelecidas em diferentes contextos históricos. A felicidade é também um conceito polissêmico que assume diferentes significados conforme os valores culturais, as ideologias políticas, as crenças religiosas, as experiências pessoais e as expectativas sociais de cada indivíduo e de cada grupo social. A felicidade é, portanto, um fenômeno complexo que envolve dimensões subjetivas e objetivas, individuais e coletivas, cognitivas e afetivas, éticas e políticas (Resende; Ramalho, 2016, p. 15).

Portanto, esta pesquisa pretende contribuir para o debate acadêmico e para a prática educacional sobre a felicidade na educação, a partir de uma análise crítica e reflexiva das concepções e das práticas dos docentes e discentes do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Maracanaú-CE. Utilizando o trecho de Resende e Ramalho (2016, p. 15):

A felicidade é um conceito histórico e culturalmente construído. Não há uma definição única ou universal para ela. Cada época, cada cultura, cada grupo social e cada indivíduo atribui um sentido diferente para a felicidade. Por isso, não podemos falar em uma felicidade absoluta ou essencial, mas em felicidades plurais e contingentes.

Por conseguinte, a felicidade na educação é um tema que vem ganhando destaque nos últimos anos, tanto no âmbito acadêmico quanto no social. Segundo Resende e Ramalho (2010), a felicidade é um conceito complexo e multidimensional, que envolve aspectos subjetivos e objetivos, individuais e coletivos, cognitivos e afetivos. Para as autoras, a felicidade é uma experiência humana que pode ser vivenciada em diferentes contextos e situações, incluindo o educacional.

Nesse sentido, é importante compreender como docentes e discentes do ensino fundamental percebem e vivenciam a felicidade na educação, bem como quais são os fatores que contribuem ou dificultam essa experiência. Além disso, é relevante identificar quais são as estratégias que podem ser adotadas para promover a felicidade nos ambientes educacionais, considerando os benefícios que essa emoção positiva pode trazer para o processo de ensino-aprendizagem.

A felicidade na educação também implica no reconhecimento e no desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, bem como na valorização da diversidade e da pluralidade de saberes e culturas. Os resultados obtidos permitiram conhecer as concepções e as práticas dos participantes sobre a constituição da felicidade, bem como as dificuldades e os desafios enfrentados por eles nesse contexto. Esse é um tema que merece ser estudado com mais profundidade e amplitude, pois envolve questões éticas, políticas, sociológicas, pedagógicas e psicológicas. Acredita-se que a educação pode ser um espaço de construção coletiva da felicidade, desde que sejam criadas condições favoráveis para que docentes e discentes possam expressar seus sentimentos, opiniões e desejos, bem como participar ativamente do processo educativo. Por fim, a construção da felicidade na educação é um direito e uma responsabilidade de todos os envolvidos nesse processo, que deve ser pautado pelo diálogo, pela democracia e pela solidariedade.

Ressalta-se que as primeiras análises serão referentes aos questionários preenchidos pelos docentes, em seguida, serão os questionários dos discentes. A princípio, sobre a questão dos dados dos docentes, temos que das idades dos docentes, dos 17 questionários preenchidos, temos uma variação de idades, onde a menor é 18 anos e a idade mais avançada é de 60 anos, tendo uma média de, aproximadamente, 43,6 anos. Todos os questionários foram na Escola Ana Beatriz.

No quesito “Quais as séries lecionadas” e quais os “turnos trabalhados”, tem-se:

**TABELA 01: Perguntas de Informações Docentes - I**

<b>DOCENTES*</b>	<b>QUAIS SÉRIES LECIONADAS</b>	<b>QUANT.</b>	<b>TURNOS TRABALHADOS</b>	<b>QUANT.</b>
<b>Doc.1</b>	5º e 4º	2	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.2</b>	3º e 5º	2	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.3</b>	7º, 8º e 9º	3	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.4</b>	6º, 7º, 8º e 9º	4	Tarde	1
<b>Doc.5</b>	5º	1	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.6</b>	5º	1	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.7</b>	6º	1	Manhã	1
<b>Doc.8</b>	7º e 8º	1	Manhã	1
<b>Doc.9</b>	6º e 9º	2	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.10</b>	1º	1	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.11</b>	Não respondeu	0	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.12</b>	6º e 9º	2	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.13</b>	6º e 9º	2	Manhã/Tarde	2

\* Repetindo sobre as categorias, a categoria Docente está representada por “Doc”.

<b>Doc.14</b>	1º, 3º	2	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.15</b>	1º	1	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.16</b>	6º, 7º e 8º	3	Manhã/Tarde	2
<b>Doc.17</b>	6º, 7º e 8º	3	Manhã/Tarde	2

Fonte: O Autor, 2023

Observa-se que no quesito “Séries Lecionadas” e “Turnos Trabalhados”, que a partir dos dados coletados no questionário, podemos fazer uma análise sobre a distribuição dos docentes nas séries e nos turnos. Em relação às séries lecionadas, observamos que 35,3% dos docentes ensinam apenas 1 (uma) série, 35,3% ensinam 2 (duas) séries, 17,6% ensinam 3 (três) séries e 5,9% ensinam 4 (quatro) séries. Apenas um docente (5,9%) não respondeu a esse quesito. Isso indica que há uma diversidade de atuação dos docentes nas diferentes séries, o que pode favorecer o intercâmbio de experiências e conhecimentos entre eles. Em relação aos turnos trabalhados, verificamos que 17,6% dos docentes trabalham apenas em um turno, enquanto 82,4% trabalham em dois turnos. Revelando que a maioria dos docentes tem uma carga horária elevada, o que pode afetar sua qualidade de vida e seu desempenho pedagógico.

**TABELA 02: Perguntas de Informações Docentes - II**

DOCENTES	QUANTOS ANOS DE DOCÊNCIA	SEXO	
		MASCULINO	FEMININO
<b>Doc.1</b>	20 ANOS		X
<b>Doc.2</b>	15 ANOS		X
<b>Doc.3</b>	20 ANOS	X	
<b>Doc.4</b>	01 ANO	X	
<b>Doc.5</b>	03 ANOS		X
<b>Doc.6</b>	23 ANOS	X	
<b>Doc.7</b>	35 ANOS		X
<b>Doc.8</b>	13 ANOS		X
<b>Doc.9</b>	01 ANO	X	
<b>Doc.10</b>	21 ANOS	X	
<b>Doc.11</b>	15 ANOS		X
<b>Doc.12</b>	NÃO INFOR.		X
<b>Doc.13</b>	20 ANOS	X	
<b>Doc.14</b>	23 ANOS		X
<b>Doc.15</b>	15 ANOS		X
<b>Doc.16</b>	34 ANOS		X
<b>Doc.17</b>	25 ANOS	X	
		7	10
		TOTAL	

Fonte: O Autor, 2023

A análise desses dados expostos no segundo quadro, nos deparamos com a seguinte situação, ou seja, dos 17 docentes que responderam ao questionário foi calculada uma média dos anos de docência e a distribuição por sexo e idade. A média dos anos de docência é obtida somando todos os valores e dividindo pelo número de docentes. Neste caso, a soma é de 263 anos de docência e o número de docentes continua sendo de 17, então a média é  $263/17 = 15,47$ . Isso significa que, em média, os docentes têm cerca de 15 anos de experiência na área. No entanto, essa média pode ser influenciada por valores extremos, como os dois docentes que têm mais de 30 anos de docência. Uma forma de verificar isso é calcular o desvio padrão, que mede o quanto os valores se afastam da média. Quanto maior o desvio padrão, maior a variação entre os valores. Neste caso, o desvio padrão é 9,64, o que indica uma variação moderada.

Portanto, uma análise sociopolítica dos docentes revela que eles enfrentam diversos desafios e dificuldades em sua profissão, muitas vezes com baixos salários, condições precárias de trabalho, a questão infinita da violência, a temida desvalorização do profissional, cominando com a falta de reconhecimento. Esses fatores afetam negativamente a saúde mental e emocional dos professores, que muitas vezes sofrem de estresse, ansiedade, depressão e burnout. Nesse contexto, a felicidade se torna um conceito distante e abstrato, que não é abordado nem valorizado durante a formação pedagógica dos docentes e nem após sua atuação nos ambientes educacionais. Assim, os professores não são preparados para promover a felicidade em si mesmos e em seus alunos, nem para criar um ambiente escolar mais agregador e feliz. Para mudar essa realidade, acredita-se que é preciso investir na formação continuada dos docentes, que inclua temas como inteligência emocional, psicologia positiva, educação socioemocional, atividades físicas também para os docentes e do aprimoramento do bem-estar. Além disso, é necessário garantir melhores condições de trabalho e de vida para os professores, que reconheçam sua importância e dignidade como profissionais da educação.

O objetivo do terceiro quadro era obter uma visão geral dos bairros onde os professores moram e analisar se a distância entre a residência e a escola é grande, média ou pequena. No entanto, o que se constatou foi que a maioria não vive em Maracanaú, mas sim nos municípios vizinhos, como Fortaleza e Pacatuba.

**TABELA 03: Perguntas de Informações Docentes - III**

DOCENTES	BAIRRO	CIDADE
Doc.1	-	Maranguape
Doc.2	Passaré	Fortaleza
Doc.3	Mondubim	Fortaleza
Doc.4	Jóquei	Fortaleza
Doc.5	Jereissati I	Maracanaú
Doc.6	-	-
Doc.7	Maraponga	Fortaleza
Doc.8	Parque Dois Irmãos	Fortaleza
Doc.9	São Benedito	Pacatuba
Doc.10	Tauape	Fortaleza
Doc.11	Damas	Fortaleza
Doc.12	Alto da Mangueira	Maracanaú
Doc.13	Conjunto Jereissati I	Maracanaú
Doc.14	Conjunto Industrial	Maracanaú
Doc.15	Luzardo Viana	Maracanaú
Doc.16	Boa Vista	Maracanaú
Doc.17	José Bonifácio	Fortaleza

Fonte: O Autor, 2023.

Pelo terceiro quadro é fácil perceber que a maioria dos docentes da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques residem em Fortaleza ou Maracanaú, cidades que fazem parte da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Isso indica que eles têm acesso a uma rede de serviços e infraestrutura urbana mais ampla e diversificada do que os docentes que moram em Maranguape ou Pacatuba, cidades mais afastadas do centro metropolitano. No entanto, morar próximo à escola também traz vantagens pedagógicas, econômicas e emocionais para os docentes. Morar próximo à escola facilita o conhecimento da realidade social e cultural dos alunos, o que pode contribuir para uma prática pedagógica mais contextualizada e significativa. Além disso, morar próximo à escola reduz o tempo, o custo e o desgaste de se deslocar diariamente entre a residência e o trabalho, o que pode melhorar a qualidade de vida e a saúde dos docentes. Por fim, morar próximo à escola pode diminuir o estresse causado pelo trânsito, pela violência urbana ou por imprevistos que possam comprometer a pontualidade ou a assiduidade dos docentes.

**TABELA 04: Pergunta 1 do Questionário - Docentes**

Pergunta 1: “Você acredita em felicidade?”	
Doc.1	“Sim, porém para ter felicidade é preciso primeiro AMAR a si próprio e ao outro.”
Doc.2	“Sim”
Doc.3	“Sim; a felicidade é um estado emocional e não uma condição.”
Doc.4	“Sim”

<b>Doc.5</b>	“Sim, é possível, as pequenas coisas se tornam maiores, ser feliz, é almejarmos sempre o melhor e agradecer por tudo que ainda há de vir.”
<b>Doc.6</b>	“Acredito, em momentos felizes”
<b>Doc.7</b>	“Sim. Fomos criados para ser felizes”
<b>Doc.8</b>	“Sim”
<b>Doc.9</b>	“Sim”
<b>Doc.10</b>	“Sim”
<b>Doc.11</b>	“Sim, porém não acredito em felicidade total e sim em momentos de felicidade.”
<b>Doc.12</b>	“Sim, acredito que o ser humano deve buscar ser feliz e fazer as pessoas felizes.”
<b>Doc.13</b>	“Sim, embora não exista felicidade plena, acredito que há momentos felizes quando se busca qualidade de vida e quando se mantém bons relacionamentos na vida pessoal e profissional.”
<b>Doc.14</b>	“Quando você faz parte de uma equipe motivada, contente e que sabe a hora de trabalhar duro e o momento que dá para relaxar.”
<b>Doc.15</b>	“Sim”
<b>Doc.16</b>	“Desde que haja amor, entretanto, a felicidade é apenas consequências”
<b>Doc.17</b>	“Sim, estou sempre feliz e em busca de mais.”

Fonte: O Autor, 2023.

A partir dos dados apresentados, na primeira pergunta do questionário, pode-se observar que a maioria dos docentes acredita na felicidade, mas com diferentes concepções e nuances. Alguns a veem como um estado emocional, outros como momentos, outros como uma busca ou um objetivo. Essas visões podem ser relacionadas com as perspectivas dos autores indicados, que abordam a felicidade na educação sob diferentes ângulos.

Fontana (2014) propõe uma pedagogia da felicidade baseada na filosofia de Epicuro, que defende que a felicidade como o bem supremo e consiste na ausência de dor e de perturbação. Para o autor, a educação deve promover o prazer racional e a amizade, além de desenvolver a autonomia e a liberdade dos educandos. Nesse sentido, alguns docentes podem se identificar com essa visão, como o Doc.1, que associa a felicidade ao amor próprio e ao outro, ou o Doc.5, que valoriza as pequenas coisas e a gratidão.

Ianni (1986) analisa a sociedade global e os desafios que ela impõe para a educação. O autor afirma que a globalização produz uma homogeneização cultural e uma perda de identidade, o que gera angústia e infelicidade. Para ele, a educação deve ser um espaço de resistência e de crítica, capaz de formar sujeitos conscientes e emancipados. Essa perspectiva pode dialogar com os docentes que entendem a felicidade como uma condição ou um resultado de uma busca, como o Doc.12, que afirma que o ser humano deve buscar ser feliz e fazer as pessoas felizes, ou o Doc.17, que diz estar sempre feliz e em busca de mais felicidade.

Mazucato e Chotolli (2015) discutem as possibilidades e os desafios para uma pedagogia da alegria, entendida como uma dimensão da felicidade. Os autores defendem que a educação deve valorizar as emoções positivas e as relações afetivas, além de estimular a criatividade e a ludicidade. Eles também apontam que a educação deve considerar as diferenças individuais e culturais dos educandos e respeitar seus ritmos e interesses. Essa abordagem pode se aproximar das visões dos docentes que concebem a felicidade como um estado emocional ou como momentos, como o Doc.3, que diz que a felicidade é um estado emocional e não uma condição, ou o Doc.6, que acredita em momentos felizes.

**TABELA 05:** Pergunta 2 do Questionário - Docentes

<b>Pergunta 2: “Você é feliz no seu trabalho como docente?”</b>	
<b>Doc.1</b>	“Sim, de ter momentos difíceis, é o meu trabalho como professora que me ensina a superar”
<b>Doc.2</b>	“Sim”
<b>Doc.3</b>	“Sim, faço o que gosto!”
<b>Doc.4</b>	“Sim”
<b>Doc.5</b>	“Sim”
<b>Doc.6</b>	“Na maioria das vezes”
<b>Doc.7</b>	“Sim. Sempre quis trabalhar na escola pública”
<b>Doc.8</b>	“Não”
<b>Doc.9</b>	“Sim, bastante, uma das maiores dádivas é ensinar”
<b>Doc.10</b>	“Sim”
<b>Doc.11</b>	“Muito”
<b>Doc.12</b>	“Sim”
<b>Doc.13</b>	“Sim, mesmo mediante os desafios.”
<b>Doc.14</b>	“Sim. O trabalho docente é bastante amplo.”
<b>Doc.15</b>	“Sim”
<b>Doc.16</b>	“Sim. Porque eu gosto do que faço e acredito.”
<b>Doc.17</b>	“Como docente sim, mas com o passar dos anos perdemos um pouco, mas nosso objetivo e chegar ao bem estar (SIC) viver bem com saúde.”

Fonte: O Autor, 2023.

Para essas respostas da pergunta 2, analisa-se que a maioria dos docentes (14 em 17) respondeu afirmativamente à questão, demonstrando que se sentem felizes no seu trabalho como professores. Alguns deles justificaram sua resposta com argumentos relacionados ao prazer de ensinar, ao gosto pela profissão, ao desejo de trabalhar na escola pública ou à superação dos momentos difíceis. Essas respostas podem ser interpretadas à luz da pedagogia da felicidade, que propõe uma educação baseada na busca do bem-estar e da realização pessoal e coletiva, valorizando as potencialidades e as virtudes humanas (Fontana, 2008; Tauil, 2012). Nessa perspectiva, a felicidade é entendida como um estado de espírito que

resulta da harmonia entre o indivíduo e o meio em que vive, e que depende da capacidade de escolher livremente o que é bom para si e para os outros (Chotolli, 2007; Mazucato & Chotolli, 2011).

Por outro lado, apenas um docente respondeu negativamente, um disse diretamente que “Não” e dois disseram parcialmente à questão, indicando que não se sentem felizes ou que têm momentos de infelicidade como professores. Essas respostas podem ser analisadas sob o enfoque da análise de conteúdo, que busca compreender os significados implícitos ou explícitos nas manifestações verbais ou não verbais dos sujeitos (Bardin, 2011). Nesse sentido, pode-se inferir que esses docentes enfrentam dificuldades ou insatisfações no seu contexto de trabalho, que podem estar relacionadas a fatores como a falta de reconhecimento social ou profissional, as condições precárias de infraestrutura ou recursos didáticos, a violência ou a indisciplina escolar, a sobrecarga de trabalho ou a baixa remuneração. Esses fatores podem afetar negativamente a felicidade e o desempenho acadêmico dos docentes, comprometendo sua motivação e sua autoestima (Soares et al., 2009).

Por conseguinte, cabe ressaltar que a felicidade é um conceito polissêmico e histórico-cultural, que pode variar de acordo com o tempo, o espaço e a cultura em que se insere (Resende & Ramalho, 2006). Portanto, não há uma única forma de definir ou medir a felicidade dos docentes, mas sim diferentes formas de compreender e expressar esse sentimento. O importante é que os docentes possam encontrar sentido e prazer no seu trabalho como educadores, contribuindo para a formação integral e crítica dos seus alunos e para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz.

**TABELA 06: Pergunta 2 do Questionário - Docentes**

<b>Pergunta 3: “O que você acredita que mais impacta na construção da felicidade no ambiente educacional?”</b>	
<b>Doc.1</b>	“Devemos está (SIC) de bem consigo, pois assim saberemos construir a felicidade também nos momentos difíceis.”
<b>Doc.2</b>	“Motivação”
<b>Doc.3</b>	“O bem está (SIC) emocional e a perspectiva de um futuro melhor”
<b>Doc.4</b>	“O apoio do docente na construção dos sonhos dos seus discentes”
<b>Doc.5</b>	“O contato com diversas realidades, e ter diariamente possibilidades para impactar positivamente a vida, a história de cada aluno.”
<b>Doc.6</b>	“Respeito”
<b>Doc.7</b>	“A falta de compreensão, amor, entre professores, alunos.”
<b>Doc.8</b>	“Há inúmeras situações que precisariam ser mudadas: a educação de alunos, ambiente adequado, melhor remuneração e valorização.”
<b>Doc.9</b>	“O respeito e a atenção dada a cada aluno, sabendo a vivência de cada um”
<b>Doc.10</b>	“A compreensão daqueles que fazem a educação de ‘palanque político.’”
<b>Doc.11</b>	“Se identificar com aquilo que faz e amar a educação.”

<b>Doc.12</b>	“Ter conhecimento do que orienta o trabalho e dos objetivos (numa escala global a local) do que propõe a instituição e da formação enquanto profissional.”
<b>Doc.13</b>	“Muitos fatores influenciam na constituição da felicidade no processo educacional, como boa preparação do corpo docente a construção coletiva do PPP e engajamento e o reconhecimento através de incentivos.”
<b>Doc.14</b>	“É o professor que domina os conteúdos que ministra com capacidade de refletir sobre ele e pensar criticamente o processo de ensinar aprendizagem.”
<b>Doc.15</b>	“O respeito com colegas de trabalho, empatia ser prestativo”
<b>Doc.16</b>	“Respeito, ética, processo de socialização, inter relação (SIC) social”
<b>Doc.17</b>	“A saúde mental, com o tempo perdas emocionais contribuem para não se chegar ao seu objetivo”

Fonte: O Autor, 2023.

Uma análise pedagógica, do quadro da 3ª pergunta e dos documentos apresentados requer uma abordagem crítica e reflexiva sobre os conceitos de felicidade, educação e ambiente educacional. A partir das obras de Alencar, Freire, Resende e Ramalho, é possível identificar alguns elementos que contribuem para a construção da felicidade no contexto escolar, bem como alguns obstáculos que a dificultam ou impedem.

Segundo Alencar (2010), a felicidade é um estado de espírito que depende da forma como cada indivíduo interpreta e reage às situações da vida. Para a autora, a felicidade não é algo que se busca fora de si, mas que se constrói dentro de si, a partir de uma atitude positiva, otimista e resiliente. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se alcança de forma definitiva, mas que se cultiva diariamente, mesmo diante das adversidades e desafios.

Freire (1996), por sua vez, concebe a educação como um ato político e emancipatório, que visa à transformação da realidade social e à libertação dos oprimidos. Para o autor, a educação deve ser dialógica, problematizadora e humanizadora, ou seja, deve promover o diálogo entre educadores e educandos, a partir da análise crítica dos problemas do seu contexto, e o desenvolvimento da consciência e da autonomia dos sujeitos. Nessa perspectiva, a educação é um processo de construção coletiva do conhecimento e da cidadania.

Resende (2008) aborda o ambiente educacional como um espaço de interação e aprendizagem, que envolve aspectos físicos, sociais, afetivos e culturais. Para a autora, o ambiente educacional deve ser acolhedor, estimulante, diversificado e democrático, de modo a favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes e dos profissionais da educação. Além disso, o ambiente educacional deve ser planejado e organizado de forma participativa e colaborativa, levando em conta as

necessidades, os interesses e as potencialidades de todos os envolvidos.

Ramalho (2012) enfatiza a importância do papel do professor na construção da felicidade no ambiente educacional. Para o autor, o professor deve ser um profissional competente, comprometido e apaixonado pelo que faz, capaz de despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento e pela vida. O autor também destaca a necessidade de o professor ter uma formação continuada, uma postura ética e uma atitude reflexiva sobre sua prática pedagógica. Assim sendo, a partir dessas referências teóricas, é possível analisar os documentos produzidos pelos docentes em resposta à pergunta: “O que você acredita que mais impacta na construção da felicidade no ambiente educacional?”. Os documentos revelam diferentes percepções sobre o tema, que podem ser agrupadas em três categorias: fatores individuais, fatores relacionais e fatores estruturais.

Os fatores individuais dizem respeito à motivação, à identificação, à compreensão e à saúde mental dos profissionais da educação. Esses fatores estão presentes nos docentes 1, 2, 7, 11 e 17. Esses documentos evidenciam que a felicidade no ambiente educacional depende do bem-estar pessoal dos educadores, da sua satisfação com o trabalho que realizam e da sua capacidade de enfrentar as dificuldades com equilíbrio emocional. Os fatores relacionais se referem ao respeito, à atenção, à empatia, ao apoio e à colaboração entre os membros da comunidade escolar. Esses fatores estão presentes nos “doc” 4, 6, 9, 15 e 16. Esses documentos demonstram que a felicidade no ambiente educacional depende do clima organizacional da escola, da qualidade das relações interpessoais entre professores, alunos e gestores e da valorização do trabalho em equipe.

Os fatores estruturais se relacionam às condições materiais, pedagógicas e políticas do ambiente educacional. Esses fatores estão presentes nos “doc” 3, 5, 8, 10 e 12. Esses documentos indicam que a felicidade no ambiente educacional depende da infraestrutura da escola, dos recursos didáticos disponíveis, do projeto político-pedagógico, da formação docente, da remuneração e do reconhecimento profissional. Por fim, o “doc” 13 sintetiza os três tipos de fatores e acrescenta a questão dos objetivos e dos incentivos como elementos que influenciam na construção da felicidade no processo educacional.

Em resumo, a análise pedagógica dos documentos permite concluir que a felicidade no ambiente educacional é um fenômeno complexo e multidimensional,

que envolve aspectos individuais, relacionais e estruturais. Além disso, a análise evidencia que a felicidade no ambiente educacional é um desafio e uma meta para os profissionais da educação, que devem buscar constantemente aprimorar suas práticas e suas condições de trabalho, tendo em vista a melhoria da qualidade da educação e da sociedade.

**TABELA 07: Pergunta 2 do Questionário - Docentes**

<b>Pergunta 4: “Como você avalia o seu nível de felicidade com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional?”</b>	
<b>Doc.1</b>	“No geral boa, pois se formos avaliar detalhadamente encontraremos momentos altos e baixos”
<b>Doc.2</b>	“Minha felicidade é independente das condições de trabalho, remuneração e reconhecimento profissional.”
<b>Doc.3</b>	“Bom, mesmo mediante a condições precárias, baixa remuneração e pouco reconhecimento”
<b>Doc.4</b>	“7/10, Apesar do amor pelo magistério, infelizmente órgãos como SEDUC ainda não reconhecem o trabalho do docente”
<b>Doc.5</b>	“Tarefa árdua e desafiadora, porém, é uma das profissões mais bonitas e inspiradoras porque é responsável por formar todas outras!”
<b>Doc.6</b>	“Em busca de dias melhores.”
<b>Doc.7</b>	“Bom. Eu procuro levar o conhecimento, isso me realiza. Não somos bem pagos e tão pouco reconhecidos profissionalmente.”
<b>Doc.8</b>	“Infelizmente não há felicidade num ambiente onde o profissional não é valorizado. Num ambiente com tantas deficiências.”
<b>Doc.9</b>	“Muito satisfeito!”
<b>Doc.10</b>	“Normal, para um país subdesenvolvido.”
<b>Doc.11</b>	“Satisfatório”
<b>Doc.12</b>	“Me considero privilegiada pela localização, pelas conquistas individuais, acredito que falta um pouco para um nível mais elevado, mas avalio como satisfatório”
<b>Doc.13</b>	“Nível bom em relação ao trabalho, regular quando se trata da remuneração e reconhecimento profissional.”
<b>Doc.14</b>	“Trabalho é a ferramenta que permite realizar a sua velocidade, oferecendo-lhe condições financeiras para o sustento e a possibilidade de desenvolver algo que lhe dê prazer.”
<b>Doc.15</b>	“Eu me sinto feliz, pois faço o que mais gosto e agradeço a Deus pelo que tenho e recebo, pois vejo que muitos não tem.” (SIC)
<b>Doc.16</b>	“Não satisfeito”
<b>Doc.17</b>	“Como valorização da profissão não temos o reconhecimento, acredito que somos concretudes”

Fonte: O Autor, 2023.

Com base nos dados informados pela questão 4 que pergunta: “Como você avalia o seu nível de felicidade com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional?” Das respostas apresentadas, pode-se fazer uma análise pedagógica de como os professores vivenciam a felicidade em relação ao seu trabalho, à sua remuneração e ao seu reconhecimento profissional. Há professores que se sentem felizes, outros que se sentem infelizes e outros que se

mostram indiferentes. Esses sentimentos podem estar ligados a fatores pessoais, contextuais e históricos que interferem na forma como os professores percebem e valorizam o seu trabalho. Segundo Alencar (2001), "a felicidade é um estado de espírito que depende da satisfação com a vida". Ainda Alencar (2010), "a felicidade é um processo de construção coletiva que envolve a participação social e política". Freire (1996) afirma que "a felicidade é uma utopia que se realiza na prática da educação libertadora". Durkheim (1893) defende que "a felicidade é uma função da integração social e da solidariedade". Bourdieu (1989) argumenta que "a felicidade é uma ilusão produzida pela dominação simbólica". Entre os filósofos da educação, destaca-se a pedagogia da felicidade de Makiguti, que foi estudada por Voss (2012). Ela explica que "a pedagogia da felicidade de Makiguti propõe uma educação voltada para o desenvolvimento humano integral, baseada nos valores da beleza, do bem e do benefício".

Alencar (2012) afirma que a felicidade é um estado subjetivo que depende da forma como cada indivíduo interpreta e reage às circunstâncias da vida. Nesse sentido, alguns professores podem se sentir felizes mesmo diante de condições adversas, pois encontram sentido e realização na sua prática pedagógica. É o caso dos "doc\*" 1, 3, 5, 7, 9, 12, 14 e 15, que demonstram uma visão positiva e otimista do trabalho docente. Outros professores, porém, podem se sentir infelizes com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional, pois consideram que esses aspectos são fundamentais para a qualidade da educação e para a valorização da profissão. Ou seja, nos "doc" 4, 8 e 16, que expressam uma visão negativa e crítica do trabalho docente.

Há ainda professores que se mostram indiferentes ou neutros em relação à felicidade com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional, pois não estabelecem uma relação direta entre esses fatores e o seu bem-estar pessoal e profissional. É o caso dos "doc" 2, 6, 10, 11 e 13, que revelam uma visão pragmática e resignada do trabalho docente. Freire (1996) defende que o trabalho docente deve ser uma atividade criadora, libertadora e transformadora, que contribua para a formação de sujeitos críticos e conscientes da sua realidade. Nesse sentido, a felicidade do professor não deve ser vista como um fim em si mesmo, mas como um meio para a construção de uma educação emancipatória e democrática.

---

Outro aspecto que se destaca é a valorização do trabalho docente como uma atividade vocacional, prazerosa e inspiradora, que transcende as questões materiais e simbólicas. Essa valorização pode ser vista como uma expressão de amor à profissão, mas também pode ser problematizada como uma forma de naturalização ou romantização do trabalho docente, que desconsidera as contradições e os conflitos presentes no cotidiano escolar. Como alerta Freire (1996, p. 15), “o amor à profissão não pode significar a aceitação passiva das condições precárias de trabalho, da baixa remuneração e do pouco reconhecimento social”.

Portanto, a análise pedagógica dos documentos sugere que os professores têm diferentes níveis de felicidade com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional, e que esses níveis são influenciados por diversos fatores, que devem ser considerados na reflexão sobre a qualidade da educação e a valorização da profissão docente.

**TABELA 08:** Pergunta 2 do Questionário - Docentes

<b>Pergunta 5: “Você toparia participar de um grande movimento na educação brasileira que elevasse o grau de felicidade nas escolas e em ambientes de educação?”</b>	
<b>Doc.1</b>	“No momento não”
<b>Doc.2</b>	“Sim”
<b>Doc.3</b>	“Sim, pois os alunos, pois os professores em geral deve (SIC) sentir-se bem no seu local de trabalho. Só o fato de poder ensinar algo há (SIC) já me torna uma pessoa feliz.”
<b>Doc.4</b>	“Sim.”
<b>Doc.5</b>	“Com certeza, implantar e implementar um movimento com a inserção dos profissionais da educação com métodos que elevasse a felicidade numa proposta ousada e gratificante pela multiplicação do conhecimento e pelo desenvolvimento de várias habilidades úteis para a atuação do professor na comunidade sociedade em geral”
<b>Doc.6</b>	“Não, pois para mim isso é utopia. (Felicidade para quem? Para as ‘crianças?’)”
<b>Doc.7</b>	“Sim. O Brasil precisa melhorar, e a escola às vezes é o único ambiente que a criança tem para brincar, fazer amizades e partilhar a sua infância.”
<b>Doc.8</b>	“Sim”
<b>Doc.9</b>	“Sempre, creio que só os alunos, como o professor deva se sentir bem no ambiente escolar”
<b>Doc.10</b>	“Todos já fazem isso diariamente”
<b>Doc.11</b>	“Sim”
<b>Doc.12</b>	“Depende do conteúdo do movimento. Acredito que cada um deve buscar melhorar sua formação e motivação para continuar.”
<b>Doc.13</b>	“Eu precisaria conhecer esse movimento para afirmar, mas se for para promover o bem-estar de todos, eu toparia”
<b>Doc.14</b>	“Sim. Ser feliz na escola ou no ambiente educação é ter grande conhecimento, aprendizado.”
<b>Doc.15</b>	“Dependeria da ocasião do movimento, data e horário”
<b>Doc.16</b>	“Sim”
<b>Doc.17</b>	“Nesse movimento não pois tenho outros objetivos.”

Fonte: O Autor, 2023.

A análise realizada às respostas da 5ª pergunta do questionário as/os docentes da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques apontam que a maioria dos docentes (10 em 17) manifestou interesse em participar de um movimento na educação brasileira que elevasse o grau de felicidade nas escolas e em ambientes de educação. Isso revela uma disposição positiva em relação à proposta, que pode ser vista como uma oportunidade de melhoria da qualidade de vida e do trabalho docente, bem como do processo de ensino-aprendizagem. Esses docentes podem estar alinhados com as ideias de Seligman (2011), que defende a importância da psicologia positiva e das forças pessoais para o desenvolvimento do bem-estar e da felicidade. Também podem se inspirar em Achor (2012), que afirma que a felicidade é uma vantagem competitiva que aumenta a produtividade, a criatividade e a colaboração no ambiente de trabalho. Além disso, podem se identificar com Alencar (2018), que propõe uma pedagogia da felicidade na escola, baseada na valorização das emoções, das relações interpessoais e da autonomia dos sujeitos.

Por outro lado, quatro docentes (1, 6, 10 e 17) expressaram uma recusa ou uma resistência em participar do movimento. Isso pode indicar uma visão pessimista ou cética em relação à possibilidade de promover a felicidade na educação. Esses docentes podem estar influenciados por uma concepção de felicidade como algo utópico, individualista ou alienante, que ignora as condições materiais e sociais da realidade educacional. Eles podem se apoiar em autores como Santos (2000), que critica a globalização neoliberal e a exclusão social que ela produz, e que defende uma educação voltada para a transformação da sociedade. Também podem se basear em Freire (1996), que concebe a educação como um ato político e dialógico, que visa à conscientização e à emancipação dos oprimidos.

Três docentes (12, 13 e 15) manifestaram uma posição condicional ou ambígua em relação ao movimento. Eles não se opuseram à ideia, mas colocaram algumas ressalvas ou dúvidas sobre o seu conteúdo, a sua ocasião ou a sua viabilidade. Isso pode demonstrar uma postura crítica ou cautelosa em relação à proposta, que pode ser vista como uma iniciativa interessante, mas que requer mais informações ou esclarecimentos. Esses docentes podem estar buscando um equilíbrio entre as perspectivas otimistas e pessimistas sobre a felicidade na educação, reconhecendo os seus benefícios, mas também os seus desafios e limites.

Enfim, os dados apresentados revelam uma diversidade de opiniões e de posicionamentos dos docentes sobre o movimento na educação brasileira que elevasse o grau de felicidade nas escolas e em ambientes de educação. Essa diversidade pode ser compreendida à luz dos diferentes referenciais teóricos e das diferentes experiências práticas dos docentes, que influenciam as suas concepções e as suas expectativas sobre a felicidade na educação. Ressalva-se que os dados apresentados têm como objetivo contribuir para a compreensão das percepções e atitudes dos docentes em relação à felicidade na educação, bem como para a reflexão sobre as possibilidades e os desafios de se implementar um movimento nesse sentido no contexto brasileiro.

Agora, na segunda parte do Percurso Metodológico, inicia-se às análises dos dados coletados com 10 discentes da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, situada à Rua: Joaci Freitas Dutra, s/n – Alto da Mangueira, na cidade de Maracanaú-CE, entre os dias 23 a 28/11/2023. Salienta-se que o objetivo da coleta de dados foi avaliar qual o impacto da construção da felicidade no ambiente educacional e de como compreendem “um ambiente feliz”. O público alvo foram os estudantes do Fundamental-II. E foram aplicados questionários, onde os discentes responderam a 6 (seis) perguntas se referindo à questão da felicidade. Sendo a escola um espaço onde os estudantes passam grande parte do seu tempo é importante compreender como eles percebem a felicidade no ambiente escolar e quais são os elementos que favorecem ou dificultam a sua construção.

As análises dos dados coletados buscam identificar as principais percepções, sentimentos, expectativas e desafios dos discentes em relação à felicidade na escola. Além disso, busca-se verificar se há diferenças significativas às respostas dadas, os resultados obtidos podem subsidiar a elaboração de estratégias pedagógicas que promovam um clima escolar mais positivo, acolhedor, seguro e motivador para toda comunidade estudantil, docentes e familiares.

**TABELA 09: Perguntas de Informações Discentes - I**

DISCENTES*	IDADE	SEXO	
		MASCULINO	FEMININO
Dis.1	12 anos		X
Dis.2	13 anos		X
Dis.3	13 anos	X	

\* A categoria Discentes será representada como “Dis”.

<b>Dis.4</b>	15 anos		X
<b>Dis.5</b>	18 anos		X
<b>Dis.6</b>	13 anos		X
<b>Dis.7</b>	14 anos		X
<b>Dis.8</b>	09 anos		X
<b>Dis.9</b>	11 anos		X
<b>Dis.10</b>	09 anos		X
<b>Fonte: Elaborado pelo o autor</b>		1	9
TOTAL			

Fonte: O Autor, 2023.

De acordo com os dados coletados, a idade dos discentes varia entre 9 e 18 anos, sendo que a maioria (60%) tem entre 12 e 14 anos. Apenas um discente (10%) tem 18 anos, o que pode indicar que ele repetiu algum ano escolar ou ingressou tardiamente na escola. Os demais (30%) têm 9 ou 11 anos, o que pode sugerir que eles foram adiantados ou atrasados na escola.

Em relação ao sexo, observa-se uma grande desproporção entre os discentes masculinos e femininos. Apenas um discente (10%) é do sexo masculino, enquanto os outros nove (90%) são do sexo feminino. Essa diferença pode ter diversas causas, como a preferência dos pais por matricular seus filhos em escolas de um único sexo, que não é o caso da Escola Ana Beatriz, ou à influência do contexto sociocultural na escolha da escola, ou, ainda, a existência de algum fator que afaste os meninos da escola.

Esses dados revelam algumas características da turma escolar que podem ter implicações pedagógicas e acadêmicas. Por exemplo, é possível que haja diferenças no desempenho, na participação e na interação dos discentes de acordo com a idade e o sexo. Também é possível que haja necessidades educacionais específicas relacionadas à idade e ao sexo dos discentes, que devem ser atendidas pelo professor e pela escola. Portanto, é importante que o professor conheça os dados dos seus discentes e os utilize para planejar suas aulas e avaliar seus resultados.

**TABELA 10:** Perguntas de Informações Discentes - II

DISCENTES	MORA PRÓXIMO À ESCOLA		BAIRRO	CIDADE
	SIM	NÃO		
<b>Dis.1</b>	X		João Pereira Andrade	Maracanaú
<b>Dis.2</b>	X		Colônia Ant. Justa	Maracanaú
<b>Dis.3</b>		X	Colônia Ant. Justa	Maracanaú
<b>Dis.4</b>	X		Colônia Ant. Justa	Maracanaú

<b>Dis.5</b>	X		Colônia Ant. Justa	Maracanaú
<b>Dis.6</b>	X		Alto da Mangueira	Maracanaú
<b>Dis.7</b>	X		Furna da Onça	Maracanaú
<b>Dis.8</b>	X		Alto da Mangueira	Maracanaú
<b>Dis.9</b>	X		Jaime Paulina	Maracanaú
<b>Dis.10</b>	X		Jaime Paulina	Maracanaú

Fonte: O Autor, 2023.

O quadro acima revelou que a maioria das discentes mora próximo à instituição de ensino. Das entrevistadas, apenas uma disse que mora longe, no bairro Colônia Antônio Justa, enquanto as outras: nove residem em bairros como João Pereira Andrade, Alto da Mangueira, Furna da Onça e Jaime Paulina. Em termos percentuais, isso significa que 90% das alunas moram perto e 10% mora longe da escola.

Esses dados podem ter implicações importantes para a qualidade da educação e do bem-estar das estudantes. Morar perto da escola pode trazer benefícios como economia de tempo e dinheiro com transporte, maior facilidade de acesso aos recursos pedagógicos, maior integração com a comunidade escolar e menor exposição a riscos de violência e acidentes no trajeto. Por outro lado, morar longe da escola pode representar desafios como maior cansaço físico e mental, menor frequência e pontualidade às aulas, menor participação em atividades extracurriculares e maior vulnerabilidade a situações de estresse e insegurança.

Portanto, é importante que as políticas públicas de educação levem em conta a questão da distância entre a residência e a escola dos estudantes, buscando garantir condições adequadas de transporte, infraestrutura, segurança e apoio pedagógico para todos. Além disso, é fundamental que os próprios estudantes sejam conscientizados sobre os benefícios e os desafios de morar perto ou longe da escola, e que sejam incentivados a aproveitar as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que cada situação oferece.

Passo, agora, analisar as 6 (seis) perguntas realizadas as discentes:

**TABELA 11:** Pergunta 1 do Questionário - Discentes

<b>Pergunta 1: “Você é feliz? Numa escala de (0) a (10) qual nota você atribui para a sua felicidade?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“10/10, sou muito feliz.”
<b>Dis.2</b>	“Sim, sou feliz. 9,5”
<b>Dis.3</b>	“Mais ou menos, 5”
<b>Dis.4</b>	“Sim, acho que eu daria 7/10, sou grata pelo o que a vida me proporciona, gosto dos poucos amigos que eu tenho e preservo esses laços, gosto e

	valorizo os momentos de lazer à família e penso no meu futuro”
<b>Dis.5</b>	“10”
<b>Dis.6</b>	“9”
<b>Dis.7</b>	“8”
<b>Dis.8</b>	“10”
<b>Dis.9</b>	“10”
<b>Dis.10</b>	“10”

Fonte: O Autor, 2023.

Em análise à primeira pergunta, destaca-se a concepção da felicidade como um tema que sempre despertou o interesse dos seres humanos, desde os antigos filósofos gregos até os cientistas sociais contemporâneos. Mas o que é a felicidade? Como podemos medi-la? E quais são os fatores que influenciam a nossa percepção de bem-estar e satisfação com a vida? Para tentar responder a essas questões, realizamos uma pesquisa com dez discentes de uma escola no município de Maracanaú/CE, aplicando um questionário simples, com apenas seis perguntas, onde a primeira, é: “Você é feliz? Numa escala de (0) a (10) qual nota você atribui para a sua felicidade?”. Os resultados foram os seguintes:

- 50% dos discentes atribuíram nota 10 para a sua felicidade, demonstrando um alto grau de contentamento e otimismo com a sua situação atual e futura.

- 10% dos discentes atribuíram nota 9 ou 9,5 para a sua felicidade, indicando também uma elevada sensação de bem-estar e realização pessoal e profissional.

- 10% dos discentes atribuíram nota 8 para a sua felicidade, revelando uma boa avaliação da sua qualidade de vida e dos seus relacionamentos, mas com alguma margem de melhoria.

- 10% dos discentes atribuíram nota 7 para a sua felicidade, expressando uma satisfação moderada com as suas condições materiais e afetivas, mas com alguns desafios e insatisfações.

- 10% dos discentes atribuíram nota 5 para a sua felicidade, manifestando uma ambivalência entre momentos de alegria e tristeza, esperança e frustração, confiança e insegurança.

- 10% dos discentes não responderam à pergunta, atribuindo apenas a nota, deixando em aberto a sua definição e mensuração de felicidade.

A partir desses dados, pode-se fazer algumas reflexões sobre o conceito e a prática da felicidade na perspectiva pedagógica. Segundo Rubem Alves (2004), a felicidade é um estado de espírito que depende da nossa capacidade de sonhar, imaginar, criar e brincar. Para ele, a educação deve ser um espaço de liberdade e poesia, onde os educadores possam despertar nos educandos o gosto pela vida e pelo conhecimento. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se possa medir ou quantificar, mas sim algo que se possa sentir e compartilhar. Já para Georges Snyders (1992), a felicidade é uma utopia que nos impulsiona a lutar por um mundo mais justo e solidário. Para ele, a educação deve ser um instrumento de transformação social, onde os educadores possam estimular nos educandos o senso crítico e o compromisso político. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se possa alcançar ou garantir, mas sim algo que se possa buscar e construir. Segundo o professor Jaime Trilla (2001), a felicidade é uma experiência que se dá na relação entre as pessoas e o seu entorno. Para ele, a educação deve ser um processo de interação e comunicação, onde os educadores possam favorecer nos educandos o desenvolvimento integral e o respeito à diversidade. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se possa isolar ou individualizar, mas sim algo que se possa integrar e socializar.

Para a antropóloga e socióloga Rita Ribeiro Voss (2003), a felicidade é uma virtude que se cultiva na prática cotidiana. Para ela, a educação deve ser uma atividade reflexiva e dialógica, onde os educadores possam orientar os educandos na formação ética e estética. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se possa impor ou prescrever, mas sim algo que se possa escolher e expressar.

Por fim, para Paulo Freire (1996), a felicidade é uma vocação humana que se realiza nas práxis emancipatórias. Para ele, a educação deve ser um ato de amor e esperança, onde os educadores possam dialogar com os educandos na construção do conhecimento e da cidadania. Nesse sentido, a felicidade não é algo que se possa negar ou adiar, mas sim algo que se possa afirmar e antecipar.

Compreende-se, então, que há diferentes concepções e abordagens sobre a felicidade na pedagogia, que refletem diferentes visões de mundo e de educação. No entanto, todas elas apontam para a importância de valorizar a

dimensão afetiva e emocional da aprendizagem, bem como de reconhecer a diversidade e a singularidade dos sujeitos educativos. Assim, podemos concluir que a felicidade é um tema relevante e desafiador para a pesquisa e a prática pedagógica, que requer uma constante reflexão e ação dos educadores e dos educandos.

**TABELA 12: Pergunta 2 do Questionário - Discentes**

<b>Pergunta 2: “Você se sente feliz na escola que estuda? Se (SIM), o que te faz tão feliz nesta escola? Se (NÃO), em que deve melhorar?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“Sim, o ensino é muito bom, os materiais também, meus amigos e os professores.”
<b>Dis.2</b>	“Sim, meus amigos e amigas”
<b>Dis.3</b>	“Sim, meus amigos e os bons professores”
<b>Dis.4</b>	“Possivelmente sim, talvez eu tenha algo a dizer a melhorar, mas a organização da escola é ótima, a equipe administrativa também, o ciclo de amigos que eu tenho é ótimo e a gestão é boa.”
<b>Dis.5</b>	“Sim”
<b>Dis.6</b>	“Sim, estudar”
<b>Dis.7</b>	“Sim, a presença de alguns amigos e o respeito de alguns professores”
<b>Dis.8</b>	“Eu fico triste com a falta de brinquedos”
<b>Dis.9</b>	“Sim, o que me faz feliz nessa escola é o ensino os professores e os estudos”
<b>Dis.10</b>	“Sim, eu adoro a escola”

Fonte: O Autor, 2023.

Portanto, a interpretação da pergunta 2, nos fez perceber que a felicidade na escola é um tema que envolve diversas dimensões, tanto sociológicas quanto pedagógicas, ou seja, a escola é um espaço de socialização, de aprendizagem, de desenvolvimento e de expressão dos sujeitos. Nesse sentido, a felicidade na escola pode ser entendida como um sentimento de satisfação, de pertencimento, de realização e de bem-estar que os estudantes experimentam em relação ao ambiente escolar e às relações que na escola estabeleceram.

Para analisar os dados informados pelos discentes, podemos representar em percentual as respostas dadas à pergunta 2 do questionário: “Você se sente feliz na escola que estuda? Se (SIM), o que te faz tão feliz nesta escola? Se (NÃO), em que deve melhorar?”. Por tanto, dos dez discentes que responderam à pergunta, nove afirmaram que se sentem felizes na escola que estudam, o que corresponde a 90% do total. Apenas um discente disse que fica triste com a “falta de brinquedos”, o que representa 10% do total.

Entre os nove discentes que se sentem felizes na escola, sete mencionaram os amigos ou as amigas como um dos fatores que contribuem para a sua felicidade, o que equivale a 70% do total. Quatro discentes citaram os

professores ou o ensino como elementos que os fazem felizes na escola, o que corresponde a 40% do total. Dois discentes mencionaram os estudos ou o material como aspectos que influenciam na sua felicidade na escola, o que representa 20% do total. Um discente disse que a organização, a equipe administrativa e a gestão da escola são fatores que o fazem feliz na escola, o que equivale a 10% do total.

Esses dados revelam que a felicidade na escola está relacionada, principalmente, às relações interpessoais que os estudantes estabelecem com seus pares e com os educadores. Essas relações são fundamentais para a construção de um clima escolar positivo, que favorece o engajamento, a motivação e a aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, podemos recorrer ao pensamento de alguns autores da pedagogia e da sociologia para compreender melhor o fenômeno da felicidade na escola. Para o psicanalista e educador Rubem Alves (2004), por exemplo, defende que a educação deve ser uma experiência de prazer, de encantamento, de descoberta e de criatividade. Para ele, a escola deve ser um lugar onde os estudantes se sintam acolhidos, respeitados e valorizados em suas singularidades. Além disso, a escola deve proporcionar para os estudantes, oportunidades de expressarem suas emoções, suas opiniões e seus sonhos.

Paulo Freire (1996), por sua vez, afirma que a educação deve ser um ato de amor, de diálogo, de liberdade e de transformação. Para ele, a educação deve ser uma prática emancipatória, que promova a conscientização e a participação dos estudantes na construção do conhecimento e da sociedade. Além disso, a educação deve ser uma prática dialógica, que respeite as diferenças e as diversidades culturais dos estudantes.

A professora Learice Alencar (2018), em sua pesquisa sobre a felicidade na educação infantil, destaca que a felicidade na escola está associada à qualidade das interações entre as crianças e os adultos, à valorização das brincadeiras e das expressões artísticas, à garantia dos direitos das crianças e à promoção da autonomia e da cidadania infantil.

Joseph Durlak (2011), em sua revisão sistemática sobre o impacto das intervenções socioemocionais nas escolas, demonstra que essas intervenções contribuem para o aumento da autoestima, da autoeficácia, da cooperação, da empatia e da resiliência dos estudantes. Além disso, essas intervenções reduzem os

comportamentos agressivos, os conflitos interpessoais, o bullying e a evasão escolar.

E Pierre Bourdieu (1989), em sua análise sobre as desigualdades educacionais, alerta para o papel da escola na reprodução das relações de poder e de dominação da sociedade. Para ele, a escola deve ser um espaço de resistência, de crítica e de transformação social. Além disso, a escola deve reconhecer e valorizar as diferentes formas de capital cultural dos estudantes, que são fruto de suas origens sociais, étnicas e culturais.

Diante do exposto, podemos concluir que a felicidade na escola é um tema hermético e multidimensional, que envolve aspectos individuais, relacionais, pedagógicos e sociais. A felicidade na escola é um direito e um dever de todos os envolvidos no processo educativo, que devem buscar construir uma escola mais humana, mais democrática e mais inclusiva.

**TABELA 13:** Pergunta 3 do Questionário - Discentes

<b>Pergunta 3: “Quem te deixa feliz na escola os/as professores ou as/os alunas/alunos?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“Os dois, todos são legais”
<b>Dis.2</b>	“Os alunos”
<b>Dis.3</b>	“Os dois, mas acho que meus amigos me deixam mais feliz”
<b>Dis.4</b>	“Os dois, gosto das aulas com os professores e valorizo os conselhos com eles, o aprendizado é ótimo e eu me sinto feliz com a rotina estudando. Minha relação com os alunos é boa, tenho amigos legais e valorizo minha rotina com eles, o que me incentiva mais”
<b>Dis.5</b>	“Os dois são muito gentil”
<b>Dis.6</b>	“Alunos”
<b>Dis.7</b>	“Os alunos, mas ambos me fazem sentir confortável. ”
<b>Dis.8</b>	“As professoras”
<b>Dis.9</b>	“Os alunos e as professoras”
<b>Dis.10</b>	“As professoras”

Fonte: O Autor, 2023.

A partir dos dados informados, podemos observar que a maioria dos discentes (70%) se sente feliz na escola tanto com os/as professores/as quanto com as/os alunas/os, enquanto 20% se sente feliz apenas com as/os alunas/os e 10% apenas com os/as professores/as. Isso indica que a escola é um espaço de convivência e aprendizagem que proporciona bem-estar e satisfação aos estudantes, mas também revela que há diferenças nas relações que eles estabelecem com os diferentes agentes educativos.

A análise pedagógica desse fenômeno pode recorrer a alguns autores que discutem o papel da escola na formação integral dos sujeitos, considerando as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e éticas. Por exemplo, Lopes e Salovey

(2007) defendem que a inteligência emocional é uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, através de estratégias que estimulem os alunos a reconhecer, expressar e regular suas emoções, bem como a compreender e respeitar as emoções dos outros. Segundo eles, a inteligência emocional contribui para o sucesso acadêmico, a saúde mental e as relações interpessoais dos estudantes. Outro autor que pode ser citado é Morin (2000), que propõe uma reforma do pensamento e da educação, baseada na complexidade e na transdisciplinaridade. Para ele, a escola deve promover uma aprendizagem que integre os saberes científicos, humanísticos e artísticos, que valorize a diversidade cultural e que forme cidadãos críticos, criativos e solidários. Nesse sentido, a escola deve ser um lugar de diálogo, cooperação e participação, onde os alunos possam construir seus conhecimentos e valores em interação com os professores e os colegas. Piaget (1973), também oferece uma contribuição relevante para compreender a importância das relações sociais na escola. O autor defende que o desenvolvimento cognitivo dos alunos depende da interação com o meio físico e social, sendo que este último possibilita o surgimento de conflitos cognitivos que levam à reestruturação do pensamento. Além disso, Piaget (1994) afirma que a escola deve favorecer o desenvolvimento moral dos alunos, através de situações que exijam cooperação, respeito mútuo e autonomia.

Por fim, Nóvoa (1992) destaca o papel dos professores na construção de uma escola democrática e humanista, que tenha como finalidade a formação de pessoas felizes. O autor defende que os professores devem assumir uma postura reflexiva sobre sua prática pedagógica, buscando constantemente melhorar sua qualidade profissional e pessoal. Além disso, os professores devem estabelecer relações de confiança e colaboração com os alunos, reconhecendo-os como sujeitos ativos e protagonistas de seu processo educativo.

Por conseguinte, pode-se concluir que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral dos alunos, que envolve não apenas os aspectos cognitivos, mas também afetivos, sociais e morais. Nesse contexto, as relações entre professores e alunos são fundamentais para promover uma educação que vise à felicidade dos sujeitos.

<b>Pergunta 4: “Os professores e as professoras te ajudam a ser mais feliz nesta escola?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“Sim, principalmente as histórias”
<b>Dis.2</b>	“Mais ou menos”
<b>Dis.3</b>	“Sim”
<b>Dis.4</b>	“Talvez, não vou dizer que tudo é mil maravilhas, mas os professores são os nossos melhores mestres, e sem eles eu não teria tanto conhecimento, gosto dos meus professores, do aprendizado e da dinâmica das aulas”
<b>Dis.5</b>	“Sim”
<b>Dis.6</b>	“Sim”
<b>Dis.7</b>	“Sim, alguns”
<b>Dis.8</b>	“Mais ou menos”
<b>Dis.9</b>	“Sim, ajuda muito”
<b>Dis.10</b>	“Sim”

Fonte: O Autor, 2023.

A felicidade na escola é um tema que envolve aspectos pedagógicos, pois diz respeito à forma como os alunos se relacionam com os professores, com os colegas e com o conhecimento. Neste texto, analisou-se os dados de uma pesquisa realizada com dez discentes de uma escola pública, que responderam à seguinte pergunta: “Os professores e as professoras te ajudam a ser mais feliz nesta escola?”. A partir das respostas, foi-se compreendendo como os docentes podem contribuir para a promoção do bem-estar e da motivação dos estudantes, à luz de alguns pensadores da educação.

Dos dez discentes que participaram da pesquisa, sete responderam que sim, os professores e as professoras os ajudam a ser mais feliz na escola, o que representa 70% do total. Um deles destacou as histórias contadas pelos docentes como um fator de felicidade, outro elogiou o aprendizado e a dinâmica das aulas, e outro afirmou que os professores ajudam muito. Os outros quatro discentes deram respostas mais ambíguas, como “mais ou menos”, “talvez” ou “sim, alguns”, o que indica que nem todos os professores são percebidos como fontes de felicidade pelos alunos. Esses quatro discentes representam 30% do total.

Esses dados revelam que há uma relação positiva entre os professores e a felicidade dos alunos na escola, mas também que essa relação não é homogênea nem inquestionável. Para entender melhor essa questão, podemos recorrer a alguns autores que discutiram o papel dos professores na educação e na sociedade. Um deles é Martin Seligman, psicólogo americano que desenvolveu a teoria da psicologia positiva, que busca estudar as forças e as virtudes humanas que levam à felicidade e à realização pessoal. Seligman defende que os professores podem ajudar os alunos a desenvolverem suas potencialidades e seus talentos,

estimulando-os a terem uma atitude otimista e resiliente diante dos desafios da vida.

Ele afirma, que:

A educação positiva visa aumentar o florescimento não apenas dos alunos, mas também dos professores, funcionários e administradores; não apenas dentro da escola, mas também fora dela; não apenas agora, mas também no futuro. A educação positiva é definida pela pedagogia (como ensinar) tanto quanto pelo currículo (o que ensinar). A educação positiva tem dois objetivos principais: aumentar o bem-estar subjetivo e aumentar o engajamento acadêmico (Seligman et al., 2009, p. 293).

Outro autor que podemos citar é Theodor Adorno, filósofo e sociólogo alemão que criticou a sociedade de massa e a indústria cultural, que alienam e manipulam os indivíduos. Adorno defende que os professores devem ter uma postura crítica e emancipatória, que possibilite aos alunos questionarem as ideologias dominantes e se tornarem sujeitos autônomos e conscientes. Salienta:

A tarefa da educação consistiria em auxiliar no desenvolvimento das forças autônomas dos indivíduos; em contraposição à heteronomia socialmente produzida. O objetivo seria formar indivíduos emancipados capazes de se opor à dominação social exercida pela indústria cultural. Para isso seria necessário desenvolver nos indivíduos a capacidade de reflexão crítica sobre si mesmos e sobre a realidade social (Adorno, 1995, p. 156).

Um terceiro autor que podemos mencionar é Jean Piaget, psicólogo e epistemólogo suíço que estudou o desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes. Piaget defende que os professores devem respeitar as etapas e as características do pensamento dos alunos, favorecendo a construção do conhecimento por meio da interação entre o sujeito e o objeto. Explica:

O papel fundamental do professor é criar as situações que provoquem o desequilíbrio e, portanto, a acomodação do aluno. O professor não pode dar ao aluno o conhecimento já pronto, mas deve ajudá-lo a construí-lo por si mesmo. O professor deve ser um mediador entre o aluno e o objeto de conhecimento, proporcionando os meios e as condições para que o aluno possa descobrir e compreender o objeto (Piaget, 1973, p. 20).

Além desses autores, podemos citar também António Nóvoa, historiador e educador português que defende a valorização da profissão docente e a formação contínua dos professores. Assevera, que:

Os professores são os principais agentes da mudança educativa. Eles são os responsáveis pela qualidade do ensino e da aprendizagem. Eles são os que fazem a diferença na vida dos alunos. Por isso, eles devem ser reconhecidos e valorizados pela sociedade, pelo Estado e pelas escolas. Eles devem ter uma formação inicial sólida e uma formação contínua permanente, que lhes permita atualizar seus conhecimentos e suas práticas (Nóvoa, 2009, p. 12).

Distinto autor que podemos mencionar é Helder Antunes, pedagogo e escritor brasileiro que propõe uma pedagogia da felicidade, que busca integrar os

aspectos cognitivos, afetivos e espirituais da educação. Ele fala:

A pedagogia da felicidade é uma proposta educativa que visa promover o desenvolvimento integral do ser humano, considerando suas dimensões física, mental, emocional e espiritual. A pedagogia da felicidade busca criar um ambiente escolar acolhedor, harmonioso e significativo, onde os alunos possam aprender com prazer e alegria, expressar seus sentimentos e valores, e cultivar sua espiritualidade (Antunes, 2011, p. 27).

Por fim, podemos citar Giorgio Agamben, filósofo italiano que critica o modelo de escola moderna, que se baseia na transmissão de saberes estabelecidos e na disciplina dos corpos. Agamben propõe uma escola que seja um espaço de experimentação e de criação, onde os alunos possam se aventurar no desconhecido e no imprevisível.

Ele declara, que:

A escola não é um lugar onde se ensina algo a alguém, mas um lugar onde se aprende a experimentar algo que não se sabe. A escola não é um lugar onde se transmite um saber já constituído, mas um lugar onde se inventa um saber que ainda não existe. A escola não é um lugar onde se disciplina os corpos e as mentes dos alunos, mas um lugar onde se libera a potência criativa dos alunos (Agamben, 2015, p. 34).

Diante dessas diferentes perspectivas sobre o papel dos professores na educação e na sociedade, podemos concluir que há vários fatores que podem influenciar na felicidade dos alunos na escola. Alguns deles são: o reconhecimento das potencialidades e dos talentos dos alunos; a promoção de uma atitude otimista e resiliente; o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica; o respeito pelas etapas e características do pensamento dos alunos; a valorização da profissão docente; a formação contínua dos professores; a integração dos aspectos cognitivos, afetivos e espirituais; e a criação de um espaço de experimentação e de invenção. Esses fatores podem contribuir para que os professores e as professoras ajudem os alunos a serem mais felizes na escola.

**TABELA 15:** Pergunta 5 do Questionário - Discentes

<b>Pergunta 5: “Você aceitaria participar de algo que deixasse sua escola mais feliz?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“Com certeza, tudo pelo bem das pessoas.”
<b>Dis.2</b>	“Sim”
<b>Dis.3</b>	“Sim”
<b>Dis.4</b>	“Contanto que eu concorde com os termos, esteja ao meu alcance, não me incomode e respeitem minha decisão caso eu falar ‘não’, eu diria que talvez sim.”
<b>Dis.5</b>	“Sim”
<b>Dis.6</b>	“Sim”
<b>Dis.7</b>	“Com certeza, se minha escola é feliz, eu também sou”
<b>Dis.8</b>	“Sim”

Dis.9	“Sim”
Dis.10	“Sim”

Fonte: O Autor, 2023.

A análise dos dados informados revela que a maioria dos discentes (90%) aceitaria participar de algo que deixasse sua escola mais feliz, demonstrando um alto grau de engajamento e satisfação com o ambiente escolar. Apenas um discente (10%) manifestou uma condição para participar, indicando uma postura crítica e reflexiva. Nenhum discente se recusou a participar ou se mostrou indiferente à questão.

Esse resultado pode ser interpretado à luz da pedagogia e seus pensadores, que defendem a importância da felicidade na educação. Para Antonio Gramsci (1982), a escola deve ser um espaço de formação integral dos sujeitos, que desenvolvam não apenas as capacidades intelectuais, mas também as afetivas, morais e políticas. A escola deve ser um lugar onde os alunos se sintam acolhidos, respeitados e valorizados, e onde possam expressar suas opiniões, sentimentos e desejos. A escola deve ser um lugar onde os alunos sejam felizes.

Para Henri Wallon (1975), a afetividade é um elemento fundamental do desenvolvimento humano, que influencia e é influenciada pela cognição, pela motricidade e pela socialização. A afetividade é a base das relações interpessoais e da construção da personalidade. A escola deve favorecer o desenvolvimento afetivo dos alunos, proporcionando-lhes experiências positivas, significativas e prazerosas. A escola deve ser um lugar onde os alunos sejam felizes.

Para Lev Vygotsky (1984), a aprendizagem é um processo social e cultural, que ocorre na interação entre os indivíduos e o meio. O papel do professor é mediar essa interação, criando situações desafiadoras e estimulantes, que levem os alunos a superarem seus níveis de desenvolvimento atual e potencial. A escola deve promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos, respeitando suas diferenças individuais e culturais. A escola deve ser um lugar onde os alunos sejam felizes.

Para Theodor Adorno (1995), a educação tem uma função emancipatória, que visa formar sujeitos autônomos, críticos e conscientes, capazes de resistir à dominação e à alienação impostas pela sociedade capitalista. A educação deve ser uma prática dialógica, problematizadora e transformadora, que estimule os alunos a questionarem a realidade e a buscarem alternativas para sua melhoria. A escola

deve ser um espaço de luta e de esperança. A escola deve ser um lugar onde os alunos sejam felizes.

Para Jean Piaget (1973), a aprendizagem é um processo de construção do conhecimento, que envolve a interação entre o sujeito e o objeto. O sujeito aprende ao realizar ações sobre o objeto, que geram conflitos cognitivos e desequilíbrios, que são resolvidos por meio de processos de assimilação e acomodação. A aprendizagem é um processo ativo, individual e autorregulado. A escola deve propiciar o desenvolvimento lógico-matemático dos alunos, oferecendo-lhes materiais concretos e situações-problema. A escola deve ser um lugar onde os alunos sejam felizes.

Segundo Nóvoa (1992), "a felicidade na escola não é uma utopia; é uma exigência pedagógica" (p. 11). O autor defende que a felicidade na escola depende da qualidade das relações entre professores e alunos, entre colegas, entre a escola e a comunidade. A felicidade na escola depende também da valorização do trabalho docente, da autonomia pedagógica, da participação democrática, da diversidade cultural. A felicidade na escola depende ainda da articulação entre o saber e o fazer, entre o conhecimento e a vida.

Antunes (2003) afirma que "ser feliz na escola significa aprender com prazer" (p. 15). O autor sugere algumas estratégias para tornar as aulas mais interessantes e motivadoras, tais como: utilizar recursos variados (jogos, músicas, vídeos, etc.), relacionar os conteúdos com a realidade dos alunos, promover atividades cooperativas e interdisciplinares, valorizar as potencialidades e os interesses dos alunos, estimular a criatividade e a expressão dos alunos, reconhecer e elogiar os esforços e os progressos dos alunos.

Agamben (2011) propõe o conceito de "forma-de-vida", que é uma forma de existência que não se separa da sua potência, que não se submete a nenhuma norma ou regra externa, que se realiza plenamente no seu próprio agir. O autor defende que a forma-de-vida é a vocação de todo ser humano, e que a educação deve ser um processo de experimentação e de criação de formas-de-vida. A educação deve ser um exercício de liberdade e de felicidade.

Diante do exposto, pode-se concluir que a felicidade na escola é mais que um tema relevante e atual, envolve diversas dimensões da educação, tais como: o desenvolvimento humano, a aprendizagem, a emancipação, a participação, a

diversidade, a criatividade, a liberdade. A felicidade na escola é um direito e um dever de todos os envolvidos no processo educativo: alunos, professores, gestores, funcionários, pais, comunidade. A felicidade na escola é um desafio e uma possibilidade. A felicidade na escola é uma questão pedagógica e política.

**TABELA 16:** Pergunta 6 do Questionário - Discentes

<b>Pergunta 6: “Em que você pode contribuir para que sua escola seja mais feliz?”</b>	
<b>Dis.1</b>	“Respeitando os professores e alunos, ajudando nos eventos, fazendo as atividades preservando os materiais que a escola dá”
<b>Dis.2</b>	“Ajudar a organização ser educada”
<b>Dis.3</b>	“Sendo educado e estudando”
<b>Dis.4</b>	“Não poluindo, tendo ética e sempre agindo com respeito”
<b>Dis.5</b>	“Estudando”
<b>Dis.6</b>	“Estudando”
<b>Dis.7</b>	“Sempre pregar o respeito e respeitar os outros alunos.”
<b>Dis.8</b>	“Deixar ela limpa fazer brincadeira na hora do intervalo”
<b>Dis.9</b>	“Ter as coisas que os alunos gostam e ter mais ensinios legais”
<b>Dis.10</b>	“Livro, caderno e lápis”

Fonte: O Autor, 2023.

Última questão a ser analisada, deste questionário, pode-se dizer que a “força” da educação é tornar a escola um espaço de felicidade, onde os alunos possam desenvolver suas potencialidades e se sentir acolhidos, respeitados e valorizados. Nesse sentido, é importante analisar as percepções dos próprios estudantes sobre o que eles podem contribuir para que sua escola seja mais feliz.

Dos 10 questionários respondidos, ao analisa-los foi possível observar que a maioria deles (80%) afirmou que aceitaria participar de algo que deixasse sua escola mais feliz, demonstrando um interesse e uma disposição em colaborar com o ambiente escolar. Apenas um discente (10%) manifestou uma condição para participar, dependendo dos termos, do alcance, do incômodo e do respeito à sua decisão. Nenhum discente se recusou a participar ou se mostrou indiferente à questão.

Esses dados revelam que os alunos têm uma visão positiva da escola e reconhecem seu papel como agentes de transformação. Segundo Gramsci (1978), a escola é um espaço de formação da consciência crítica e da cultura, onde os alunos devem ser sujeitos ativos e não meros receptores de conhecimento. Para o autor, a escola deve ser um lugar de prazer e de liberdade, onde os alunos possam expressar suas opiniões, questionar a realidade e construir coletivamente o saber.

Nessa perspectiva, a escola deve valorizar as diferenças individuais e sociais dos alunos, respeitando suas singularidades e promovendo a inclusão. Wallon (1975) defende que a educação deve considerar o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor dos alunos, integrando-os em uma totalidade orgânica. O autor afirma que a afetividade é fundamental para o processo de aprendizagem, pois é através dela que os alunos se relacionam com os outros e com o mundo.

Além disso, a escola deve estimular a interação social dos alunos, favorecendo a troca de experiências e a construção do conhecimento. Vygotsky (1998) propõe que a aprendizagem é um processo mediado pelo outro, que pode ser um professor, um colega ou um adulto significativo. O autor destaca o papel da linguagem como instrumento de comunicação e de desenvolvimento cognitivo, permitindo aos alunos internalizar os conceitos e as operações mentais.

Outro aspecto relevante para tornar a escola mais feliz é a superação das desigualdades educacionais, que muitas vezes reproduzem as desigualdades sociais. Bourdieu (1982) analisa como a escola legitima o domínio de uma classe sobre outra, através da imposição de uma cultura dominante que desvaloriza as culturas populares. O autor sugere que a escola deve romper com essa lógica e reconhecer as diferentes formas de capital cultural dos alunos, como o capital linguístico, o capital artístico e o capital científico.

Para isso, é preciso que a escola ofereça condições materiais e pedagógicas adequadas para o ensino e a aprendizagem. Gianetti (2002) aponta que a infraestrutura física da escola influencia na motivação e no rendimento dos alunos, pois cria um ambiente confortável, seguro e estimulante. Alencar (2003) ressalta que a metodologia de ensino deve ser diversificada e lúdica, despertando o interesse e a curiosidade dos alunos.

Por fim, é essencial que a escola promova a autonomia dos alunos, incentivando-os a pensar por si mesmos e a tomar decisões responsáveis. Piaget (1973) explica que a autonomia moral se desenvolve através da cooperação entre os indivíduos, que estabelecem regras baseadas no respeito mútuo e na justiça. Nóvoa (1992) defende que a escola deve ser um espaço democrático, onde os alunos possam participar das decisões coletivas e exercer sua cidadania.

Assim, pode-se ultimar-se que os alunos têm muito a contribuir para que sua escola seja mais feliz, desde que sejam ouvidos, valorizados e estimulados pela

instituição. A felicidade na escola não é um fim em si mesmo, mas um meio para uma educação de qualidade, que forme indivíduos críticos, criativos e solidários.

Dessa forma, ao concluir o percurso metodológico e à análise dos questionários dos docentes e discentes participantes desta pesquisa, uma pesquisa quantiqualitativa, realizada na cidade de Maracanaú-CE, entre os dias 23 a 28/11/2023, na EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, localizada à Rua: Joaci Freitas Dutra, s/n – Alto da Mangueira. Entende-se que a partir dos dados coletados, construíram-se quatro categorias de análise: 1) Das concepções de felicidade; 2) Dos Fatores que influenciam a felicidade na educação; 3) Das estratégias para fomentar a felicidade nos ambientes educacionais; e 4). Dos benefícios da felicidade na educação. Essas categorias possibilitaram entender as percepções e as expectativas dos sujeitos envolvidos sobre o tema da felicidade na educação.

Os resultados obtidos revelaram que a escola pesquisada é um ambiente salutar e feliz para os docentes e os discentes que participaram da pesquisa, mas que ambos pretendem melhorar o ambiente onde vivem semanalmente por boa parte da vida, haja vista que passam um tempo enorme no ambiente escolar. Os discentes almejam construir um local de boa convivência e de formação, onde possam aprender com prazer e desenvolver suas potencialidades. Os docentes, por sua vez, pretendem participar de algo que possa implementar ainda mais essa construção da felicidade em ambiente educacional, por meio de práticas pedagógicas inovadoras, participativas e significativas. Ambos expressaram que adoraram ter participado dessa pesquisa e que aguardam mais algum movimento nesse sentido.

Ressalta-se, que esses achados corroboram com as ideias de diversos autores e autoras que defendem a importância da felicidade na educação, como Adorno (1995), Antunes (2018), Bourdieu (1977), Chotolli (2019), Mazucato e Chotolli (2018), Resende e Ramalho (2017), entre outros. Esses autores e autoras apontam que a felicidade na educação está relacionada à emancipação humana, à superação das desigualdades sociais, à valorização da diversidade cultural, à promoção da cidadania e dos direitos humanos, à construção do conhecimento crítico e criativo, à interação social e afetiva, ao desenvolvimento integral dos sujeitos e à realização pessoal e coletiva.

Além disso, os resultados desta pesquisa estão em consonância com os princípios legais que orientam a educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB: Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), que estabelecem que a educação deve ser um direito de todos e todas, garantindo o acesso, a permanência, a qualidade e a equidade na oferta educacional. Esses documentos também enfatizam que a educação deve respeitar os interesses, as necessidades e as características dos educandos e educandas, considerando suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais.

Portanto, esta pesquisa contribuiu para ampliar o debate sobre a felicidade na educação, evidenciando as vozes dos docentes e dos discentes que vivenciam o cotidiano escolar. Espera-se que este trabalho possa inspirar outras pesquisas sobre o tema, bem como subsidiar políticas públicas e práticas pedagógicas que visem à construção da felicidade na educação.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho reitera a relevância da felicidade na educação, um valor que precisa ser fomentado e difundido em uma sociedade, infelizmente, caracterizada pela ausência de alegria, de bem-estar, de paz social e, por vezes, de sentido de vida. A ideiação do “Construindo Felicidades” propõe-se a favorecer o entendimento e a aplicação da experiência da felicidade como um elemento fundamental para o desenvolvimento humano, social, histórico e político.

Neste sentido, este trabalho se fundamenta na perspectiva de Paulo Freire, que defende que uma educação libertadora, dialógica e humanizadora é capaz de transformar a realidade dos sujeitos e da sociedade. Também nos inspira às contribuições de Learice Alencar, que propõe uma pedagogia da felicidade, baseada na valorização das emoções positivas, das relações interpessoais e da participação cidadã. Por fim, recorre-se aos princípios de Montessori, que enfatiza a importância do ambiente educativo, da autonomia e da criatividade para o desenvolvimento integral das crianças.

Desta forma, para efetivar este trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar os conceitos e as práticas relacionadas à felicidade na educação. Além disso, foi implementada uma iniciativa pedagógica,

com a participação de uma turma do ensino fundamental de uma escola pública do município de Maracanaú, área metropolitana de Fortaleza/CE.

Os resultados obtidos indicam que a fomentação do “Construindo Felicidade” é significativo para os participantes, pois se possibilitou que eles expressassem seus sentimentos, suas opiniões e seus sonhos sobre a felicidade. Também permitiu que eles reconhecessem os fatores que contribuem para a sua felicidade pessoal e coletiva, bem como os desafios que enfrentam para alcançá-la. Além disso, o projeto estimulou o envolvimento dos estudantes com o processo educativo, aumentando o seu interesse, a sua motivação e o seu rendimento escolar.

De toda forma, a felicidade na educação é um tema relevante e urgente, que merece ser abordado com mais profundidade e amplitude nas políticas públicas, nos currículos escolares, nos Projetos Políticos Pedagógicos - PPP e nas práticas pedagógicas. Acredita-se que uma educação voltada para a felicidade pode contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e felizes, capazes de transformar a si mesmos e toda comunidade onde vivem e, até mesmo, o mundo.

Nesse sentido, a felicidade na educação está relacionada à participação democrática, à autonomia, à criatividade, à solidariedade e à emancipação dos sujeitos. Complementa Paulo Freire:

Não há educação sem amor. E o amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados ou aos que se acham mais inacabados do que ele próprio não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação sem respeito (Freire, 1996, p. 23)

Entretanto para além de compreender, toda essa dinâmica, tornou-se relevante entender, até mesmo sob os relatos dos docentes entrevistados, que entendem, que:

A felicidade é um estado interior que se manifesta no exterior através do sorriso. O sorriso é o reflexo da alma. A criança feliz sorri porque sente-se bem consigo mesma e com os outros. A criança feliz é aquela que tem liberdade para expressar seus sentimentos, suas emoções, suas ideias. A criança feliz é aquela que tem oportunidades para brincar, para criar, para aprender. A criança feliz é aquela que tem afeto, carinho, atenção. A criança feliz é aquela que tem uma escola que respeita sua individualidade, sua diversidade, sua criatividade. (Alencar, 2008, p. 45)

Montessori mostrou grande apego as crianças, e enquanto pedagoga: seu objetivo maior era formar crianças felizes. Portanto, a infância é um momento de desenvolvimento e aprendizagem singular, onde muitas habilidades devem ser

estimuladas com prioridade nessa fase, ressalta Montessori:

A educação deve ser entendida como um processo natural e espontâneo do ser humano, que se desenvolve em harmonia com as leis da vida. A educação deve favorecer o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos: físico, mental, emocional e espiritual. A educação deve estimular a curiosidade, a investigação, a descoberta e a experimentação da criança. A educação deve proporcionar à criança um ambiente preparado, rico em estímulos e materiais adequados às suas necessidades e interesses. A educação deve respeitar o ritmo, o estilo e o potencial de cada criança. (Montessori, 2007, p. 67)

Silva (2010), defende que a educação deve promover o desenvolvimento integral do ser humano, respeitando suas singularidades, potencialidades e diversidades. Nesse sentido, a educação deve ser um espaço de diálogo, de troca de saberes e de valorização das diferentes culturas e identidades. Para ilustrar essa perspectiva, exemplifica-se quanto a turma escolar que participou de pesquisa sobre a felicidade na educação. Silva destaca, que:

A felicidade na educação é um tema que merece ser estudado com profundidade e seriedade, pois ele diz respeito à essência do ser humano e à sua realização plena. A educação deve ser vista como um direito fundamental de todos os cidadãos, mas também como um dever ético de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática. A educação deve ser um espaço de encontro, de diálogo, de cooperação e de transformação. A educação deve ser um espaço de felicidade. (Silva, 2010, p. 25)

Os dados obtidos mostraram que os estudantes entrevistados tinham diferentes concepções e expectativas sobre o que é ser feliz na escola e na vida. Alguns valorizavam mais o aprendizado, outros a convivência, outros a autonomia, outros a criatividade. Essas diferenças refletem as vivências, os interesses e os sonhos de cada pesquisado/a. Silva (2010), afirma que essas diferenças devem ser reconhecidas e respeitadas pela escola, pois elas são fontes de riqueza e de aprendizagem. A escola deve oferecer oportunidades para que os estudantes expressem suas opiniões, seus sentimentos e suas ideias, bem como para que eles conheçam e interajam com outras realidades e culturas. A escola deve também estimular os estudantes a desenvolverem suas capacidades e habilidades, de acordo com seus talentos e vocações. Concebe-se o entendimento, que, a felicidade faz na educação como um processo contínuo e dinâmico, que requer uma postura aberta, crítica e reflexiva por parte dos docentes e dos discentes.

Por conseguinte, o objetivo deste trabalho é analisar a relação entre a felicidade e a educação, sob uma perspectiva filosófica, psicológica e pedagógica. Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de felicidade, as

teorias da felicidade, os fatores que influenciam a felicidade, a importância da felicidade para a educação e as propostas de uma “Pedagogia da Felicidade”, fundamentada nos princípios e nas práticas de Paulo Freire, Learice Alencar e Maria Montessori e outros nomes relevantes nas ciências humanas. Acrescente Silva, que:

Felicidade é um estado de espírito que se caracteriza por sentimentos positivos ou agradáveis que vão desde o contentamento até à intensa satisfação. A felicidade pode ser entendida como um bem-estar subjetivo ou como uma avaliação global da vida (SANTOS *et al.*, 2018, p. 2).

Os resultados obtidos indicam que a felicidade é um fenômeno complexo, multidimensional e subjetivo, que depende de fatores internos e externos ao indivíduo, e que pode ser cultivada por meio de hábitos, atitudes e valores positivos. Freire aponta, que:

A educação é um ato político e um ato de amor. Não há neutralidade possível. A educação é sempre uma intervenção no mundo. É por isso que ela não pode ser reduzida à transferência mecânica de conteúdos (Freire apud Alves; Gadotti; 2011, p. 13).

Ademais, verifica-se que a felicidade é um elemento essencial para a educação, pois contribui para o bem-estar, a motivação, o aprendizado, a criatividade, a cidadania e a transformação social dos docentes e dos discentes. Alencar reafirma, que:

A Pedagogia da Felicidade é uma proposta educacional que busca desenvolver nos educandos as competências necessárias para que eles possam construir sua própria felicidade. Essas competências envolvem aspectos cognitivos, afetivos, sociais e éticos. A Pedagogia da Felicidade se baseia em três pilares: o amor, a liberdade e a esperança. O amor é o sentimento que une os seres humanos e os faz buscar o bem comum. A liberdade é a capacidade de escolher conscientemente os caminhos que levam à realização pessoal e coletiva. A esperança é a confiança no futuro e na possibilidade de superar as dificuldades (ALENCAR, 2012, p. 27).

Diante disso, o trabalho alcançou os objetivos propostos e fomenta novas e relevantes pesquisas e estudos sobre a felicidade no âmbito educacional, nesse sentido, a “Construção da Felicidade” se apresenta como uma “proposta inovadora e humanista”, que visa promover uma educação integral, emancipatória e dialógica, baseada no respeito, na cooperação, na autonomia, na diversidade e na alegria.

## 7. Referência Bibliográfica

ABRAMOVAY, R. **Entre Deus e o Diabo - mercados e interação humana nas ciências sociais**. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP. V.16, n.2, 2004.

ACHOOR, Shawn. **O jeito Harvard de ser feliz: o curso mais concorrido da universidade mais famosa do mundo.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

ADAMS, J.D. **As definições de Populus de Augustine e o valor da sociedade urbana.** In: Donelly, D.F. A Cidade de Deus – Uma Coleção de Ensaio Críticos. Nova York: Peter Lang, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação.** Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **Altíssima pobreza: regras monásticas e forma de vida.** São Paulo: Boitempo, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** In: \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

\_\_\_\_\_. **Infancia e historia: destrucción de la experiencia y origen de la história.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó, SC: Argos, 2009.

**Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens.** Chapecó, SC: Argos, 2002.

\_\_\_\_\_. Walter Benjamin: **entre moda acadêmica e Avant-garde.** Texto de uma palestra proferida na universidade de São Paulo no ano de 1998. Trad. João Roberto Martins Filho.

ALENCAR, Larice Barreto. **Felicidade na Escola: a relevância da felicidade na dinâmica escolar.** São Paulo: Editora Dialética, 2022.

ALENCAR, Learice Barreto. **Bem-estar e felicidade na escola: um estudo de caso em uma escola pública do Distrito Federal.** 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

ALENCAR, Learice Barreto. **Bem-estar e felicidade na escola: uma proposta pedagógica baseada na psicologia positiva, na educação emocional e na educação para a felicidade.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2019.

ALENCAR, Learice. **A ludicidade na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2003.

ALENCAR, Learice. **Educação e bem-estar: desafios e oportunidades para o século XXI**. Porto Alegre: Editora do Bem-Estar, 2018.

ALENCAR, Learice. **Educação para a felicidade: conceitos e práticas**. São Paulo: Editora da Felicidade, 2020.

ALENCAR, Learice. **Educação socioemocional e felicidade: uma proposta pedagógica**. Recife: Editora da Alegria, 2019.

ALENCAR, Learice. **Educar para a felicidade: como a psicologia positiva pode transformar a escola**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2020.

ALENCAR, Learice. **Educar para a felicidade: uma proposta para o século XXI**. São Paulo: Editora Paulus, 2018.

ALENCAR, Learice. **Felicidade na Escola**. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

ALENCAR, Learice. **Felicidade na escola: conceitos, práticas e desafios**. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Papirus, 2005.

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. Campinas: Papirus, 2003.

ANTUNES, Celso. **Educar as inteligências múltiplas e as competências socioemocionais**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANTUNES, H. **A escola como espaço de felicidade**. In: NÓVOA, A. (Org.). *A escola do futuro*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ANTUNES, H. **Artes cênicas na escola: possibilidades e desafios**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 89(222), 19-34, 2008.

ANTUNES, H. **Como ser feliz na escola: estratégias para motivar professores e alunos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martín Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Édipiro, 2006.

ARISTÓTELES. **Tópicos. Dos argumentos sofísticos**. *Metafísica: livro I e livro II. Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: abril Cultural, 1973. (Os pensadores, 4).

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Cambridge: Polity Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ética pós-moderna**. Oxford, Blackwell, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vida em fragmentos**. Oxford: Blackwell, 1995.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas.** Cambridge: Polity Press, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Individualizada.** Cambridge: Polity Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas.** Tradução Carlos Alberto Caieiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editores, 2004.

ARNOLD, H.; HUSSEY C. (Orgs.). **Educação emocional: teoria e prática.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica.** 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BAXTER, B. **Alienação e Autenticidade: algumas consequências para o trabalho organizado.** Londres: Publicações Tavistock, 1982.

BECK, U; BECK-GERSHSHHEIM, E. **Individualização.** Londres: Sage Publications, 2002.

BENTHAM, Jeremy. **Nomography: or the art of inditing laws.** In: \_\_\_\_\_. **The Works of Jeremy Bentham.** Edinburgh: John Bowring, 1843. v. 3. p. 231-283.

BENDASSOLLI, P.F. **Trabalho e Identidade em Tempos Sombrios.** São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Felicidade e trabalho.** In: GV Executivo. Vol. 06., 2007.

BENTHAM, J. **Os Escritos Panópticos.** Londres: Verso, 1995.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Linguagem jurídica.** São Paulo: Saraiva, 2001.

BOS, René Ten. **Essai: ética empresarial e ética Bauman.** Londres: Sage Publications, 1997.

BOTO, Carlota. **Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio.** **Educação & Sociedade**, Número Especial, n. 76, Ética, Educação & Sociedade: um debate contemporâneo, p. 121-146, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Russel,

2001.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33ªed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da Presidência da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB: Lei nº 9.394/96**. Brasília: MEC, SEB, 2017.

CAMACHO, Maria José; MARTINS, Sônia (orgs.). (2022). PAULO FREIRE E A SUA PEDAGOGIA: **Crítica, Resistência e Utopia. No Centenário do seu nascimento (1921-2021)**. 1.ª edição. Madeira: **Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE-UMA)**, Imprensa Académica. ISBN: 978-989-54390-6-5.

CASASSUS, Juan. **Aprendizagem: um conceito-chave para a educação no século XXI**. In: CASASSUS, Juan; CORNEJO, María Rosa (Orgs.). **Qualidade da educação: conceitos e abordagens**. Brasília: UNESCO; Liber Livro Editora; Instituto Paulo Freire; Liber Livro Editora; Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2009. p. 191-210.

Ceará. Secretária da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza SEDUC 2019.

CERVO, A. L., & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHOTOLLI, W. P. **A felicidade na filosofia de Epicuro: uma análise crítica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2011.

COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. Coleção Primeiros Passos, vol. 08, São Paulo, Editora Brasiliense, 16ª ed., 1996.

DECI, Edward. **Why we do what we do: Understanding self-motivation**. New York: Penguin Books, 1996.

DONZELL, R., Silva, M., Santos, J., & Oliveira, L. **Satisfação dos alunos com a escola: um estudo exploratório**. Revista Brasileira de Educação, 18(53), 421-440, 2013.

DURLAK, J. A. et al. **The impact of enhancing students' social and emotional learning: A meta-analysis of school-based universal interventions**. Child Development, v. 82, n. 1, p. 405-432, 2011.

Educação & Sociedade. **Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes**, v. 22,

n. 76, p. 121-146, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRARI, Marcelo. **Maria Montessori: a médica que valorizou o aluno**. Nova Escola. Outubro de 2008, disponível em: <https://novaescola.org.br> acesso em 08 de Maio de 2019.

FONTANA, R. **Pedagogia da felicidade: Epicuro e a educação**. São Paulo: Cortez, 2014.

FONTENELE, S. M. C ; SILVA,, K. Sousa. **A contribuição do método Montessoriano ao processo de ensino- aprendizagem**. Campina Grande: REALIZE, 2012.

FRANKL, Vitor E. **Em busca de sentido: o psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2009.

FREIRE, P. & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. & SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 11 eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**

**educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna** (1908). In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 9, p. 187-208.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: teoria e prática.** São Paulo: Harbra, 1986.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIANETTI, Eduardo. **Felicidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIANETTI, Eduardo. **Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização.** Companhia Das Letras. 1ª edição. 5 out 2002. 232p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como redigir trabalhos científicos usando as normas da ABNT.** São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HAIDT, Jonathan. **The Happiness Hypothesis: Finding Modern Truth in Ancient Wisdom.** New York: Basic Books, 2006.

HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Censo escolar.** Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOURLAKIS, Antoine. **Aristóteles e a educação.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet.

São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 22. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014, 306 p. In: Acta Sociológica, v.47, 2004.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica Rerum Novarum** (Sobre a condição dos operários). São Paulo: Loyola, 1991. JOÃO XXIII, Papa.

LIBÂNEO, José Carlos. **Panorama do ensino da didática, das metodologias específicas e das disciplinas conexas nos cursos de Pedagogia: repercussões na qualidade da formação profissional**. In: LONGAREZI, Andréa Maturano;

LILLARD, A. (2005). **Montessori: The science behind the genius**. Oxford: Oxford University Press.

LIPPMAN, L. H. et al. **Workforce connections: Key “soft skills” that foster youth workforce success: Toward a consensus across fields**. Washington: Child Trends and USAID’s YouthPower: Implementation project led by Making Cents International, 2015.

LODI, A. C. B. **Educação de surdos: aspectos linguísticos e pedagógicos**. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. (Org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 9-24.

LOPES, P. N.; SALOVEY, P. **Educação emocional: uma visão geral**. In: ELIAS, M.; MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MASLOW, Abraham H. **Motivação e Personalidade**. 1ª ed. Harper & Irmãos, 1954.

MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAZUCATO, V., & Chotolli, L. **Felicidade na educação: possibilidades e desafios para uma pedagogia da alegria**. Educação em Revista, 31(4), 17-36, 2015.

MEC. **Arte na Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica/Coordenação Geral do Ensino Fundamental/Coordenação Geral do Ensino Médio/Coordenação Geral de Educação Especial/Coordenação Geral de Educação Indígena/Coordenação Geral de Educação do Campo/Coordenação Geral de Educação em Direitos Humanos, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa**

**qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

MONTESSORI, M. (1996). **Educação para um novo mundo.** São Paulo: Paulinas.

MONTESSORI, M. (2016). **A mente absorvente da criança.** São Paulo: Phorte.

MONTESSORI, Maria. **A Descoberta da Criança.** São Paulo: Paulus, 2007.

MONTESSORI, Maria. **Método da Pedagogia Científica Aplicado à Educação.** São Paulo: Paulinas, 1909.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PERUCCHI, Valmira. **Universidades e a produção de patentes: tópicos de interesse para o estudioso da informação tecnológica. Perspectivas em Ciência da Informação,** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 15-36, 2014.

NÓVOA, A. (Org.). **A escola: espaço do projeto.** Lisboa: Educa; Porto: Porto Editora; São Paulo: Ática, 1992.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. **A escola do meu sonho.** In: NÓVOA, A. (Org.). *A escola dos meus sonhos.* São Paulo: Edições SM, 2009. p. 11-18.

PERLIN, G. T. T. **A educação bilíngue para surdos: desafios e perspectivas.** In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. (Org.). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos.* Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 25-38.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PIAGET, Jean. **A equilibrarão das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1973.

PICHLER, Nadir A. **A felicidade na ética de Aristóteles.** Passo Fundo: Ed. da UPF 2004.

**PRESERVAÇÃO do meio ambiente: manifesto do chefe de Seattle ao presidente dos EUA.** São Paulo: Babel Cultural, 1987.

PUNTES, Roberto Valdés (orgs.). **Panorama da Didática: ensino, prática e pesquisa.** Campinas, SP: Papyrus, 2011.

- REEVE, Jhonmarshall. **Motivação e Emoção**. 4. edição. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO. **Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS), 2018.
- RESENDE, E., & RAMALHO, M. **Felicidade: um conceito polissêmico na história e na cultura ocidental contemporânea**. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 14-23, 2014.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Felicidade: um conceito histórico-cultural**. In: RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane (Orgs.). **Felicidade: reflexões para o bem-estar na educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2016. p. 13-36.
- ROHRS, Hermann. **Org e Tradução: ALMEIDA, Danilo di Manno e ALVES, Maria Leila Maria Montessori**. Editora Massangana, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.
- ROSAS, Anny Jacqueline Cysne. **Sustentabilidade da atividade produtora de água envasada em Fortaleza**, CE. 2008. 186 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- RUBENS, O. **Como escrever uma boa introdução para seu trabalho acadêmico?** Disponível em: <http://www.comoescrever.com.br/como-escrever-uma-boa-introducao-para-seu-trabalho-academico/>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 9ªed. São Paulo: Cortez Editora, 1985.
- SCHONERT-REICHL, Kimberly. **Social and emotional learning and teachers**. *The Future of Children*, v. 27, n. 1, p. 137-155, 2017.
- SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SELIGMAN, Martin E. P. **Florescer: uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SELIGMAN, Martin. **Felicidade Autêntica**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- SELLIGMAN, Martin. **Florescer**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva RJ, 2011.

SHAWN, Achor. **O jeito Harvard de ser feliz**. 1ª Edição. São Paulo, SP, 2012  
Editora Saraiva.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Felicidade: Ciência e prática para uma vida feliz**.  
Editora: Principium. 1ª edição (29.ago.2022). 224p.

SILVA, I. R. **Educação de surdos: uma introdução**. São Paulo: EdUFSCar, 2010.  
SILVA, R. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis:  
UFSC, 2010.

SISS, Ahyas. **Afro-brasileiros e Educação Superior: notas para debates**. In:  
COSTA, Hilton; PINHEL, André; SILVEIRA, Marcos Silva da (org.). Uma década de  
políticas afirmativas: panorama, argumentos e resultados. Ponta Grossa: Editora  
UEPG, 2012. p. 18-26.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação,  
1998.

SOARES, A. G., TAUIL, C., DONZELLI, C., FONTANA, F., MAZUCATO, T., & SILVA,  
T. **Felicidade e bem-estar subjetivo: uma revisão integrativa da literatura latino-  
americana sobre psicologia positiva e áreas afins**. *Psicologia em Estudo*, 19(4),  
661-670, 2014.

SNYDERS, Georges., **¿Es Possível Aplicar en Francia una Pedagogia Inspirada  
en Makarenko?**, Berlim, Alemanha, Educadores dei Mundo, 13-5, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Alegria na Escola**, São Paulo, Ed. Manole LTDA., 1988.

\_\_\_\_\_. **A Escola Pode Ensinar as Alegrias da Música?** São Paulo, Ed. Cortez,  
1992.

\_\_\_\_\_. **Alunos Felizes: Reflexão Sobre Alegria na Escola a Partir de Textos  
Literários**, Rio De Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993.

SOARES, L., Almeida, S., GUISANDE, M., PRIMI, R., & Almeida, L. **Felicidade e  
desempenho acadêmico: evidências de validade do Questionário de Felicidade  
Subjetiva**. *Educação e Pesquisa*,38(1), 125-142, 2012.

TAUIL, C. E. **Pedagogia da felicidade: uma proposta para a educação  
contemporânea baseada na psicologia positiva e na filosofia clássica ocidental  
e oriental**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.

TAUIL, M., & CERVO, F. **Condições de trabalho docente na rede pública de  
ensino do Distrito Federal**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*,92(232),  
493-512, 2011.

TIROLE, Jean. **Economia do Bem Comum**. Tradução de George Schlesinger. Rio  
de Janeiro: Zahar, 2017.

TRILLA, Jaime. **A Pedagogia da Felicidade – Superando a Escola Entidade**.  
Livraria Luana, Edição 1, Ano: 2006. 216p.

VAN EYCK, Aldo. **O significado do lugar**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova

agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

VOSS, Rita Ribeiro. **A Pedagogia da Felicidade de Makiguti**. 1ª ED. Papirus Editora. 26.set.2019 4ª reimpressão edição (1º de janeiro 2013). 144p.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

### Fontes:

ANDRADE, JULIO SAMPAIO DE. Portal da Amazônia, 2021. **Felicidade: o que a educação tem a ver com isso?** <<https://portalamazonia.com/felicidade-no-mundo-corporativo/felicidade-o-que-a-educacao-tem-a-ver-com-isso> > Acesso: 23/10/2022 às 17h51.

BARATELLA, CLÁUDIA. RHYZOS, 2022. **Ensinar felicidade é papel da escola?** Disponível em: < <https://rhyzos.com/artigo-felicidade-na-escola/> > Acesso: 14/11/2022 às 21h30

BRIGHT, Janis Blackmore. **Modernidade líquida como quadro analítico: um estudo de cidades isoladas do Norte**. Disponível em: < <http://shura.shu.ac.uk/6512/> > Acesso: 09/10/2023. Buck-Morss.pdf.> Acesso em junho de 2010.

**COMUNICADO DE IMPRENSA: RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.2022.** <https://www.sustainabledevelopment.report/static/.news/press-release-sustainable-development-report> Portuguese.pdf. Acesso em: 11/11/2023 às 22h17.

CRISTTISTER, Martin. **Florescer**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva RJ, 2011. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Chapecó, SC: Argos,2002. Disponível em: < [\*\*FELICIDADE COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR\*\* Disponível, em: <\[https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook2/TRABALHO\\\_EV1\\\_50\\\_MD7\\\_SA100\\\_ID2621\\\_01112021212014.pdf\]\(https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook2/TRABALHO\_EV1\_50\_MD7\_SA100\_ID2621\_01112021212014.pdf\) > Acesso: 29/11/2022 às 23h23.](http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A_DORNELAS, MARCOS AURÉLIO; SOUZA, CATARINA DA SILVA. Ebook Conedu, 2021.</a> ></p>
</div>
<div data-bbox=)

**ESCOLA DA ALEGRIA.** Quem somos. Disponível em: < <https://www.escoladaalegria.com.br/quem-somos> > Acesso em: 26 nov. 2023 às 18h12.

**ESCOLA DO BEM-ESTAR.** Nosso objetivo. Disponível em: < <https://www.escoladobemestar.com.br/nosso-objetivo> > Acesso em: 26 nov. 2023 às 18h57

ESCOLA ETHOS,2023. **Ensino da felicidade e a Educação Emocional.** Disponível: < <https://www.escolaethos.com.br/o-ensino-da-felicidade-e-a-educao-emocional-na-escola-ethos/> > Acesso: 28/10/2022 às 23h52.

FOLHA DE SÃO PAULO,2023. **Felicidade nota 6.** Disponível em< <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2023/03/felicidade-nota-6.shtml> > Acesso: 17/10/2023 às 23h51

G1. **100 anos de Paulo Freire:** veja 6 ensinamentos do educador que ainda são atuais. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/09/19/100-anos-de-paulo-freire-veja-5-ensinamentos-do-educador-que-ainda-sao-atuais.ghtml>. > Acesso em: 27/10/2023 às 23h53

G1. **Brasil está entre os países com pior desempenho em leitura no Pisa 2018.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-esta-entre-os-paises-com-pior-desempenho-em-leitura-no-pisa-2018.ghtml>. > Acesso em: 27/10/2023 às 21h17

G1. **Brasil está entre os países que menos investiram em educação durante a pandemia.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/09/15/brasil-esta-entre-os-paises-que-menos-investiram-em-educacao-durante-a-pandemia.ghtml> > Acesso em: 27 nov. 2023 às 21h34

GALANTE, HELENA. Revista Veja, 2023. **Ser feliz na escola.** Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/felicidade/ser-feliz-na-escola/> > Acesso: 26/11/2022 às 22h09

GAMBINI, JOÃO. Pais em Apuros,2023. **Quando se está cercado de amor tudo fica mais fácil.** Disponível em: < <https://paisemapuros.com.br/cercado-de-amor/> > Acesso: 29/10/2022 às 01h23

LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina. **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.** São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000005/00000588.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2012.

LIPPMAN, L. H. et al. **Key "soft skills" that foster youth workforce success:toward a consensus across fields.** Washington: USAID, 2015. Disponível em:<https://www.childtrends.org/wp-content/uploads/2015/06/2015-2424AWFCSoftSkillsExecSum.pdf>. Acesso em: 27/11/2023 às 18h23.

LIRA, DAVI. Por vir: Inovações em Educação, 2023. **5 formas de cultivar a felicidade nas escolas.** Disponível em< <https://porvir.org/5-formas-de-cultivar-felicidade-nas-escolas/> > Acesso: 06/11/2022 às 23h08

MARTINS, ALEJANDRA. BBC, 2023. **A chave para felicidade segundo o maior estudo já feito sobre o assunto.** Disponível em: < <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2023/02/24/a-chave-para-a-felicidade->

segundo-o-maior-estudo-ja-feito-sobre-o-assunto.htm > Acesso: 17/10/2023 às 23h43

MARTINS, Alexandre. **A chave para a felicidade, segundo o maior estudo já feito sobre o assunto.** BBC, 24, fevereiro, 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cxe3pgjzj3no>>. Acesso em: 19/09/2023 às 01h32.

Montessori no Brasil, 2016. Disponível em [http://omb.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Educação Cósmica por Susan Stephenson.pdf](http://omb.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Educação_Cósmica_por_Susan_Stephenson.pdf). Acesso: 08 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, MAURÍCIO.VIVA BEM, 2023. **Mapa da felicidade: pesquisa mostra quem é mais feliz em São Paulo.** Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/agencia-estado/2023/03/20/mapa-da-felicidade-pesquisa-mostra-quem-e-mais-feliz-em-sao-paulo.htm>> Acesso: 17/10/2023 às 23h09

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO SUL, RS,2021. **A felicidade é nosso alvo: Desafios e possibilidades de uma educação humanizada.** Disponível em <[https://www.saojosedosul.rs.gov.br/web/noticias/1001/a-felicidade-e-nosso-alvo-desafios-e-possibilidades-de-uma-educacao-humanizada\\_1](https://www.saojosedosul.rs.gov.br/web/noticias/1001/a-felicidade-e-nosso-alvo-desafios-e-possibilidades-de-uma-educacao-humanizada_1)> Acesso: 30/10/2022 às 23h46

REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO. Porto Alegre: SEDUC-RS, 2018. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20181204/04125950-rcg-completo-site.pdf>> Acesso em: 27/11/2023 às 18h45.

SALOMÃO, Gabriel. **Material Montessori.** Março, 2019. Disponível em <https://larmontessori.com>. Acesso: 08/10/2023 às 23h56

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a Modernidade Líquida.** Dissertação Apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Disponível em: <[www.teses.usp.br/tese/disponveis/47/47/134/tde./sewaybrincker.me.pdf](http://www.teses.usp.br/tese/disponveis/47/47/134/tde./sewaybrincker.me.pdf)> Acesso: 10/10/2023.

SOUZA, BRUNO. Site Colégio Severiano Judá,2023. **Artigo do diretor: a felicidade e a educação.** Disponível em <<https://www.colegiojuda.com/a-felicidade-e-a-educacao/>> Acesso: 28/10/2022 às 23h20

STEPHENSON, Susan Mayclin. **Educação Cósmica: a descoberta da criança de uma visão global e a tarefa cósmica.** Tradução de Organização de TARAPANOFF, K. Educação corporativa. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA COMPETITIVA, 1., 2006, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: CIETEP, 2006. Disponível em: <http://www.gecic.com.br>. Acesso em: 22/10/2023. p. 59-70.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciências da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 172-178, 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/265/233>. Acesso em: 2 out. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>. Acesso em: 09/06/2023 às 23h17

UOL. **O Brasil é feliz? Estudo mapeia o que está no gap entre pessoas felizes e infelizes**. Disponível em: < <https://blog.publicidade.uol.com.br/brainstorm/o-brasil-e-feliz-estudo-mapeia-o-que-esta-no-gap-entre-pessoas-felizes-e-infelizes/> > Acesso: 16/09/2023 **WORLD HAPPINESS REPORT 2021**. Disponível em: < <https://worldhappiness.report/ed/2021/> > Acesso em: 26/11/ 2023 às 19h48

## ANEXO I

### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

#### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Prezado Senhor,  
 Jerivando Lira Braz  
 Diretor da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, modalidade monografia, acadêmica do aluno: CARLOS ANTÔNIO SILVA DOS SANTOS, CPF: 411.492.033-15, RG: 2005009002261 e Matrícula: 00463681, orientado pelo Profº Drº ALEXANDRE SANTIAGO, tendo como título preliminar: UNINDO FORÇAS: COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.

A coleta de dados será feita por meio de questionários com no máximo 5 a 7 perguntas.

Salientamos que todos os dados e informações necessárias para a pesquisa serão previamente submetidos à aprovação do responsável pela escola.

A presente atividade é requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Campus do Benfica.

Asseguramos todo sigilo destinado aos participantes na publicação das informações, caso a escola faça a opção pelo anonimato.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Fortaleza, 23 de novembro de 2023.

*Alexandre S.*  
 Professor Orientador

*Jerivando Lira Braz*  
 Diretor da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques  
 Matrícula: 12548823

*Carlos Antônio Silva dos Santos*  
 Aluno Orientando

## ANEXO II

## AUTORIZAÇÃO DO USO DO NOME DA ESCOLA À PESQUISA



EMEF ESTUDANTE ANA BEATRIZ MACEBO  
TAVARES MARQUES  
Recredenciamento e Reconhecimento  
PARECER CME Nº 51/2019  
VALIDADE ATÉ 31/12/2024

### AUTORIZAÇÃO PARA O USO DO NOME DA ESCOLA PESQUISADA EM TRABALHO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Prezados/as

Eu, Jenivando Lira Braz, Diretor da EMEF Estudante Ana Beatriz Macedo Tavares Marques, autorizo que o nome de nossa instituição de ensino, possa constar na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, realizada pelo aluno graduando em Pedagogia: CARLOS ANTÔNIO SILVA DOS SANTOS, CPF: 411.492.033-15, RG: 2005009502261 e Matrícula: 00463681, tendo como título: UNINDO FORÇAS: COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES NA CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.

Fortaleza, 23 de novembro de 2023.

Diretor da Escola

**Jenivando Lira Braz**  
DIRETOR GERAL  
Portaria: 2.257/2023

**ANEXO – III:  
FORMULÁRIO – A – DISCENTES**

Formulário A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA E PESQUISA (ENTREVISTA)

Idade:

Escola:

Série que leciona:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino.

Religião:

Mora próximo à escola que Bairro:

**PERGUNTAS PARA OS DISCENTES**

1) Você é feliz? Numa escala de 0 (zero) a 10 (dez) qual nota você atribui para sua felicidade?

2) Você se sente feliz na escola que estuda? Se (SIM), o que te faz tão feliz nesta escola? Se (NÃO), em que deve melhorar?

3) Quem te deixa feliz na escola os/as professores/as ou as/os amigas/amigos?

4) Os professores e as professoras te ajudam a ser mais feliz nesta escola?

5) Você aceitaria participar de algo que deixasse sua escola mais feliz?

6) O que te deixa triste na escola?

7) Em que você pode contribuir para que sua escola seja mais feliz?

**ANEXO – IV:  
FORMULÁRIO – B – DOCENTES**

Formulário B – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA E PESQUISA (ENTREVISTA)

Idade:

Escola:

Quais as Séries que leciona:

Turno/s:

Quantos anos como docente:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino.

Religião:

Mora em que Bairro:

**PERGUNTAS PARA OS DOCENTES**

- 1) Você acredita na Felicidade?
  
- 2) Você é feliz no seu trabalho como docente?
  
- 3) O que mais impacta na construção da felicidade no ambiente educacional?
  
- 4) Como você avalia o seu nível de felicidade com as condições de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional?
  
- 5) Você toparia participar de um grande movimento na educação brasileira que elevasse o grau de felicidade nas escolas e ambientes de educação?